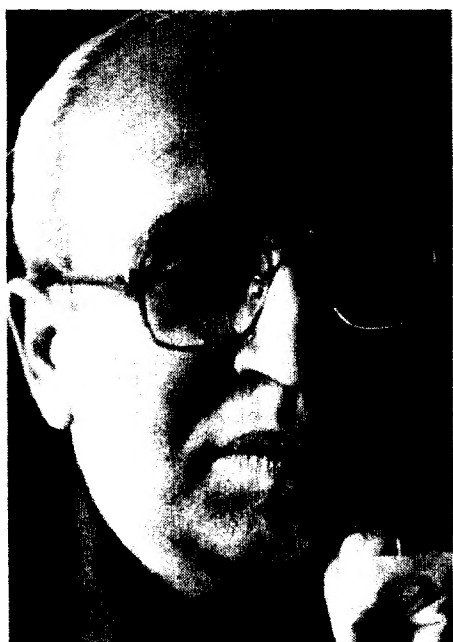




Calvet de Magalhães a 24 horas do Congresso Repetir o discurso do PCP não justifica existência do MDP

«Nós pensamos que só há alianças de coisas diferentes; aliar coisas iguais parece-nos uma redundância».

Esta uma das afirmações de Calvet de Magalhães, subscritor da chama «tese do 5.º partido», documento que ameaça provocar alguma polémica no Congresso do MDP/CDE que amanhã tem início em Lisboa.

«O papel histórico do MDP de contribuir para o não isolamento do PC terminou» — adianta ainda o nosso entrevistado. «A nosso ver a autonomia é hoje necessária na construção daquilo a que a gente chama a unidade democrática mais vasta, que é uma tese do secretariado. Unidade democrática em vez de unidade de esquerda» — diz ainda admitindo que, na sua óptica, a política de alianças do MDP poderá vir a definir-se numa área que vá do PSD ao PCP, passando naturalmente pelo PS e restantes formações da FRS.

Apesar destas posições Calvet de Magalhães pensa que «haja o que houver, o IV Congresso do MDP não terá vencedores nem vencidos». **Págs. 12 e 13.**

Função pública parada em todo o País

Os trabalhadores da Função Pública, que desde terça-feira têm efectuado paralisações rotativas por zonas do País, estão hoje em greve nacional. Esta **semana de luta**, que foi precedida de uma concentração junto à Assembleia da República, na quinta-feira da semana passada, visa pressionar o Governo no sentido de aprovar as reivindicações dos TFPs, designadamente aumentos de 22 por cento, com efeitos retroactivos a partir de 1 de Janeiro, aumento do subsídio de refeições e actualização das diuturnidades. Apoiada tanto pelos sindicatos da CGTP como pelos afectos à UGT, esta greve envolve cerca de 380 mil trabalhadores da Função Pública que, numa percentagem elevada, estão hoje paralisados.

Pág. 14



Ponte «franca» sobre o Tejo em resultado da greve da Função Pública

Entrevista com um assassino profissional

Quanto se paga nos EUA para ver abatido um cantor que deixou de dar lucro? E se o homem a abater for o Presidente? Por que é que o assassinio por «overdose» de droga está a ser preferido ao assassinio com arma de fogo? O FBI também recorre aos serviços dos profissionais «pagos para matar»? E a CIA?

As respostas a estas e a muitas outras perguntas estão contidas numa extensa entrevista que o Sete Ponto Sete **hoje publica**, realizada pelo «Le Monde Dimanche» com um assassino profissional. Trata-se de um

homem de origem francesa que, nos Estados Unidos, foi patrão de um grupo de «pagos para matar» trabalhando sob a capa legal de uma escola de artes marciais.

Dizimado o seu grupo pela polícia depois de vários anos de actividade, o homem conseguiu voltar a França «satisfeito, apenas com uma bala numa perna» e acabou por, em circunstâncias especiais, se deixar entrevistar. É a sua conversa com o jornalista que publicamos nesta edição, em rigoroso exclusivo para Portugal.

Incidente entre
o Governo espanhol
e o Episcopado

Bispos bascos e Imprensa denunciam perigos para a democracia

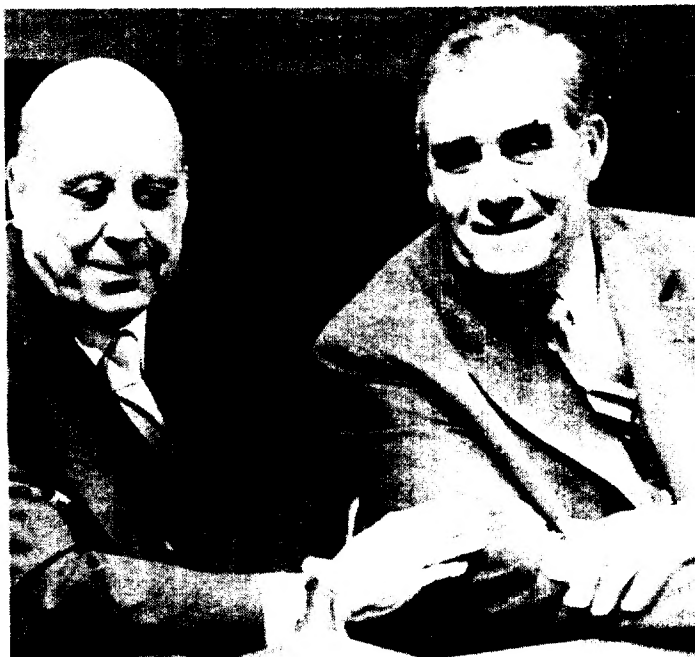
Pág. 17

Golpe falhou na Tailândia

Pág. 16

Homenagem a Magalhães Godinho AD transformou o Provedor num valor de troca

Um exemplo de verticalidade e de espírito democrático foi como o Presidente da República classificou o dr. José Magalhães Godinho, em mensagem enviada à sessão de homenagem ontem realizada no São Luiz, e que foi presidida por Adelino da Palma Carlos. Magalhães Godinho foi afastado da Provedoria de Justiça num «leilão de honras e cargos públicos» praticado pela AD.



Concurso "DL"/81

HOJE (na pág. 2) 5.º CUPÃO

E as páginas 9 e 10 do álbum Sempre Fixe

AMANHÃ

A capa do seu álbum a 4 cores

AINDA PODE CONCORRER! (leia o "DL" amanhã)

Professores dizem ao MEC o que pretendem e rejeitam

Os sindicatos de professores das zonas Norte, Centro e Sul e da Grande Lisboa foram ontem recebidos pelos secretários de Estado do Ministério da Educação.

O titular do ministério não pôde estar presente à reunião devido ao prolongamento do Conselho de Ministros.

A audiência destinou-se à apresentação da proposta reivindicativa subscrita por aqueles sindicatos, tendo-se tratado das prioridades de discussão, bem como da metodologia e calendário do trabalho subsequente.

A proposta aborda temas como a formação dos professores, as condições de trabalho e a participação dos sindicatos na definição da política de educação e gestão da vida escolar.

Neste último aspecto, os sindicatos defendem a criação de um «Conselho Nacional de Educação», no qual terão assento os Sindicatos dos Professores, a funcionar como órgão permanente de consulta do ministério.

Os sindicatos pretendem ser ouvidos no que respeita ao lançamento das escolas superiores de educação e intervir na elaboração dos despachos de interpretação e extensão do Estatuto da Carreira Docente dos universitários.

O alargamento do quadro dos professores do ensino primário, a criação de quadros de apoio a este grau de ensino e a garantia de possibilidade de estes professores poderem concorrer dentro da mesma localidade são outras das reivindicações dos sindicatos.

Quanto ao processamento dos vencimentos, os sindicatos exigem a alteração do pagamento dos salários dos professores do ensino primário de forma a garantir o seu recebimento em data fixa e com o mínimo de entraves burocráticos.

A regulamentação do regime de faltas e licenças, o regime de férias, a contagem de tempo de serviço, as necessidades de pessoal auxiliar, as instalações escolares e os horários fazem

também parte dos assuntos encarrados pelos sindicatos.

Sobre a formação de professores, reivindicou-se a consagração

exercício no ensino oficial, as correcções das anomalias detectadas neste processo e a realização de acções periódicas de actualização e aperfeiçoamento.

Ainda neste capítulo é pedida a criação de um «Centro de Investigação e Inovação Pedagógica» e a retomada do projecto de criação de centros regionais de apoio pedagógico.

Relativamente à gestão democrática das escolas, é reafirmada a necessidade de esta ser apoiada e aprofundada, sublinhando-se o respeito pelo princípio da participação efectiva de todos os sectores, a sua estruturação na base de órgãos colegiais eleitos.

A terminar, a proposta apresenta um capítulo dedicado aos

Neste sentido é reivindicada a implementação dos mecanismos legais que tornem efectivo o direito à negociação colectiva das condições de trabalho, consignados na convenção n.º 151 da Organização Internacional do Trabalho. (OIT).

Solidariedade dos professores de S. Miguel e Terceira

Os professores das ilhas de S. Miguel e Terceira decidiram paralisar hoje as suas actividades, conjuntamente com os trabalhadores da Função Pública.

A decisão foi tomada em plenários efectuados em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo por 254 votos a favor, 23 contra e oito abstenções.

Não são ainda conhecidas as posições dos professores das restantes ilhas do arquipélago.

Para além das reivindicações exigidas pela Função Pública, os professores pretendem a publicação de legislação que vincule o sindicato à Função Pública.

Educação especial e reclassificação

Os professores primários colocados no Instituto António Aurélio Costa Ferreira (IAACF), em Lisboa, vão ser reclassificados de acordo com a carreira docente do ensino básico.

Um grupo de trabalho, criado no âmbito do Ministério da Educação e Ciência (MEC) para reformular o quadro de pessoal do IAACF, decidiu que o diploma em preparação preveja a actualização desses quadros e não a sua reorganização.

Esta será eventualmente analisada após a publicação da Lei de Bases do Ensino Especial, que integra o IAACF na futura Escola Superior de Educação.

Entretanto, as categorias e a sua quantificação deverão decorrer do pessoal já vinculado, não se prevendo a criação de uma carreira docente para licenciados, nem lugares de directores de serviço.

Os professores e técnicos do IAACF têm vindo a denunciar o facto de o seu quadro de pessoal datar de 1945, provocando a desactualização dos seus salários. Segundo afirmam, chegam a ter um salário inferior aos professores primários que ali se vão formar em educação especial.

O IAACF é actualmente a única escola de formação de professores de educação especial e foi criado em 1915 para observação de crianças deficientes mentais, tendo iniciado o curso de Magistério para professores primários em 1942.

Eleita nova direcção dos professores/Centro

A lista proposta pelo actual executivo distrital de Coimbra do Sindicato dos Professores ganhou ontem as eleições para o próximo exercício.

«Fortalecer o Sindicato e dignificar o ensino» foi a sigla da lista que apenas não concorreu nos ensinos médio e particular.

Concorrem outra lista,

afecta à actual direcção do Sindicato dos Professores da Zona Centro, cuja proposta foi «um sindicato livre e independente ao serviço dos professores».

Votaram cerca de 65 por cento dos inscritos, 611 na lista vencedora e 268 na derrotada.

Comunicação Social

RDP no Maputo

Contactos para cooperação nos domínios da técnica

Uma delegação da Radiodifusão Portuguesa encontra-se, desde ontem, no Maputo para travar conversações com a direcção da Rádio Moçambique.

O principal tema dos contactos será a cooperação entre as duas emissoras nos domínios da técnica e da informação.

Espera-se que venha também a ser debatido um intercâmbio de programas.

A delegação portuguesa é composta por Américo de Carvalho, director de Informação, e Sálvo Albuquerque, da Direcção Técnica.

As conversações seguem-se a contactos mantidos em Lisboa.

Conselho de Redacção da ANOP

Os jornalistas Luís Magalhães,

Jaime Antunes, Vasco Fernandes, Luís Pinheiro de Almeida e Alfredo Cunha foram eleitos para o Conselho de Redacção da ANOP. Estes profissionais integram a lista «A», na qual figuravam como suplentes João Santa Rita e Margarida Santos. Números: 48 dos 103 votos entrados nas urnas.

Situou-se em segundo lugar a lista «C», formada pelos jornalistas Veiga Pereira, Fernando Cascais, Fernando Trigo, Nicole Dauder, Malaquias Marques (efectivos), Júlia Fernandes e Andrade Santos. Números de votos: quarenta.

A última foi a lista «B», com 12 sufrágios, constituída pelos jornalistas Ricardo Romão, José Luís Lança, Luís Ochoa, Ilídio Alves, Manuel Moura (efectivos).

José Mendonça e Abílio Marques Pinto.

Esta lista reservou na acta do escrutínio o direito de impugnar o acto «por considerar terem existido irregularidades na elaboração do caderno eleitoral» relacionadas com o direito de voto de cinco jornalistas.

ANOP/Madeira

O Governo da Região Autónoma da Madeira decidiu comprar uma máquina de telefotos, no valor de 800 mil escudos, para a Imprensa da região.

A aquisição do aparelho, sob proposta da ANOP, pretende assegurar o alargamento à Madeira do Serviço Telefotográfico daquela agência e possibilitar a cobertura fotográfica nacional de acontecimentos locais.

“Flashes”

● O jornal parisiense «Le Monde» vai publicar em fins de Maio um suplemento de oito páginas dedicado às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, segundo informação da ANOP. A fim de preparar este suplemento, encontra-se no arquipélago o correspondente de «Le Monde» em Portugal, José Rebelo.

● Todos os jornais de Belgrado aumentaram o seu preço de venda em cerca de 40 por cento como forma de fazer face às subidas dos custos da produção e do papel. Assim, um jornal de expansão nacional custa agora sete

dinars (cerca de vinte escudos). Ocorreu o mesmo aumento em outras cidades jugoslavas.

● A agência Novosti completa, no próximo dia 7 do corrente, seis anos de actividade em Portugal. Um almoço informal, nas instalações daquela agência, reunirá elementos de todos os meios de informação.

● Saiu «O Estaleiro» publicação periódica dos trabalhadores da Lisnave, um primeiro número com escritos de interesse.



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 5 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

LINHA SUBESTAÇÃO DE LOURES — EDEC — SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — QUINTA DA CALDEIRA — ODIVELAS. —LOURES (ZONA CENTRO)

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 1 DE ABRIL DE 1981

O Engenheiro Director Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

ASSEGURE OS EXEMPLARES DO «DL» NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

Leitor amigo, não se fie no acaso: reserve o «Diário de Lisboa» no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum posto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo, quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale do correio de 375\$00 e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos apenas para o período do concurso e, além de poupar, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS DL

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1981, pelo período correspondente a ☐ 30 jornais (concurso - 1 série) - (375\$00)

☐ 60 jornais (concurso - 2 séries) - (750\$00)

NOME _____

MORADA _____

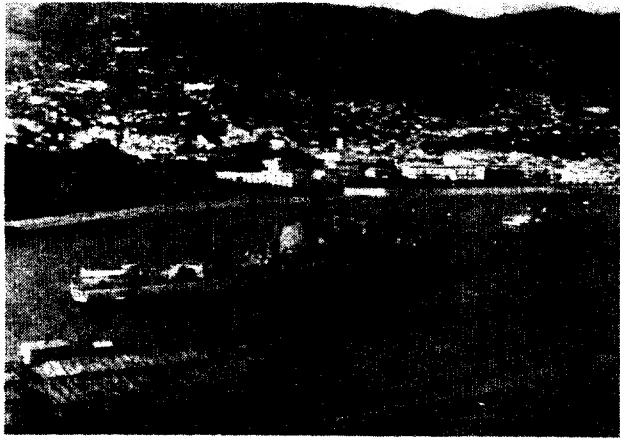
Juntar cheque ou vale do correio e enviar para:
(Diário de Lisboa) Rua Luz Soariano, 44 - 1200 LISBOA

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

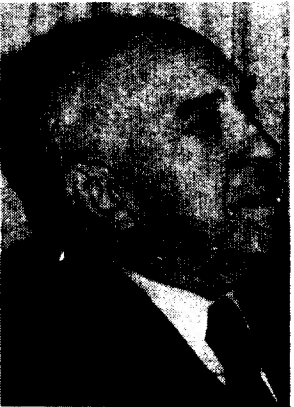
NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

AQUI D'EL ROCK HOJE ÀS 21.30 NAS CALDAS DA RAINHA

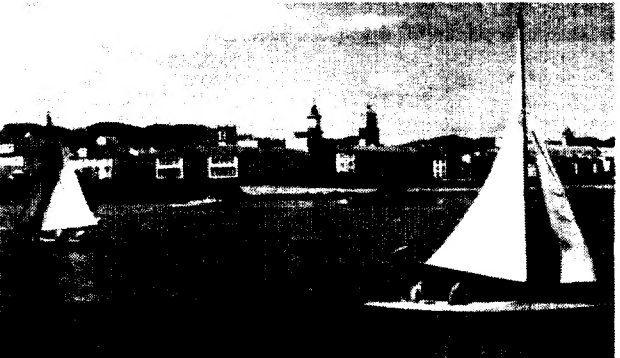
ponto a ponto



● Como anunciámos há dias, é esta noite que tem lugar, no posto de Turismo do Porto, uma sessão comemorativa do cinquentenário da revolta da Madeira, que eclodiu no Funchal a 4 de Abril de 1931. A evocação da efeméride é promovida por uma comissão de democratas, estando as intervenções a cargo do coronel Rogério dos Santos, Mário Cal Brandão, Raul Rego e conselheiro da Revolução Pizarat Correia.



● António Macedo, presidente do Partido Socialista, regressou ontem às bancadas do Parlamento, após mais de três meses de ausência, em consequência do desastre de automóvel de que foi vítima em Dezembro passado, quando seguia com Mário Soares para um almoço com o Presidente da República. António Macedo voltou a ocupar o seu lugar na Assembleia da República precisamente no dia em que se comemorou o quinto aniversário da promulgação da Constituição.



● Ponta Delgada celebrou ontem os seus 435 anos de elevação a cidade. Actual capital administrativa da Região Autónoma dos Açores, visto ser em Ponta Delgada que está localizada a sede do Governo Regional, ascendeu a cidade em 2 de Abril de 1546, no reinado de D. João III. Contando actualmente mais de 30 mil habitantes, a então vila de Ponta Delgada era composta naquele longínquo ano por cerca de 1500 fogos e 5400 habitantes.

● O Instituto Democracia e Liberdade passou a adoptar, a partir de ontem, a denominação de Instituto Amaro da Costa, de acordo com uma escritura celebrada nesse sentido. O conselho directivo do Instituto vai promover em breve uma cerimónia para consagrar a alteração da respectiva designação, aproveitando a oportunidade para homenagear o seu patrono.



● O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, fez ontem uma visita de trabalho ao Depósito Geral de Material da Força Aérea, em Alverca, fazendo-se acompanhar pelo comandante operacional da Força Aérea, pelo inspector geral e ainda pelos subchefes do Estado-Maior para a Logística e Pessoal. O DGMFA, de que é comandante o ten.-cor. Costa Pereira, tem como missões principais a recepção, armazenamento e abastecimento dos mais diversos materiais e componentes destinados às unidades da Força Aérea.

AS NOVAS TÉCNICAS AO SERVIÇO DO HOMEM

Gaston Deferre
Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

então, pode e deve ocupar o seu lugar na revolução tecnológica que abre o caminho às novas gerações da indústria. Remetermo-nos para o estrangeiro seria aceitar em todos os domínios a dependência, até a submissão, do país a qualquer dos blocos, quando temos agora mais do que nunca o dever de assegurar a independência nacional.

A enumeração feita anteriormente, que está longe de ser completa, abre perspectivas imensas. Mas é indispensável ter a vontade política de as utilizar e de as dominar. É preciso querer empenhar a França na via dessa verdadeira revolução técnica.

A Ciência não é neutra

Mas a Ciência não é neutra. A emenda sujeita-se a ser pior que o soneto.

1) Se a técnica não for posta ao serviço do homem. — É pre-

modo a que essas imensas possibilidades não resultem no agravamento, em vez do melhoramento, do destino dos homens.

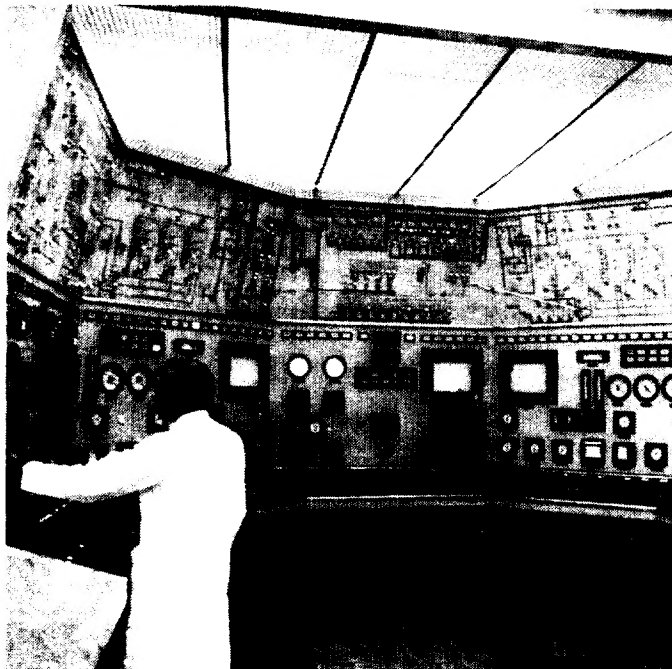
Antes de mais, suprimir o segredo é a primeira necessidade.

Por que razão o Governo actual retarda o momento em que os estudos empreendidos em matéria de telemática serão comunicados ao Parlamento, expostos aos franceses? Por que razão os nossos compatriotas não são tratados como seres maiores?

É preciso alertar a opinião, consultá-la, organizar um largo consenso democrático para dar a conhecer as vantagens e os inconvenientes desta revolução técnica, associar os franceses a este vasto empreendimento.

As vantagens da transformação que nos espera serão imensas se ela for realizada a tempo.

Para andar depressa, evitando os dramas mais graves ainda do que os que estamos a viver no domínio do emprego, é



ciso evitar, como aconteceu depois da descoberta da máquina a vapor, que esses instrumentos de trabalho e de poder sejam utilizados para assegurar o domínio do homem pelo homem, do homem pelo Estado, do homem pelas multinacionais mais fortes, mais ricas que a maioria dos Estados, inumanas, e para as quais os lucros, sejam quais forem, nunca são suficientes, como o provam, por exemplo, os lucros acumulados pelas empresas petrolíferas, sobretudo nos últimos anos.

2) Se não tiver sido prevista uma transição de modo que a passagem de um tipo de economia a outro não seja dramática para o modo de vida, para o emprego daqueles cujo género de actividade terá que mudar. E todos estarão ameaçados, quadros superiores e subalternos, operários, funcionários administrativos.

3) Se não forem tomadas disposições para preservar as liberdades individuais e colectivas que podem facilmente ser atingidas e mesmo suprimidas pelos sistemas da informática e telemática. Tanto mais que essas técnicas conjuntamente com a Rádio e a Televisão, vídeo-cassettes e videodiscos, têm tendência para limitar, mesmo suprimir, as relações entre os indivíduos, para os isolar uns dos outros. O que o Governo deseja, para melhor os doutrinar. Em resumo, é preciso agir de

preciso saber preparar a transição entre a sociedade industrial actual e a sociedade da electrónica.

O que é primordial, vital, é, por um lado, um verdadeiro plano económico e social; por outro lado uma completa descentralização das estruturas políticas, económicas e administrativas. Falhando uma delas, é o fracasso.

A planificação, uma planificação democrática tal como a preconizam os socialistas para o futuro, tendo em conta lições e planos postos em acção para reconstruir a França depois da guerra (o que não era assim tão simples, mas foi demasiado depressa levado a termo) pode só por si permitir ver a inevitável transformação realizar-se em benefício do homem.

Esses campeões do livre empreendimento que são os japoneses consideram que é preciso, na próxima etapa, associar o Estado e o sector privado.

O programa do Partido Socialista prevê nacionalizações.

Sem esperar que elas se façam, grandes sociedades nacionais como a EDF, a Renault, a SNIAS, por exemplo, podem ser utilizadas com esse fim. Foram criadas depois da guerra por Governos integrados ou dirigidos

por socialistas. A concepção das nacionalizações evoluiu posteriormente. De resto, as empresas nacionais devem, respeitando sempre o plano, funcionar sem estarem submetidas aos constrangimentos administrativos do serviço público. A EDF, a Renault e a SNIAS, para só citar estas, depois de diversas peripécias, afirmaram-se cada uma em seu domínio. A EDF veio a tornar-se um pouco um Estado dentro do Estado, demasiado imperialista depois do lançamento do programa nuclear, não tendo em conta a vontade dos autarcas. Mas é evidente que a produção de electricidade pela construção de barragens, depois pela indústria nuclear, o transporte e a distribuição estavam, por causa do aumento de consumo, fora do alcance das empresas privadas.

Através da associação das grandes sociedades do Estado e a iniciativa privada, o interesse geral será preservado e a esclerosis administrativa será evitada, sem prejuízo das nacionalizações que devem ser feitas em certos sectores para evitar os monopólios e o domínio de certos grupos multinacionais.

Nada disto será possível, o futuro não será assegurado se ao mesmo tempo não se fizer um esforço considerável de investigação fundamental e aplicada.

Um Governo socialista lançaria desde a sua formação, um vasto programa de construção de laboratórios e de formação de investigadores para recuperar os atrasos acumulados em consequência da política actual e para abrir à França as possibilidades novas, agora mais do que nunca indispensáveis à vida da nação.

A informática é já um instrumento perigoso para as liberdades, entre as mãos de um Governo de direita que quer controlar tudo, que desconfia dos cidadãos, que os quer dominar, que suporta mal a oposição.

A tentação de meter os franceses em fichas, de interrelacionar os ficheiros, de violar os segredos da vida privada, de instalar um Estado policial, é grande para os homens de direita, tão grande que não lhe resistiram. Foi preciso a imprensa protestar para que o Ministério do Interior modificasse o sistema preparado para os cartões de identidade informatizados. E não acabou.

Como confiar em homens que fizeram das escutas telefónicas um meio de governar? Não é possível contar com eles para dominar os processos informáticos e telemáticos sem abusos.

A descentralização para fazer da França uma nação moderna

Como acreditar que um chefe de Estado que centraliza todos os poderes, que manteve uma tutela, verdadeira coleira, sobre as autarquias locais, aceitaria realizar a descentralização indispensável para fazer contrapeso às técnicas novas?

Os socialistas propõem uma descentralização completa das autarquias locais eleitas por sufrágio universal, que disporiam no quadro das suas competências, de uma liberdade completa, incluindo as regiões que sairiam do Estado bastardo a que a lei de 1971 as confinou. As suas decisões seriam executórias imediatamente, sem vistos nem autorização da prefeitura ou ministerial, como actualmente lhes é imposto.

A França, que continua a viver sob as leis napoleónicas, reforçadas por Petain e os Governos que lhe sucederam, ficaria liberta

Homenagem a José Magalhães Godinho

Eanes saudou o exemplo do ex-Provedor de Justiça

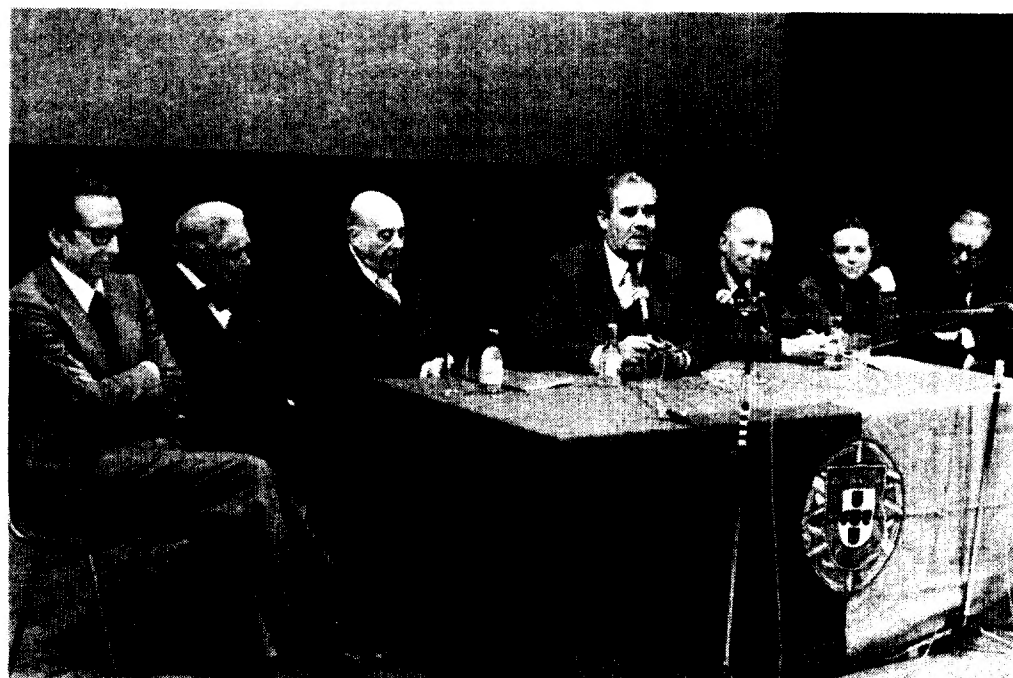
«O dr. José Magalhães Godinho soube sempre, pela sua acção e pela luta constante por uma sociedade em que o homem fosse respeitado nos seus mais elementares direitos, constituir-se como exemplo de verticalidade e espírito democrático» — afirmou ontem o Presidente da República numa mensagem enviada ao antigo Provedor de Justiça, por ocasião da sessão de

de José Magalhães Godinho do cargo de Provedor da Justiça, em que foi substituído por uma antigo juiz do Supremo Tribunal Administrativo, militante centrista, não deixou de se associar à homenagem, que tinha principalmente um significado de desagravo.

A sessão foi presidida pelo prof. Adelino da Palma Carlos, que se encontrava ladeado por

mentar do PS, salientou o «rigor» que foi e é a vida política de Magalhães Godinho, afirmando também que a homenagem constituía «uma manifestação de certeza na vitória da democracia e do socialismo democrático».

Por fim, falou o próprio Magalhães Godinho. Definindo o perfil da sua geração, afirmou: «Nós somos os jovens que começámos a resistir à tirania logo em



Salgado Zenha, Fernando Vale, Magalhães Godinho, Adelino Palma Carlos, Ramos da Costa, Margarida Marques e Piteira Santos na mesa que presidiu à sessão do S. Luís

homenagem que lhe foi dedicada por iniciativa do grupo parlamentar do Partido Socialista.

E foi o reconhecimento das qualidades cívicas do homenageado e da sua coragem física e moral que juntou algumas centenas de pessoas no S. Luís e fez muitas outras enviar mensagens. Mas, naturalmente, as ausências também se contaram. E a mais sentida foi de certo a do secretário-geral do PS, Mário Soares, ausente no Algarve, em campanha eleitoral interna. Nem sequer um telegrama enviou a associar-se à homenagem. Já Tito de Morais esteve presente e Marcelo Curto, como primeiro subscritor da moção da Esquerda Laboral enviou um telegrama de felicitações. Outros o fizeram também, como Olindo de Figueiredo, o ministro da Justiça, o dr. Coelho Ribeiro, Vítor Alves, João Lima, Carlos Botelho, Jorge Sampaio, José Vera Jardim, Rui Alarcão, Jorge Miranda, António Macedo, o secretariado da FAUL, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, o dr. Almeida Carrapato, Natália Correia, Vasco de Castro, o prof. Henrique de Barros, Tiago de Oliveira, o tenente-coronel Pezarat Correia e a URAP. Presentes também deputados do Partido Socialista e o vice-presidente da Assembleia da República, Nuno Rodrigues dos Santos, do PSD, e o deputado Sanches Osório, do CDS (que foi o primeiro dos assistentes a subir ao palco do S. Luís para cumprimentar Magalhães Godinho). De entre as mensagens cumpre ainda salientar a do CDS. O grupo parlamentar deste partido, principal responsável pelo afastamento

Salgado Zenha, Fernando Vale, Ramos da Costa, Margarida Marques e Fernando Piteira Santos.

«É em homens como José Magalhães Godinho com um passado e um presente de luta permanente e firme pela liberdade e pelo socialismo que os jovens encontrarão a esperança, a força, a coragem de lutar pela transformação das suas condições de vida, de lutar por um mundo diferente, por uma nova sociedade», afirmou a secretária-coordenadora da Juventude Socialista, Margarida Marques, ao recordar o antigo presidente da Associação de Estudantes do Liceu Gil Vicente, depois de ter associado a homenagem a Magalhães Godinho, à passagem de mais um aniversário da Constituição. E sobre o «militante honorário da J.S.», Margarida Marques disse ainda ser ele «um modelo de militante da causa da liberdade da democracia e do socialismo». Recordando a que é aos jovens que caberá manter vivo o espírito do 25 de Abril terminou afirmando que «se lutar é trabalhar com este fim, a esperança e o riso madrugarão antes dos passá-ros».

Piteira Santos, director-adjunto do «CL», falou principalmente sobre o perfil de Magalhães Godinho como lutador antifascista, nos diversos movimentos unitários de oposição ao salazarismo, mas sem deixar de denunciar o «leilão das honras e cargos públicos» em que a AD se lançou, «pervertendo e partidariando o cargo de Provedor de Justiça».

Salgado Zenha, líder parla-

1926, e que ainda hoje estamos prontos a dar a vida, se necessário for, para que a liberdade reconquistada, a democracia restaurada, a esperança do progresso e justiça social que o 25 de Abril trouxe a este país martirizado por 48 anos de obscurantismo e de tirania, não mais possa perder-se».

«Se há honra em ser prejudicado por abraçar e lutar por uma causa justa, ser adulado ou beneficiado por transigir com o arbitrio a violência, a corrupção ou a vaidade, só pode ser motivo de desonra e de vergonha», disse também Magalhães Godinho, depois de ter salientado que ao longo da sua vida profissional como advogado foram mais as causas em que interveio sem receber honorários das que aqueles em que foi pago.

No projecto de revisão da FRS Governo é apenas responsável perante o Parlamento

O projecto de revisão constitucional da FRS defende a nomeação e exoneração do chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas pelo Presidente da República, mas sob proposta do Governo.

O texto com 288 artigos (menos 14 do que os da Constituição vigente) é discutido na próxima semana, durante as jornadas parlamentares do PS.

Hoje distribuído aos deputados da FRS, o projecto obtido pela ANOP é da responsabilidade de uma comissão da qual fazem parte Almeida Santos (PS), Jorge Miranda (ASDI) e António Vitorino (UEDS).

uma jurisdição independente, com sanções que podiam ir até à revogação. Seria o fim da esclerose que nos invade, que nos paralisa.

Os franceses saberão aproveitar a oportunidade que se lhes depara: mudar o presidente da República, eleger François Mitterrand, mudar de política, escancarar todas as portas e jane-

Assembleia da República “A Constituição une o povo à sua volta” — é também a opinião do PPM

Era o 5.º aniversário da Constituição. Dia de festa, como muitos deputados o classificaram, ontem à tarde na Assembleia da República. E, num funeral como num aniversário, o ataque passa a elogio, a crítica ao «balanço» favorável. Ficam os amigos, com um silêncio dignificante, com as palavras de sempre. Limpidas. Claras. O apoio do dia-a-dia.

Foi a comemoração do aniversário da Constituição. Os partidos, todos os partidos, fizeram um discurso de 10 minutos sobre a Constituição. O representante do PPM recordou que o seu partido lhe chamou um «ABORTO». Mas ali, ontem, Barilaro Ruas admitiu que «apesar dos seus defeitos, a Constituição tem a virtude de unir o povo à sua volta» já que «a Constituição foi a restauração do passado remoto e o repúdio do passado imediato no que este tinha de contrário à legitimidade popular».

Amândio de Azevedo (PSD) e Azevedo Soares, do CDS, também estiveram na «festa». O social-democrata Amândio de Azevedo não lhe chamou «aborto», mas DEFICIENTE, devido ao «período difícil em que a gestão da Lei-Mãe se processou e que inevitavelmente se reflectiu no seu conteúdo». Batendo-se pela sua revisão — expressão de Amândio de Azevedo — a Constituição não deixou de ser classificada como um «texto positivo». Anunciou a entrega do projecto de revisão constitucional da AD para os próximos dias.

«Se há cinco anos a Constituição foi saudada como o fim do período revolucionário, terá agora de se-lo como o início de uma nova etapa» — é

Azevedo Soares do CDS, numa formulação de regozijo pelo que ele interpreta como tendo sido o «balanço» positivo da Constituição e aquilo que prevê que se torne o texto constitucional.

Enquanto Mário Tomé, da UDP, se insurgiu contra a revisão constitucional, mas defendeu a «aplicação prática» do texto constitucional, quer o MDP, quer a UEDS se referiram à próxima revisão constitucional. António Vitorino (UEDS) declarou «rever significa melhorar sem alterar, pois não queremos uma Constituição estéril e que assegure o não-regresso ao passado. Herbert Goulart (MDP/CDE) anunciou princípios básicos que o texto constitucional deve manter, como as liberdades individuais, os direitos dos trabalhadores, impedir a criação de uma nova oligarquia financeira, consolidar o estado democrático.

«A Magna Carta»

Partido Socialista e Partido Comunista discursaram também neste aniversário da Constituição. Os dois partidos, juntamente com Jorge Miranda (então no PPD) foram os grandes obreiros do texto constitucional. Por isso, cinco anos depois, a festa para eles é sempre uma festa

especial. António Reis, do PS, sublinha: «A Constituição serviu não só para institucionalizar a via revolucionária democrática, mas também para barrar o caminho ao restauracionismo autoritário e antidemocrático.» Prestou homenagem ao Conselho da Revolução — «ao longo destes cinco anos, mais do que o tutor, procurou ser sempre o seu discreto garante» e referiu-se ao Presidente da República. «A vitória de Eanes, nas últimas eleições, foi a consagração decisiva da Constituição, na medida em que toda a sua actuação anterior se norteava pela Constituição que jurara e foi, ao mesmo tempo, a derrota dos que apostaram numa outra velha Constituição.»

E terminamos com a intervenção do Partido Comunista, feita por Lino Lima. «Magna Carta» foi como o deputado comunista chamou à Constituição, pela «grandeza histórica que assumiu para o nosso país», acrescentando que «a Constituição da República tornou-se a linha divisória entre os que, em cada momento, defendem consequentemente a democracia e aqueles que pretendem ou facilitam o regresso a uma noite como a do fascismo». «É nessa fronteira» —

conclui Lino Lima — «que se têm travado as grandes batalhas políticas e sociais que caracterizam os últimos cinco anos em Portugal, nos quais os democratas, os trabalhadores têm tido a seu lado a Constituição.»

Riscos da geada negra

O risco resultante da geada negra passa a estar, também, coberto pelo seguro de colheitas, segundo despacho assinado pelo ministro da Agricultura. Ao mesmo tempo este seguro foi alargado a mais 13 culturas, em diploma remetido para o «Diário da República».

As novas culturas a que foi alargado o seguro de colheitas são batata (primaveril), olival para produção de azeitona de conserva), prunoideias (pesequeiros e ameixoeiras), castanheiros, nogueira, aveleira, fava, grão-de-bico, ervilha (primaveril-estival), feijão (grão),

Melão, lúpulo e tabaco.

Outro despacho do MAP fixa em 20 por cento a bonificação dos prémios de risco de todas as culturas abrangidas pelo seguro de colheitas e torna mais favoráveis certas categorias específicas.

Continuação da pag. 3

de constrangimentos arcaicos, parlamentares. As cidades, os departamentos, as regiões, poderiam expandir-se como aconteceu em todos os países democráticos que temos à nossa volta: a Alemanha Federal, a Grã-Bretanha, Itália, a Bélgica, a Suíça. Os centros de decisão seriam re-

partidos pelo conjunto do território tal como acontece em todos os países modernos. Os directores de empresa também não teriam mais a obrigação de ir todas as semanas a Paris com os seus «dossiers» para os fazer avançar.

As autarquias locais, finalmente livres, seriam submetidas a um controlo «a posteriori» por

las do futuro para construir uma sociedade moderna mais justa, enquanto ainda é tempo?

A escolha é clara entre: os conservadores, cuja razão de ser — já bem o demonstraram — é ficar ligados a um passado mais que prescrito, que tentam demasiado tarde interessar-se pelo trabalho manual, que procedem a uma derrisória distribuição de

créditos às categorias sociais defraudadas pelo Poder, que deixaram as grandes multinacionais dominar e mesmo arruinar sectores inteiros da economia francesa, que, em Nairobi, depois em Tóquio, aceitaram um sistema monetário internacional gerador de inflação e de submissão ao estrangeiro; os socialistas, que saberão levar a França

ao «bom caminho», modernizando a economia francesa pela utilização de novas técnicas, postas desta vez ao serviço do homem, de tal modo que a transição seja assegurada como convém e que todas as nossas liberdades, a nossa originalidade, a nossa qualidade de vida, sejam preservadas, aumentadas, garantidas.

As novas técnicas ao serviço do homem

Congresso do PS

Síntese ainda é possível até 23 de Abril

A síntese entre as diversas moções propostas ao Congresso socialista do Coliseu poderá ser feita até ao dia 23 deste mês, apesar de Mário Soares continuar a recusar qualquer hipótese de ser apresentada apenas uma moção. Vítor Constâncio, que subscreve a moção do Secretariado, admitiu, conforme já revelamos na nossa edição de ontem, a possibilidade de se conseguir um acordo, pelo menos em pontos essenciais.

«Existe entre as moções (do Secretariado e de Mário Soares) um fundo ideológico comum e portanto uma larga zona de consenso, que deveria ser possível concretizar num único texto» — disse à ANOP.

Constâncio disse «ser natural que alguns pontos mais sensíveis de divergência não seja possível chegar a acordo», mas, acrescentou, «nesse caso o Congresso estaria perante um texto-base e algumas alternativas em pontos concretos, desdramatizando-se assim os termos de um confronto que ameaça pôr em causa a unidade do partido».

Constâncio contestou que a moção de que é um dos proponentes tenha sido elaborada à revelia do secretário-geral do PS e sem que tenha sido tentada uma negociação prévia.

O dirigente socialista disse por exemplo, que «a 30 de Janeiro e a 5 de Fevereiro foi dado conta a Mário Soares das iniciativas para a preparação de uma moção, bem como das grandes linhas do seu conteúdo, as quais foram discutidas informalmente com ele, nessas conversas».

«Não se tratou de certo — prosseguiu — de um contacto formal dos sete proponentes, nem era possível, então, entregar qualquer texto, visto que o primeiro projecto de moção apenas ficou concluído no fim-de-semana 7 e 8 de Fevereiro».

Vítor Constâncio declarou à ANOP que logo em 5 de Fevereiro Mário Soares «anunciou a sua inabalável decisão de apresentar ele próprio e sozinho uma moção ao Congresso, atitude que tornou pública na entrevista do dia 9 de Fevereiro ao «Portugal Hoje».

«A partir desta definição de posição de Mário Soares não fazia, pois, sentido falar em negociação prévia para se chegar a um texto consensual» — acrescentou.

Vítor Constâncio afirmou que, depois de conhecida a posição de Mário Soares, se decidiu continuar a elaboração da moção por dois motivos.

Em primeiro lugar, porque se entendeu que num partido democrático não se poderiam esconder as convicções e deixar de apresentar um conjunto de propostas estatutárias.

Em segundo, para permitir que em torno dessa moção se pudesse organizar e elaborar uma lista para os órgãos nacionais, possibilitando, assim, que o Congresso pudesse proceder a uma selecção democrática dos dirigentes nacionais.

Constâncio recordou que ele e Salgado Zenha convidaram Mário Soares e Almeida Santos para um almoço no dia 12 de Fevereiro — início da circulação restrita da moção — com o objectivo anunciado de fazer a entrega do projecto.

Contudo, disse, o almoço não se realizou por ausência no estrangeiro do secretário-geral do PS.

A entrega a Soares, continuou Constâncio, só viria a efectuar-se no seu regresso a Portugal, sensivelmente na mesma ocasião em que foi entregue na Comissão de Organização do Congresso.

«Tendo-se decidido manter a moção na fase de preparação do Congresso — salientou — nunca os proponentes viram, nessa decisão, qualquer incompatibili-

dade com o desejo de tentar agora uma negociação com vista a uma moção-síntese».

«Após o debate, que se tem vindo a fazer no partido, é a altura de tirar conclusões e de procurar contribuir para tentar uma solução consensual para a orientação da vida do partido» — Terminou Vítor Constâncio.

Soares em Faro

Entretanto em Faro o

secretário-geral do Partido Socialista defendeu que todas as moções de estratégia do seu partido sejam discutidas em Congresso.

Mário Soares, que se deslocou ao Algarve para esclarecer os militantes do PS sobre a sua moção, afirmou que, até à reunião daquele órgão, se deverá «desenvolver e aprofundar» o debate dos documentos apresen-

tados.

O líder socialista recusou-se a comentar declarações prestadas na quinta-feira à RDP por Salgado Zenha — um dos subscritores da moção do Secretariado — que deu a entender que estaria aberto à negociação com vista a uma possível moção-síntese.

Afirmou, no entanto, que todas as negociações «devem ser feitas depois do Congresso» e que,

só após a escolha por este de uma moção que «pareça maioritariamente merecer consenso entre o partido», se «irá naturalmente fazer a síntese».

Tal síntese é, segundo Mário Soares, «a unidade do partido» unidade de que disse ser a favor «na clarificação e não na ambiguidade».

«Se a síntese fosse anterior ao

Congresso era ambígua. Se for posterior é clara» — frisou.

Na sua deslocação ao Algarve, o secretário-geral do PS teve reuniões nas secções do seu partido em Albufeira, Silves, Lagos, Portimão, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Loulé, tendo concluído a visita com uma reunião na sede da federação em Faro.



Na dimensão do espaço...

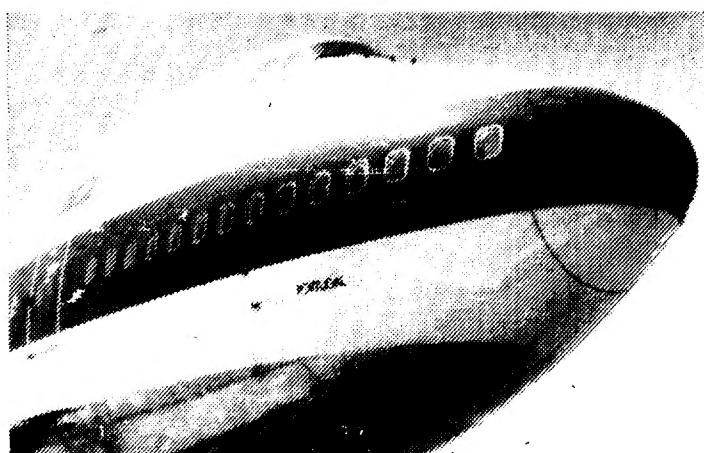
As asas da TAP Air Portugal cruzam o espaço para todos os destinos. E percorrem milhões de milhas em cada ano.

A dimensão dos Portugueses foi sempre o mundo. Por isso, escreveram na história a epopeia dos descobrimentos. Talvez tivesse sido o mesmo espírito que, há cerca de 3 séculos, levou o Padre Bartolomeu de Gusmão a cruzar "ares nunca dantes navegados". Foi esta a raiz de que nascemos. Com as rodas firmadas na terra portuguesa estendemos as asas aos quatro cantos do mundo. Mantemos em contacto as comunidades portuguesas. Através duma nova imagem

queremos que nos conheçam melhor, aqui e em toda a parte. Por isso, os nossos aviões ostentam as cores da nossa bandeira.

... a nossa verdadeira dimensão

Gostariamos que, você também, nos conhecesse melhor. Voamos para mais de 40 destinos em 4 continentes, e possuímos 71 escritórios espalhados pelo mundo. Gozamos de uma merecida reputação de eficiência, responsabilidade e experiência a nível internacional. Porque sabemos o que é voar. Porque nos preocupamos com o bem estar e o conforto dos nossos passageiros. Porque, no campo da manutenção de aviões, somos reconhecidos entre os melhores de todo o mundo. Porque treinamos os nossos pilotos e o nosso pessoal de terra, em escolas próprias, estruturadas segundo os mais altos índices de modernidade. Não é por acaso que muitas companhias de aviação estrangeiras recorrem às nossas escolas para o treino dos seus quadros e aos nossos serviços para a manutenção dos seus aviões. Não é por acaso que nos orgulhamos de ser



ESPIRAL

12P
AIR PORTUGAL

Freitas do Amaral no Vaticano

O líder do CDS português, Diogo Freitas do Amaral, esteve ontem no Vaticano, à frente duma delegação da União Europeia das Democracias-Cristãs, que foi recebida por João Paulo II.

A audiência prendia-se com o centenário do nascimento do político democrata-cristão Alcide de Gasperi, de quem hoje se evoca o centenário do nascimento, principalmente no âmbito da democracia-cristã europeia.

Falando à delegação, o Papa elogiou a figura e a obra de Gasperi, «católico relevante e político de prestígio», disse, salientando o seu trabalho com Robert Schumann e Konrad Adenauer, a favor da União Europeia. Gasperi foi chefe do Governo italiano entre Dezembro de 1945 e Julho de 1953, tendo morrido em Agosto de 1954.

Conselho de Ministros Governo extingue IARN e prepara falências de empresas intervencionadas

O Conselho de Ministros aprovou, na sua reunião de ontem, um diploma que revoga toda a legislação sobre a intervenção do Estado nas empresas privadas e contempla, ao mesmo tempo, as «medidas transitórias para regular adequadamente o termo das situações ainda em curso».

A intervenção do Estado nas empresas ocorreu após o 25 de Abril, tendo então sido aprovada legislação susceptível de manter em funcionamento numerosas unidades industriais, abandonadas pelos seus proprietários ou em situação económica difícil. A medida agora tomada tinha sido anunciada recentemente pelo ministro Morais Leitão que previu também a reposição do regime legal que prevê a falência de empresas consideradas «economicamente inviáveis».

Na mesma reunião, o Executivo deliberou extinguir o IARN (Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais), organismo criado em 1975, altura em que milhares de portugueses radicados nas antigas colónias regressaram massivamente ao País.

Outro decreto-lei aprovado pelo Governo efectiva a «regionalização dos serviços de Gabinete de Gestão do Fundo do Desemprego» situados na região autónoma dos Açores.

gas colónias regressaram massivamente ao País.

Na base desta decisão está o facto de a lista de candidaturas da coligação não ter sido anunciada publicamente, dentro dos prazos estabelecidos.

Assim, concorrem a este acto eleitoral o PS, a APU e o PCTP/MRPP.

As eleições têm origem na demissão em bloco dos representantes do PS e da APU e consequente falta de «quorum» deste órgão autárquico. Estes autarcas acusaram

Por decisão judicial AD excluída das eleições na freguesia do Ameal

A lista da Aliança Democrática às eleições de 26 de Abril para a Assembleia de Freguesia do Ameal foi rejeitada pelo Primeiro Juízo do Tribunal Judicial de Coimbra — apurou a ANOP.

então o presidente da Junta de Freguesia do Ameal de «se negar a dar cumprimento a deliberações tomadas democraticamente em sucessivas reuniões da assembleia».

Demissão em Vila do Conde

O presidente da Câmara de Vila do Conde, eleito pelo PS, demitiu-se do cargo alegando razões profissionais.

Fernando Gomes, vice-presidente do Conselho Nacional do Plano, vai ser substituído no município por Mário Almeida, número dois na lista socialista concorrente às eleições autárquicas de 1979.

Thorn convidado a visitar Portugal

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Gonçalves Pereira, convidou oficialmente o presidente da Comunidade Europeia, Gas-

ton Thorn, a visitar Portugal.

O convite foi formulado no decurso do encontro que Gonçalves Pereira e Álvaro Barreto, ministro da Integra-

ção Europeia, tiveram ontem com Thorn, sendo a data e o programa da visita fixados posteriormente.

Gonçalves Pereira, que

presidiu ao encontro de embaixadores portugueses junto dos países da CEE a decorrer em Bruxelas, foi também recebido pelo secretário-geral da NATO.



Direcção de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nas seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

5. SECTOR — CONCELHO DE LISBOA: R. das Trinas, 1 a 21 e 2 a 20, C. Marquês de Abrantes, 96 a 150 e R. da Esperança, 71 a 105 e de 144 a 184.

8. SECTOR — R. José Duro, 19 a 35, R. St.ª Marta, 17-B a 29-C e Av. Roma, 119 a 131.

10. SECTOR — B. Musgueira (parte), Estr. das Amoreiras, arruamento à Q.t.ª das Calvanas de Cima, R. A à Q.t.ª das Lavadeiras de 2 a 12 e de 1 a 11, Q.t.ª do Alto à Av. do Brasil, Q.t.ª da Carrapata (parte) e imediações, Estr. do Lumiar (parte), R. Direita, Az. do Porto, Az. do Poço de Baixo e imediações (das 8 às 12 horas).

1. ZONA — CONCELHO DE OBRINHAS: Paço de Arcos: Av. Sr. Jesus dos Navegantes, R. José de Oliveira Raposo, R. Dr. António Teixeira de Vasconcelos, Praceta Dionísio Matias, R. Costa Pinto, R. Marquês de Pombal, R. Cândido dos Reis, R. Forte de S. Pedro, R. Dionísio dos Santos Matias, R. Joaquim Moreira Rato, R. Jorge Fontana, R. Vista Alegre, Praça Guilherme Gomes Fernandes, Murganhal: Estr. para Barcarena, Estr. para Laveiras e imediações (das 8 às 14 horas).

2. ZONA — CONCELHO DE CASCAIS: Monte Estoril: R. dos Açores, Av. Sante, Av. Faial, Av. da Venezuela e imediações. Monte Estoril: Av. do Lago, Av. Piemonte, Av. Biarritz, Av. de S. Remo, Av. de Sabóia (parte), R. de Trouvill, R. do Lido, R. de Nice, R. Alegre (parte). Cascais: R. Joaquim Ereira, R. Jaime Thomson e imediações (das 8 às 14 horas).

3. ZONA — CONCELHO DE SINTRA: Sintra: Av. Aviação Portuguesa, Estr. Boialvo e imediações, Loural, Campo Raso, Rinchoa: Av. dos Choupais, Av. das Olaias, Av. dos Plátanos, Av. das Acácias, Av. das Tilias, Av. dos Carvalhos e imediações. Pêro Pinheiro: Estr. de Maceira, Estr. para Granja dos Serroes e imediações. Galamares: Q.t.ª do Cosme, Eugária, Nataros, Jans e Mucital (parte) (das 8 às 14 horas).

4. ZONA — CONCELHO DE VILA FRANCA: S. Romão, Bom Sucesso, Arcena, A-dos-Potes, Fazendinha, A-dos-Melros, Encosta da Fonte, Calhandriz, Pardieiro, Adanaia, Casas Tojais e imediações (das 8 às 14 horas).

5. ZONA — CONCELHO DE ALENQUER: Paula, Cabanas de Torres, Casal da Ramada, Cabanas do Chão, Estribeiro, Atouguia, Bairro (das 8 às 14 horas).

6. ZONA — CONCELHO DE MAFRA: Malveira de Cima (das 8 às 14 horas).

7. ZONA — CONCELHO DE TORRES VEDRAS: Paul, Matos Velhos, Varatão, Ponte Crada, Q.t.ª das Figueiras, Ribeira Fedrinhos, Gibaltar, Bordinheira, Ponte Ról, Montingão, Cadouço, Estrada, Moçafreira, Arneiros, Casal Fernandinho, Aboboreira, Asseiceira, Freiria, Chãos, Serreira, Souto e Valverde (das 8 às 14 horas).



SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS
DO CENTRO

MOÇÃO

Considerando:

1 — Que as medidas recentemente saídas do Governo visam o desmantelamento total do Sector nacionalizado de Transportes e dentro deste a C. P.

2 — Que tais medidas em tudo são contrárias aos interesses nacionais e dos trabalhadores.

3 — Que é ilegal e inconstitucional toda a legislação que procure reprivatizar o sector nacionalizado, contrariando entre outros o Artigo 83.º da Constituição da República.

4 — ainda que tais medidas se inserem no combate aos direitos e garantias dos trabalhadores, nomeadamente o caderno reivindicativo dos Ferroviários, presentemente em elaboração.

5 — que tais medidas obrigam a uma resposta rápida, firme e conjugada por parte das estruturas representativas dos trabalhadores das empresas implicadas, que terá lugar no Plenário de Federações e Sindicatos a realizar amanhã, dia 1/4 de 1981 em Lisboa.

Os delegados Sindicais do Sindicato dos Ferroviários do Centro, reunidos em Assembleia Geral Ordinária — no Auditório do Centro de Formação de Pessoal em Entroncamento dia 31/3/81, decidem:

1 — Repudiar energicamente a recente legislação aprovada em C. Ministros e as manobras que lhe estão subjacentes no seio da C. P.

2 — Alertar os trabalhadores Ferroviários dos perigos que podem daí advir e mobilizá-los para a luta.

3 — Mandatar a Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Centro para que no Plenário de Federações e Sindicatos representativos dos trabalhadores do Sector de Transportes, a realizar dia 1/4 em Lisboa, possa contribuir para o encontrar de formas de luta firmes que obriguem o Governo a recuar em tais investidas.

Entroncamento, 31 de Março de 1981

Esta Moção foi aprovada por unanimidade e aclamação.

PUB.

Assembleia Distrital de Setúbal MOÇÃO

Propõe-se o Governo, este ano, não cumprir a Lei das Finanças Locais.

A confirmar-se tal intenção, são as Autarquias espoliadas numa verba estimada em 36 milhões de contos, sendo o Distrito de Setúbal lesado em 1.790 milhões.

Se juntarmos este valor às verbas que os Governos de Mota Pinto em 1979 e o de Sá Carneiro em 1980 retiraram às Autarquias, pela não aplicação da Lei, que se estimaram em 14 milhões e 25 milhões respectivamente, serão 75 milhões de contos o valor global a nível nacional e de 3.746 no Distrito de Setúbal que em 3 anos as populações do País se viram lesadas em bens de que tanto necessitam.

Tem o Governo plena consciência do grave delito que comete e o que isso significa na vida dos cidadãos.

Assim, o Sr. Ministro da Administração Interna, no dia 15 de Fevereiro, em Esposende, prometeu todo o empenhamento do governo na aplicação total da Lei.

No dia 9 de Março, em Faro, o mesmo Ministro fugindo ao que afirmou em 15 de Fevereiro disse que a Lei de Finanças Locais só poderá funcionar quando forem publicadas as Leis de Delimitação de Competências dos Investimentos e a de Atribuição das Competências.

No dia 18 de Março o Sr. deputado do P.S.D. Silva Marques disse aos representantes das Assembleias Distritais de Beja, Évora, Santarém, Portalegre, Lisboa e Setúbal... que o Governo tem 2 interpretações da Lei, a restritiva e a ampla e que decidiu aplicar a restritiva...

Rui Pena dirigente do C.D.S., afirmou no dia 22 de Março, relativamente ao corte previsto na proposta do OGE nas receitas municipais, de que só é possível haver Poder Local quando houver meios para tal, pelo que o C.D.S. defendia a aplicação da Lei das Finanças Locais.

A Assembleia Distrital de Setúbal, cónscia das altas responsabilidades assumidas perante as populações decide:

1. Protestar veementemente, pela incoerência política dos actuais responsáveis do governo, que flutuam consoante as conveniências do momento;

2. Exigir do Governo a aplicação integral da Lei das Finanças Locais;

3. Manifestar a sua preocupação pelas intenções já expressas, nomeadamente pelo Sr. Ministro da Administração Interna, de alteração da Lei 1/79, de acordo com os interesses do Governo em prejuízo das autarquias e das populações;

4. Responsabilizar o Governo pelos incalculáveis prejuízos que resultam para as populações caso a lei não venha a ser aprovada, e disso fazer ampla denúncia, assim como a desestabilização a nível laboral resultante dos compromissos já assumidos com diversos empreiteiros, e que, mercê do previsível corte das finanças são passíveis de paralisação;

5. Na medida em que a Assembleia Distrital fica defraudada nalguns milhares de contos, manifesta também por isso o seu protesto.

Esta moção foi aprovada por unanimidade em reunião de 30.3.81.

Setúbal, 31 de Março de 1981

TRIBUNAL JUDICIAL DE ARCOS DE VALDEVEZ

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Arcos de Valdevez e 1.ª secção, na acção ordinária n.º 7/79 em que são autores ALEXANDRE SOUSA DIAS e mulher MARIA DA CONCEIÇÃO VAZ VALENTE NEVES, proprietários, residentes em 434 Walnut, cidade de Newark, Estado de New Jersey, Estados Unidos da América do Norte, e outros, e réu FERNANDO FILIPE

PEREIRA DA SILVA e mulher CELESTINA CORREIA SILVESTRE DA SILVA, moradores Rua Poais de S. Bento n.º 87, 2.º direito, em Lisboa, e outros, é o réu ULISSES DO COUTO RIBEIRO, actualmente a residir em parte incerta na cidade de Lisboa e com última residência conhecida na Rua Latino Coelho, «Lufá», Centro Comercial IM 12-A, loja 24, da cidade de LISBOA, Citado para contestar, querendo. Neste caso, deve apresentar a sua defesa no prazo de

VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de que, quanto a si, pois outros réus já contestaram, a falta de contestação importará a confissão dos factos articulados pelos autores, consistindo o pedido destes em verem declarado judicialmente que lhes assiste o direito de preferência na venda de um prédio rústico denominado COTO DE CIMA e COUSA, inscrito na matriz

rústica da freguesia de Ázere, desta comarca, sob o art.º 1127, venda essa ocorrida em 6 de Setembro 1978, com custas e outros encargos legais a cargo dos réus.

Arcos de Valdevez, 31 de Março de 1981

O Juiz de Direito,

Manuel da Silva Freitas
O Escrivão da 1.ª Secção,
Alberto Vasco Rodrigues Co-deço

concurso DL

9

1.º Album SEMPRE FIXE

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Junho -1926

5 TOSTÕES



sempre **5**
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 67

SALDANHADAS...



O marechal Saldanha: — Muito bem, mas vá imediatamente para Belem e tenha mão nas redes do Governo para não dar com os burrinhos n'agua!

RECORTE POR AQUI



PHILIPS



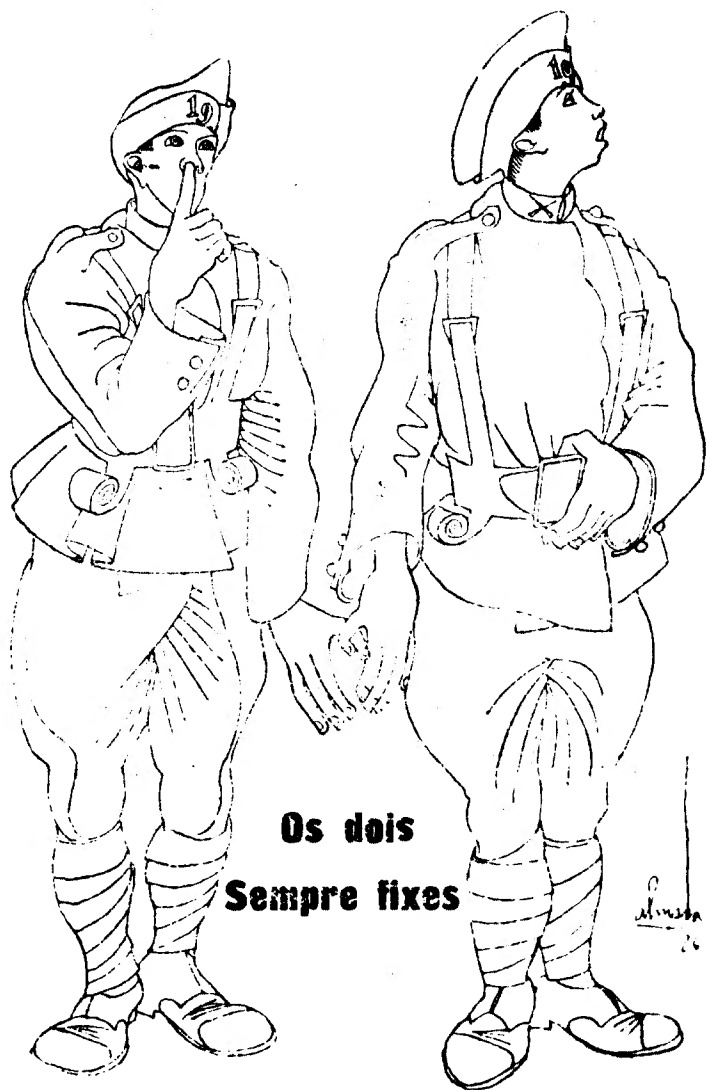
Philips TVcor



1.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

10



Os dois
Sempre fixes



Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre as nossas cabeças aparece...



1



2



3



4



5



6

- 1—Se eu fôsse ministro da instrução...
- 2—Se eu fôsse ministro das finanças...
- 3—Se eu fôsse ministro das colónias...
- 4—Se eu fôsse ministro da guerra...
- 5—Se eu fôsse ministro do interior...



7

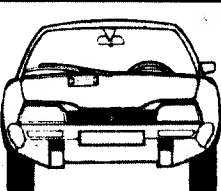
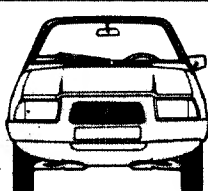
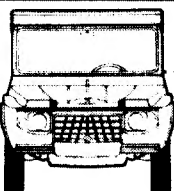
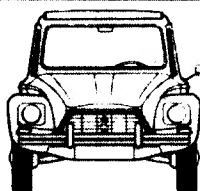


8



9

- 6—Se eu fôsse ministro da agricultura...
- 7—Se eu fôsse ministro do comércio...
- 8—Se eu fôsse ministro do trabalho...
- 9—Oh! diabol! Caiu o ministério!



CITROËN
a gama mais completa

CITROËN

RECORTE POR AQUI

Subsecretário espanhol das Pescas ressuscita conflito com Portugal

O conflito de pescas com a Espanha continua latente no Sotavento algarvio em virtude de não ter sido renovado o acordo fronteiriço de pescas entre os dois países.

A última acha chega-nos de Madrid, trazida pela ANOP: o subsecretário de Estado espanhol das Pescas, Aldosoro admite, implicitamente, a tomada de medidas como represália contra os pescadores portugueses.

Disse Aldosoro à agência noticiosa portuguesa que «o sector pesqueiro do Sul da Península está pressionando para que a Espanha adopte medidas de represália, decretando zonas proibidas de pesca, tanto na Andaluzia como, até mesmo, na Galiza onde não possam operar os portugueses».

«No entanto, estou a fazer todo o possível para evitar essa escalada com a qual não concordo» — adiantou.

«O problema está em que Portugal deseja desenvolver as suas frotas e actividades pesqueiras. Acontecendo que os portugueses pescam nas zonas espanholas espécies que não nos interessam e reciprocamente e como vamos entrar para a CEE e teremos a responsabilidade conjunta de administrar e ordenar os bancos de pesca — não compreendo que levantemos agora problemas sobre os quais teremos mais tarde que nos entender» — comentou.

Segundo o despacho datado de ontem e enviado de Madrid, o Governo espanhol propôs a Lisboa uma reunião com a participação de técnicos e armadores para desbloquear o conflito. A proposta terá sido enviada há quatro dias mas até ontem o Governo português ainda não lhe tinha respondido.

Ainda segundo o subsecretário das Pescas de Espanha, Portugal terá introduzido alterações aos acordos mútuos de pescas de 1969 e 1978 que não foram

notificados a Madrid».

«Se a situação se mantiver, a Espanha fará uma reclamação jurídica formal e se o acordo de 1978 não for cumprido, limitar-nos-emos ao de 1969 que é muito menos vantajoso para Portugal» — disse.

«A Espanha aceita as zonas proibidas na área das 12 milhas de acordo com as recomendações do Conselho Internacional sobre a captura da pescada, mas Portugal levou essa área até mais 20 milhas e em zonas que impedem a passagem dos barcos espanhóis como as em frente ao Cabo de Sines e Vila Real de Santo António — afirmou.

As autoridades espanholas garantem que «a inspecção por parte dos barcos-patrolhas portuguesas é feita sobre percentagens de peixe e marisco na altura do levantar das redes, enquanto a prática internacional é a de estabelecer uma média entre as várias capturas».

«Se os inspectores do Canadá utilizassem o mesmo sistema com os bacalhões portugueses, levantar-se-iam reclamações de todos os lados e Portugal seria o grande prejudicado» — declarou Aldosoro.

«Estamos de acordo com as percentagens — disse — mas não com o sistema de inspecção que deverá seguir as normas internacionais. Também concordamos com zonas proibidas, mas no cumprimento dos acordos estabelecidos».

A Embaixada de Espanha em Lisboa e a Subsecretaria de Pescas estão a tratar activamente o assunto em Lisboa, enquanto o sector piscatório da Andaluzia, que habitualmente actua em águas portuguesas, continua paralisado e a aguardar que «tudo se esclareça e se chegue a um entendimento».

Num ano inteiro Albânia vendeu 61 contos a Portugal

Uma missão oficial portuguesa, chefiada por Alvaro Guerra encontra-se em Tirana, capital da Albânia para negociar a celebração de um acordo comercial que dinamize o comércio bilateral hoje praticamente ao nível zero.

Por exemplo: as vendas albanesas a Portugal até 1978 ou se detinham na estaca zero ou consistiam em exportações ridículas, pelo seu significado económico, de livros e material gráfico de propaganda para as organizações políticas que mantêm contactos com o partido no poder naquele país dos Balcãs.

Assim, em 1977 a Albânia apenas exportou mercadorias no valor de 13 mil escudos, verba que subiu para 61 contos em 1978.

Em Porto Alto

Técnicos do MAP 'brincam' à agricultura

Teremos assim tanto dinheiro para esbanjar desta maneira? — eis uma interrogação que surge no espírito dos pequenos agricultores da zona do Porto Alto, quando confrontados com uma realidade que têm diante dos olhos. Trata-se de um caso pontual mas contudo exemplar da incompetência e da corrupção que reina nos Serviços do Ministério da Agricultura e Pescas. No fundo uma amostra do que se passa no resto do País em matéria de política agrícola.

Habituar-se a ver ao lado das suas terras, os cinquenta hectares de pomar, razoavelmente cuidados, propriedade da Rádio Difusão Portuguesa. Uma exploração que não envergonhava ninguém, na medida em que produzia cerca de 200 toneladas de fruta por ano. Entretanto assistiram a uma certa degradação em que aquela exploração agrícola caiu no decorrer dos tempos. Quando a Comissão Administrativa da RDP, dirigida por Humberto Lopes, decidiu arrendar o pomar ao MAP, pensaram que as coisas iam melhorar, visto que a entidade, agora empenhada na exploração da terra, poderia reunir condições para recuperar o campo de Porto Alto e pô-lo a produzir como devia ser.

De início acompanharam com uma certa expectativa as experiências realizadas, nomeadamente as prospeções de terreno e análises. Ótimo! Isto é de profissionais — pensaram. De facto a Direcção Regional do Ribatejo e Oeste parecia interessada em levar para a frente a ideia, divulgada na região de transformar aquela exploração agrícola num campo experimental. Gastou-se dinheiro na aquisição de equipamento, na montagem de estufas...o que em princípio jogava certo com os planos do MAP.

Mais tarde os vizinhos do posto emissor do Porto Alto deixam as mãos à cabeça perplexos com as cenas que presenciaram. São broncas atrás de broncas. Chega-se ao ponto dos técnicos andarem a perguntar aos agricultores como é que eles faziam a cura das suas batatas. Tinham um problema para resolver. Bastante complicado. É que semearam uma courela de batata e não sabiam como proceder ao tratamento que a cultura exigia. Claro que os agricultores se riram...escusado será dizer que a produção da batata resultou num fracasso.

Entretanto os responsáveis pelo campo do Porto Alto pensa-

ram que a plantação de flores lhes vinha salvar a cara. E pronto: montaram estufas com roseiras e cravos, cujas sementes mandaram vir de Espanha. Também essa experiência se malogrou...No entanto, segundo os agricultores da região, os engenheiros e funcionários do MAP continuavam a fazer, oito ou dez vezes por dia, o percurso entre Vila Franca e Porto Alto. **Certamente para justificar as despesas de ajudas de custo e dos almoços...** comentavam as pessoas. Actualmente a situação complicou-se, sobretudo depois dos responsáveis da Direcção Regional de Vila Franca terem pedido à Radiodifusão Portuguesa autorização para arrancar as árvores que constituíam o pomar. Segundo consta a RDP não gostou da proposta. Açou que era de mais...

Aliás de acordo com as regras do contrato a entidade arrendatária deveria conservar as árvores de fruto, fazendo até o possível por as valorizar através de tratamentos adequados. No entanto as últimas informações confirmam que a RDP capitulou perante a sugestão do MAP. Isto significa que as árvores vão ser arrancadas.

Para já, os marmeleiros que seguravam, com a força bravia das suas raízes, as areias das valas, foram tirados. **Que estúpidez!** — criticaram os velhos agricultores. Durante esta operação sucedeu um episódio verdadeiramente anedótico. Em suma: os senhores do MAP contrataram uma máquina munida de pás descarregadoras, ao preço de vinte contos por semana, para transportar de dentro para fora da propriedade a «terra» dos marmeleiros. **Mas afinal estes tipos andam a gastar o nosso dinheiro...** — indignaram-se os agricultores.

E mais. As asneiras são tantas que os agricultores já nem sabem o que pensar daquilo. São os bróculos vendidos a dez escudos o quilo, em época de Natal, os morangos que se estragaram e voltaram a ser plantados, a erva que atinge o tamanho das árvores... Enfim! a incúria. E ainda o dinheiro deitado à rua em brincadeiras perigosas que envolvem os dinheiros públicos. A quem se pedem as responsabilidades? Ao director do campo do Porto Alto, eng. Caldeira, ao inspector-geral eng. Frazoa, ao director regional de Ribatejo e Oeste, eng. Figueiredo ou ao próprio ministro?

L.F.

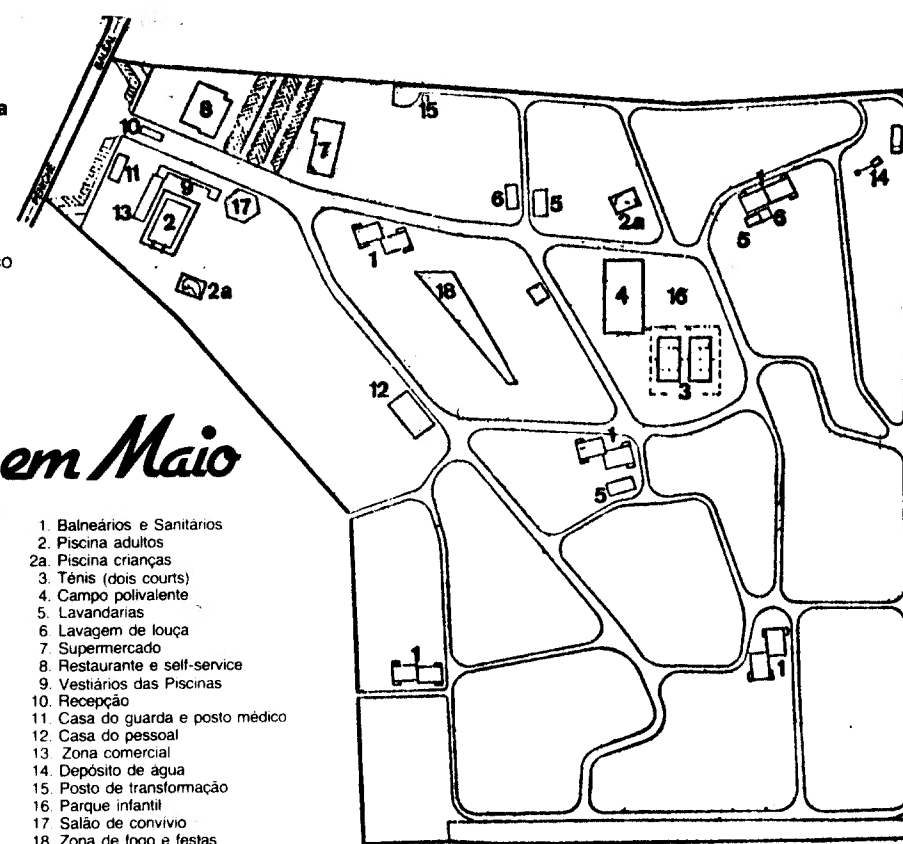


BALEAL

Parque de Campismo

Venha conhecer um dos melhores Parques da Europa com os mais modernos apoios a funcionar

- Aquecimento solar
- Electrocutores de insectos
- Todos os duches com água quente
- Dois courts de ténis, futebol de cinco e polivalente
- Assistência médica permanente
- Recinto próprio na praia com todas as comodidades e nadadores salvadores



Inauguração em Maio

Aceitam-se inscrições para a próxima época

No coração de Portugal: — o seu espaço de férias!

TUPATUR - Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571960

Administração de: Dr. ABÍLIO CARDOSO

Visite-nos no PARQUE, na praia do Baleal - Peniche

ESTOU INTERESSADO EM MAIS INFORMAÇÕES

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ TELEF. _____

TUPATUR - Empreendimentos & Turismo, Lda.

Rua Latino Coelho, 10, 2.º Esq. - 1100 Lisboa - Telef. 561316/571960

de ontem para hoje



Soterrados na Gulbenkian

Encontram-se livres de perigo os dois operários (José da Silva Martins, de 19 anos e Manuel Pedro dos Santos, de 23), que cerca das 17 horas de ontem, ficaram soterrados por um aluimento de terras, no jardim da Fundação Gulbenkian, nas obras do futuro Centro de Arte Moderna. Tudo se passou quando os dois jovens se preparavam para erguer uma parede de betão armado. José da Silva Martins encontra-se internado no Hospital de S. José, com traumatismo craniano e Manuel Pedro dos Santos, recolheu a uma clínica particular com contusões várias.

Obrigações fiscais: sem qualquer multa ou juros de mora

O Ministério das Finanças e do Plano, em nota ontem divulgada, informa os contribuintes que não puderam efectuar o pagamento de qualquer imposto ou cumprir as suas obrigações fiscais por as repartições de Finanças ou as tesourarias da Fazenda Pública se encontrarem encerradas, devido à greve de hoje da Função Pública, de que podem pagar ou cumprir essas obrigações até ao dia 9 de Abril sem qualquer multa ou juros de mora desde que o requeiram por escrito e em papel comum ao chefe da repartição de Finanças respectivo.

Porte ilegal de armas: dois colombianos «lisboetas» condenados em Espanha

Dois colombianos, com residência fixa em Lisboa, foram ontem condenados num tribunal de Pontevedra, em Espanha, a quatro anos de prisão, por porte ilegal de armas. Wilson Henao e Jorge Luis Moreira Santos, foram presos na Corunha por transportarem no automóvel em que viajavam duas pistolas, um revólver e uma espingarda de canos cortados. As autoridades espanholas detiveram na mesma altura e pelo mesmo motivo, Omar Saldarriaga, natural e residente em Bogotá e Elisardo Alves, natural de Moçambique e morador em Madrid.

Água do Porto: novos aumentos geram polémica e comprometem Coelho de Magalhães

Os Serviços de Água e Saneamento do Porto (SMAS) decidiram aumentar a ordem dos 100 a 150%, a partir de agora, no preço da água (de muito má qualidade, segundo os exames) fornecida aos consumidores. Dizem os SMAS que os aumentos foram decididos pelo CA em Dezembro último e aprovados pelo executivo municipal no passado dia 12 de Fevereiro. Recorde-se que em 1979 a Câmara do Porto (então PS) viu recusada pela AM, a quem, nos termos da Lei das Autarquias, previamente se dirigiu, uma idêntica proposta de aumento. Desta vez, todavia, o executivo AD e o CA dos SMAS, de que é presidente a mesma pessoa, o arq. Co-

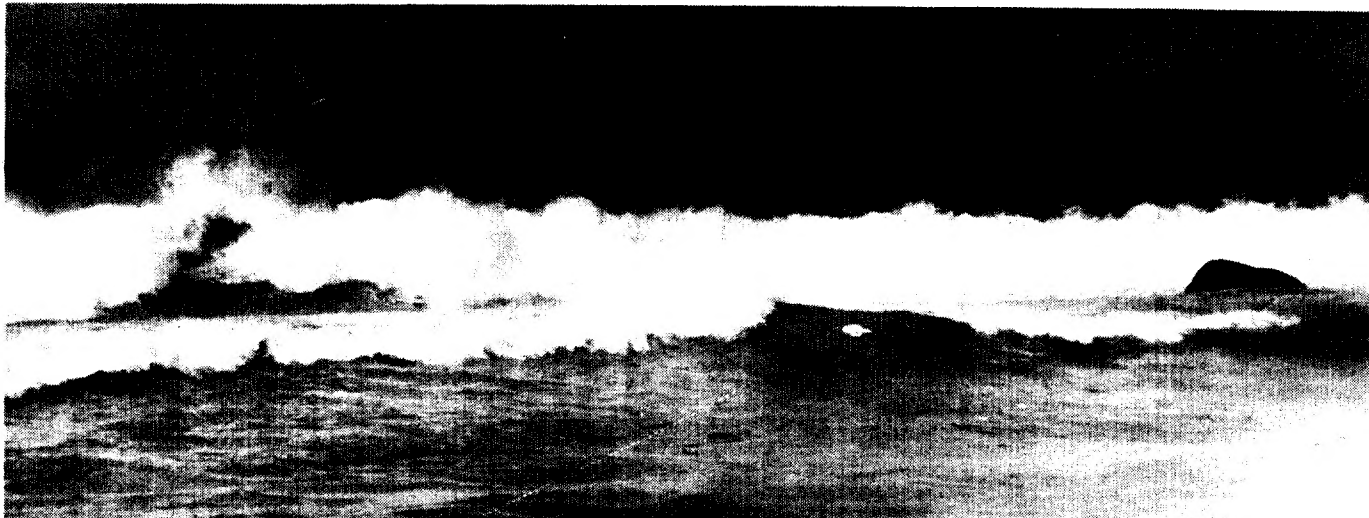
elho de Magalhães, ignoraram a AM e, segundo afirmações dos próprios SMAS, com base no facto de a lei falar em «impostos e taxas», quanto à competência da AM, mas não em «tarifas». Assim, como o preço da água é «tarifa» o executivo e os SMAS não têm que fazer a proposta à AM, sustentam os responsáveis pelo aumento. Se os juristas da câmara e dos SMAS interpretaram a mesma lei de dois modos distintos, é, todavia, certo que no anterior executivo o arq. Coelho de Magalhães já era presidente dos SMAS e que, portanto, a proposta recusada pela AM também tinha a sua assinatura.

Preço do gasóleo: agricultores irão receber «excedentes»

Irá ser devolvidos aos agricultores as quantias correspondentes ao aumento do preço do gasóleo, relativamente ao período de 1 de Outubro de 1980 a 30 de Setembro de 1981. Uma portaria do Ministério da Agricultura e Pescas, ontem enviada para publicação na folha oficial, manda abrir as inscrições para o efeito, nos locais conhecidos habituais. Os agricultores interessados devem entregar, de 1 de Junho a 3 de Julho, as declarações das áreas cultivadas quando se trate, respectivamente, de explorações só de sequeiro ou de explorações com regadio.

Crianças deficientes: «divergências de critério» cancelam encontro em Leiria

Divergências de critérios quanto à formação de um organismo nacional originaram ontem o cancelamento do Primeiro Encontro de Associações de Crianças Deficientes, marcado para 4 e 5 do mês corrente, em Leiria. Um grupo de Cooperativas para a Educação e Reabilitação de Crianças Diminuídas (CERCIS) defende a constituição de um organismo que possa ser considerado parceiro social. Por isso, defende que se reúnam não apenas as CERCIS, mas também as associações de pais e centros. Outro grupo pretende criar uma organização a nível nacional e constituída apenas pelas CERCIS. «A criança é a mais directamente prejudicada com a não criação, por agora, de um organismo que possa dialogar directamente com o Governo», afirmou o coordenador-geral do encontro.



Depois de «mastigados» pelo mar, os despojos começam a dar à costa

Três mortos na Póvoa: o choro, os subsídios, a barra

Cada um dos pescadores ontem mortos no naufrágio da motora «Ao Gosto dos Filhos» à entrada do porto da Póvoa de Varzim, vale 200 contos que deverão ser pagos aos respectivos familiares. O corpo de um deles, o mais velho Manuel Tomás Bicho de 59 anos, deu à praia, em frente da igreja do Senhor dos Navegantes, nas Caxinas. O corpo de António Miranda também foi recolhido nas imediações. Para os funerais, será também a Mútua a dar subsídio de 20 contos por cada um.

Foi uma vaga perdida que cerca das sete horas da manhã fez a motora ir a pique, levando na casa do leme o seu mestre. Lucas Castanho, de 33 anos, casado, pais de cinco filhos. Tudo indica que se terá esmagado contra as rochas, tal como o barco, cujos destroços já apareceram. O seu corpo não.

O mal de tudo terá sido o assoreamento da barra da Póvoa, um tema já gasto mas que não deixa de fazer vítimas: desde Janeiro até hoje já lá vão mais de 30 homens. Mas há também o factor humano no crescente número de mortes naquele porto: o serviço de socorros náuticos não funciona.

A constatação do facto foi ontem mais uma vez feita: o salvamento apenas saiu mais de uma hora após o naufrágio, porque é necessária uma autorização da capitania do porto para que se torne operacional. Assim não foi possível salvar a vida de nenhum dos homens que foram avistados de terra, ainda nadando na tentativa de sobreviverem.

Estava mau tempo em todo o mar quando se deu o acidente, mas não tanto que obstasse à navegação da motora, dizem, porque o mestre conhecia muito bem as águas que sulcava. Mas os tempos vão igualmente maus para os familiares das vítimas porque, agora, sem eleições não é provável que o Governo se apreste a conceder um subsídio como fez quando a «Cordeiro de Deus» teve fim idêntico.



Os três mais novos safaram-se desta. No último ano e meio já morreram cerca de 30 neste mar



Manuel Tomaz Bicho (morto)



Silva Miranda (morto)



O mestre, Costa Castanho (morto)

uma pequena nesga, mesmo encostado ao molhe sul.

No caso concreto do naufrágio ontem, ocorreu, dizem os homens da Póvoa que veio a vaga» e atirou-os logo contra as pedras. Acreditam, porém, que se houvesse um bom serviço de socorros a naufragos só o mestre teria morrido e isso por não ter

tido tempo de sair da casa do leme.

O seguro do barco ontem destruído pelo mar era de 500 contos, valor verdadeiramente exiguo para uma embarcação do género.

Sindicato fez apelo

O Sindicato dos Pescadores da Póvoa de Varzim apelou ontem ao Governo no sentido de que se evitem os desastres marítimos através da adopção de medidas indispensáveis. Esta tomada de posição segue-se ao acidente com a motora «Ao gosto dos filhos».

No comunicado sindical proíbe-se que os salva-vidas e os bombeiros das áreas dos portos de pesca sejam efectivamente equipados e que se possibilite uma rápida mobilização dos helicópteros da Força Aérea no caso de acidente.

Além disso, o sindicato alerta o Governo para a necessidade de «intensa fiscalização das condições de navegabilidade e verificação dos aparelhos de segurança das embarcações».



O sossego da Póvoa, sempre tão ameaçado

Figueira da Foz: Semana Ecológica quebra a rotina

Um grupo de professores da Escola Secundária n.º 1 da Figueira da Foz promoveu a realização durante o mês de Março de uma Semana Ecológica, que contou com o apoio da Câmara Municipal, Circunscrição Florestal de Coimbra e Comissão Nacional do Ambiente.

Inconformados com o marasmo que caracteriza a cidade da foz do Mondego, os promotores da iniciativa procuraram fundamentalmente animar a vida cultural da terra, promover uma reflexão em torno dos problemas ambientais que afectam o nosso planeta, e em particular a região da Figueira da Foz, e ainda sensibilizar a população escolar para a problemática ecológica.

Exposições alusivas ao Dia da Árvore, sobre os perigos da energia nuclear e trabalhos dos alunos estiveram

patentes no átrio do Museu Gulbenkian, naquela cidade. Técnicos da Circunscrição Florestal por seu turno, animaram um debate sobre «Ecologia e Floresta».

Os problemas da Figueira da Foz estiveram em foco noutro debate que contou com a participação do dr. Joaquim de Sousa, presidente do município e eng. Aguiar de Carvalho, técnico da fábrica de celulose Celbi. Afonso Cautela, jornalista e especialista de temas ecológicos, animou vivos debates com estudantes do ensino secundário.

O Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) exibiu com êxito o seu repertório, enquanto o Teatro dos Bonifrades (Coimbra) encerrou as iniciativas da Semana, com um espectáculo no salão de

festas da Escola Secundária n.º 2.

Poder local aderiu

A participação dos estudantes ultrapassou todas as expectativas conforme declararam os organizadores da Semana ao «DL». A semente está lançada e a experiência acumulada ao longo deste período em que tudo correu praticamente conforme o previsto (falhou apenas uma sessão de filmes, por «colapso» da máquina de projectar), irá com certeza projectar-se num conjunto de iniciativas ainda mais ambiciosas no próximo ano.

A adesão dos órgãos do poder local foi imprescindível ao bom êxito da semana. E bem pode dizer-se que a presença de responsáveis de vários quadrantes da vida política e económica do conce-

lho no debate realizado a meio da semana contribuiu para o tom vivo e polémico — por vezes duro — atingido no colóquio-debate, suscitado pelos diferentes pontos de vista manifestados pelos participantes.

Especialmente em foco, a instalação de uma nova unidade fabril de celulose na Leiria, a sul da Figueira da Foz, do outro lado do rio.

Enquanto a Celbi já praticamente «bebeu» toda a água da área, tendo secado o manto friático e arruinado as culturas e os agricultores da região, a nova unidade vai exigir a captação de água directamente no rio Mondego, a uma distância de 30 quilómetros por alturas de Condeixa. O presidente da câmara justificou a instalação da fábrica no concelho, afirmando que se trata de um local onde a regeneração do

Ambiente se faz bem, «constituindo o local mais adequado do ponto de vista ecológico e económico», conforme salientou.

Núcleo ecológico em constituição

O exemplo das populações de Salvaterra de Maços não vingou no concelho da Figueira da Foz. Esboçaram-se alguns protestos, mas a distância a que a fábrica se situa das zonas habitadas, não é de molde a constituir factor de mobilização. De resto, conforme foi revelado à reportagem do «DL» em Leiria, os ventos empurram com muita frequência os fumos e cheiros em direcção a esta cidade, que acaba por pagar «as favas» de uma indústria que nem sequer está localizada na área do concelho.

Por fim as vantagens eco-

nómicas para as populações — a braços com um significativo contingente de mão-de-obra inactiva — constituem um poderoso «argumento» a favor da instalação da celulose. Mas a que preço virão essas mesmas populações um dia a pagar sabendo-se que se trata de indústria altamente poluente e prejudicial para a saúde dos trabalhadores?

A problemática da política florestal, foi também abordada — tomando como ponto de partida as «exigências» da indústria de celulose da região — pelo eng. Duarte Pessoa, técnico da Circunscrição Florestal de Coimbra.

Na sequência da realização da Semana Ecológica, está em formação um Núcleo Ecológico da Figueira da Foz, aberto a todos os interessados. Uma pedrada no charco cultural que começa a dar frutos.

Ganharam a causa

A alegria voltou à «Creche do Socorro», criada em 1977 pela Comissão de Moradores da zona, e ameaçada até ontem de despejo num processo movido pelo proprietário do imóvel (eng. Carlos Antunes). Julgada a questão no 10.º Juízo Cível, o tribunal acabou por decidir a favor da Comissão de Moradores, e assim cinquenta crianças (algumas vindas de Sintra e do Estoril) irão continuar a usufruir de assistência diária enquanto

os seus pais se encontram nos locais de trabalho. «É um dia inesquecível», afirmou ao «DL» uma das monitoras da creche, localizada num imóvel de três andares (Calçada Agostinho Carvalho, 11), utilizado até 1977 por uma pensão, disseram-nos, «pouco recomendável». Neste momento a Comissão de Moradores do Socorro paga ao senhorio uma renda mensal de dois contos. A causa foi defendida pelo dr. Loureiro Gomes.



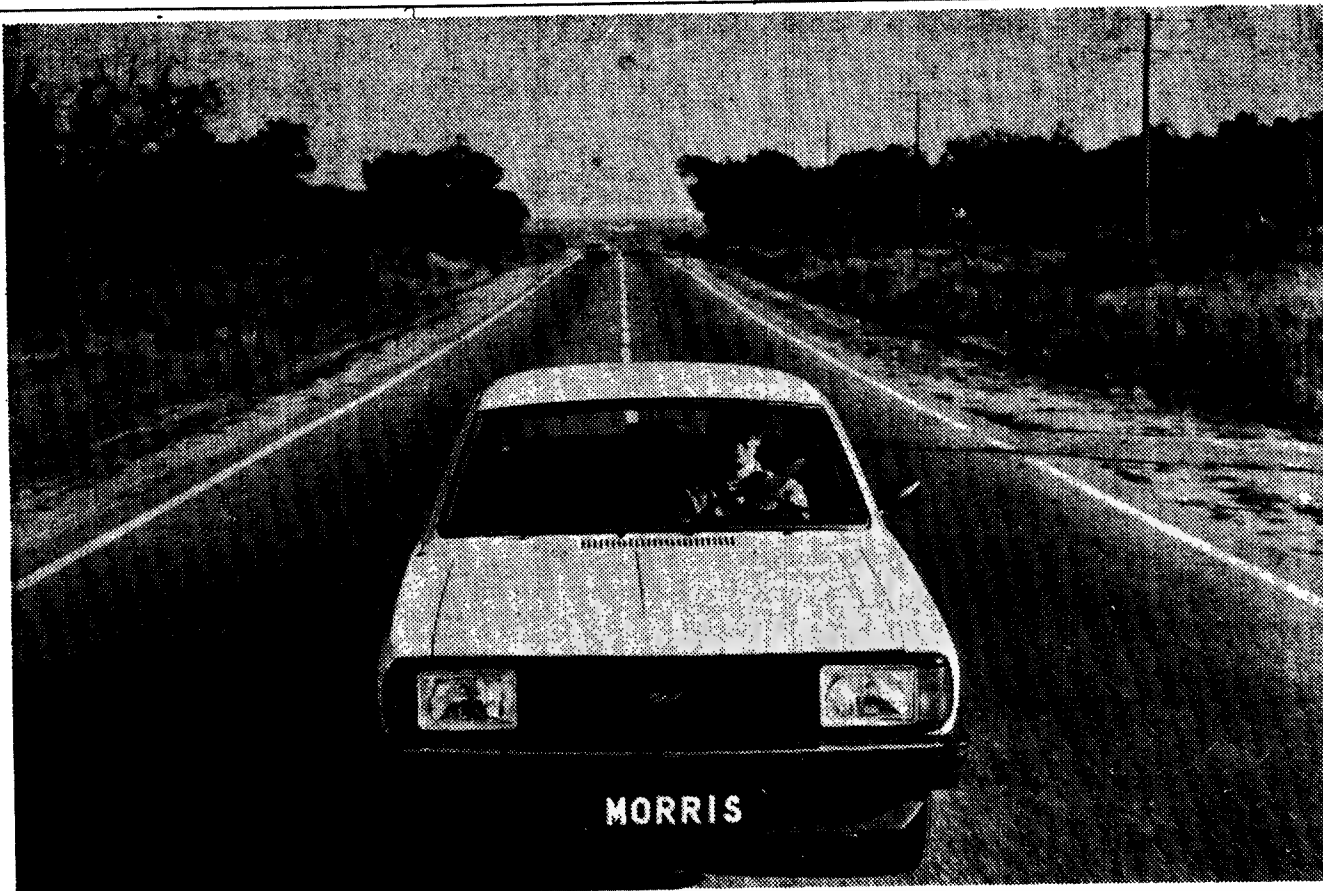
“Voz do Povo”: Títulos de solidariedade

Uma emissão de títulos de solidariedade a nível nacional (no valor de 500, mil e 5 mil escudos) vai ser lançada em breve por um Conselho de Opinião para manutenção da «Voz do Povo», semanário independente ultimamente afectado por dificuldades económicas — foi hoje anunciado no decurso de uma conferência de imprensa efectuada na sede do Sindicato dos Jornalistas por nomes ligados àquela publicação.

Além disso «VP» tenderá para mensário, embora nos tempos mais próximos se publique sem

carácter periódico. Surgirá, conforme as possibilidades, «em momentos oportunos».

A campanha de solidariedade conta já com os nomes de Lobo Antunes, António Rego Chaves, Beja Santos, Eduarda Dionísio, Alcina Bastos, Comuna, Emídio Rangel, João Serra (do Sindicato dos Professores), Manuel Geraldo, Joaquim Furtado, João Paulo Bessa, José Alcobia, José Mário Branco, Luís Castanheira Lopes, Luís Miguel Cintra, Luís Moita, Nuno Teotónio Pereira e João Bagão Félix.



MAIS ECONOMIA EM CADA QUILOMETRO

NOVO MORRIS MARINA DIESEL



O Morris Marina Diesel apresenta-se também como furgão ligeiro com um volume de carga de aproximadamente 2500 dm³. A solução para quem o espaço conta.

O Novo Morris Marina Diesel é para aqueles a quem não é indiferente o custo por quilómetro. Com o Morris Marina Diesel mais economia em cada quilómetro. Economia na aquisição, na manutenção e no consumo de combustível. Robustez de motor, amplo porta-bagagens e espaço interior. São tradição Morris Marina. No Novo Morris Marina Diesel a travagem é servo-assistida. O conjunto molas-amortecedores, as barras estabilizadoras atrás e à frente e os pneus radiais de medida criteriosamente estudada permitem um são comportamento na estrada. A sua elegância de linhas partiu do estúdio de Giugiaro, famoso estilista italiano.

MORRIS

MORRIS MARINA DIESEL - a escolha de quem faz muitos quilómetros



British Leyland de Portugal

Concessionários em todo o País.

Vontade de futuro.

Trinta companhias aéreas reunidas em Lisboa

Trinta companhias de aviação, associadas na IATA, realizaram até ontem em Lisboa a reunião da sua subcomissão de planeamento de produção e manutenção de aviões.

Setenta e oito delegados representando companhias de aviação comercial dos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Europa, Médio Oriente, África, Índia, Japão e Austrália — com particular destaque para a Boeing que participou pela primeira vez — debateram o aumento de custos dos combustíveis e dos materiais aeronáuticos como principais itens da reunião.

Segundo um porta-voz da TAP, empresa também activa como participante e anfitriã dos seus pares da IATA, a reunião contribuiu «para uma melhoria da eficiência do serviço de cada uma das companhias, ao mesmo tempo que se mantém um nível de estandarização de procedimentos que permite rápida cooperação das áreas de engenharia, produção e custos».

O representante da transportadora aérea nacional assinalou que «esta cooperação tem grande interesse económico dado os aumentos em flecha dos custos de combustíveis e materiais».

TAP voa para Dacar — A TAP — Air Portugal vai operar para Dacar, a partir de Novembro e espera reabrir a sua linha para Sa-

lisbúria ainda em 1981, informou um porta-voz da companhia.

Os voos para Dacar terão uma frequência bissemanal e serão prolongamento da linha Lisboa-Sal, enquanto a carreira para Salisbúria poderá ser uma extensão de um voo adicional para Luanda.

A decisão da abertura da linha para Dacar foi tomada já há cerca de dois anos e nela pesaram razões de ordem económica detectadas por um estudo do mercado.

Por sua vez a reabertura da linha de Salisbúria, para onde a TAP — Air Portugal deixou de operar em 1978, por razões resultantes da aplicação de sanções contra a Rodésia, é também determinada por motivos económicos.

A linha de Salisbúria, onde vivem uns 50 000 portugueses, era uma das mais rentáveis da transportadora portuguesa.

Um novo alargamento das operações da TAP — Air Portugal em África poderá registar-se em 1982, com a abertura de uma linha para São Tomé, apenas dependente da conclusão de obras no aeroporto local.

Rothschild empresta — O banco londrino Rothschild e Son acaba

de conceder à Sociedade Financeira Portuguesa um crédito no valor de 637,5 mil contos para apoiar exportações britânicas para Portugal, nomeadamente bens de equipamento e serviços a eles associados.

O respectivo protocolo foi assinado no dia 23 e é a sexta linha de crédito acordada pela Sociedade Financeira com bancos e instituições creditícias britânicas.

O valor mínimo de cada contrato de importação é de 15 mil libras, sendo 85 por cento o máximo financiável do valor do contrato de aquisição de bens produzidos ou manufacturados em Inglaterra.

O prazo de amortização varia entre os dois e os cinco anos e a taxa de juro é fixa (8 por cento) para toda a vigência do contrato.

Este tipo de taxa de juro é considerado bastante favorável pela Sociedade Financeira Portuguesa.

Conta com o apoio do Departamento Britânico de Garantia ao Crédito de Exportação, entidade ligada ao Banco de Inglaterra e que tem uma função seguradora do crédito.

Nacionalização da Banca — Tem lugar esta noite, às 21 horas e 30, na Cooperativa dos Pedreiros, um colóquio sobre o aniver-

sário da nacionalização da Banca, promovido pelo Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do BPA. Será moderador o dr. Esteves da Silva, sendo a primeira parte do colóquio constituída por intervenções dos drs. António Curto, Octávio Teixeira e Herlander Estrela e de Camilo Carvalho, representante da Coordenadora das CT's da Banca.

Cimeira de Londres — Os ministros das Finanças dos Estados Unidos, Inglaterra, França, República Federal da Alemanha e Japão reunem-se em Londres, em 10 de Abril, para conversações informais sobre os problemas económicos mundiais — informaram ontem as autoridades britânicas.

Este encontro será o primeiro sobre economia internacional em que participará o secretário americano do Tesouro, Donald Reagan.

As conversações, que decorrerão em privado e que poderão durar — segundo informadores — três dias, constituem parte de uma série continuada de reuniões entre os responsáveis pelas Finanças do grupo dos «cinco» maiores países industrializados.

Espera-se que assistam aos trabalhos, além de Reagan e dos ministros, sir Geoffrey Howe (Inglaterra), Hans Matthöfer (RFA), René Monory (França) e Michio Watanabe (Japão), presidentes dos bancos estatais.

Relator de

“O PC já

Dedicado desde a sua juventude ao ensino, Calvet Magalhães, de 60 anos, não vê na política um jogo para ganhar ou perder. Dela tem antes a ideia de que é uma pedagogia e que por isso as grandes transformações passam pela execução de um projecto cultural. Democrata desde os tempos em que era duro sê-lo, Calvet Magalhães opôs-se em 1975, aos saneamentos, era ainda professor em Viana do Castelo. Hoje dá aulas de Sociologia Alimentar e de Educação Alimentar, na Universidade do Porto, e é, também, professor da Escola de Belas-Artes do Porto. Viana é, porém, o seu 'habitat'. Pertence ao secretariado concelhio do MDP no seio do qual começou a desencadear-se a reflexão que levou à tese do «5.º Partido» que tem suscitado alguma polémica nos meios menos abertos à discussão desmistificada das coisas.

Em total exclusivo para o «DL», Calvet Magalhães responde-nos, nesta entrevista, a muitas das questões que se colocam hoje em relação ao futuro do MDP. «Se temos que ter o mesmo discurso que o PCP não se justifica que o MDP exista como partido» — é uma das suas convicções.

Quanto às alianças, Calvet Magalhães defende-as à direita e à esquerda, fala numa maior autonomia e diz que terminou «o papel histórico do MDP de contribuir para o não isolamento do PCP». Apela, afinal, à mudança convicto de que se o MDP continuar a ser o mesmo que tem sido ultimamente entra em crise.

«Não se aliam coisas iguais»

Diário de Lisboa — Quais as razões fundamentais que levaram à formulação da tese que subscreeve em primeiro lugar?

Calvet Magalhães — Nos últimos encontros nacionais sobretudo nos encontros de Santarém e da Voz do Operário em Lisboa começou a notar-se alguma crítica de fundo em consequência de acções do MDP no plano público e no executivo do secretariado discordantes com as decisões do III Congresso...

D.L. — Porquê?

CM — Porque tinham sido aprovados naquele congresso textos fundamentais de um projecto político que a certa altura começamos a ver que não ia sendo realizado. Esta é a questão de base. Não há outra. Trata-se no fundo de uma reflexão de elementos, não isolados, ao contrário, de elementos espalhados pelo país, que fizeram reuniões organizadas e com toda a legalidade dentro do partido. Não é uma tendência fraccionista.

D.L. — Em nenhum sentido? Não há objectivos divisionistas?

CM — Nada disso. Nem sequer é uma tendência. Trata-se de reflectir e de solicitar nas instâncias próprias do partido e, neste caso, no congresso, que tudo aquilo que foi aprovado no 3.º Congresso e que constitui o projecto político do MDP seja levado à prática. Por outro lado trata-se de reorganizar o secretariado de modo a poder evitar ou reduzir os inconvenientes de uma acção centralista que não respeite as decisões dos distritos, como aconteceu relativamente ao Porto e a Viana do Castelo cujas decisões foram vetadas ou resolvidas de outra maneira pelo secretariado.

«DL» — Está a referir-se à questão das eleições?

CM — Estou a referir-me ao que se passou em relação às candidaturas do Porto, de Viana e até de Lisboa.

«DL» — Disse que esta tese surgiu como resultado de discussões surgidas em vários grupos de militantes. Como foi?

CM — A discussão nasceu entre amigos de Lisboa que viam desajustadas superiormente as teses de alguns elementos de Viana do Castelo e acabámos por nos identificarmos pelos mesmos objectivos. Mais tarde juntam-se elementos de Braga, Coimbra e Porto e depois todos

começamos a trocar impressões nas sedes do partido. Acabou por se fazer um estudo e uma reflexão tendo eu ficado relator do documento depois entregue ao presidente do partido no último encontro, para ser posto a circular pelos militantes. Trata-se de um documento oficial. Não é tendência nenhuma.

«DL» — Quais os aspectos fundamentalmente divergentes entre os subscritores desta tese e o secretariado?

CM — Começa por uma clarificação das relações com o PC. Nós pensamos que não há democracia possível em Portugal sem o PCP e nunca contra o PC. Isto é uma questão de base fundamental. Porém nós consideramo-nos fundamentalmente autónomos do PC, conjuntamente aliados e pontualmente autónomos do PC, conjuntamente aliados e pontualmente podemos ser divergentes. Como o meu companheiro António Galhordas reconheceu, numa última entrevista, a APU no seu conjunto fez um erro de cálculo nas últimas eleições. Esse erro tinha sido antecipadamente denunciado. A clarificação com o PC põe-se não só nas relações como na definição do que é um correcto aliado. Nós pensamos que só há aliança de coisas diferentes, aliás coisas iguais parece-nos uma redundância. Daí a necessidade de que tenham autonomia e capacidade de decisão. Ora ultimamente vê-se que em muitos lugares, não em todos naturalmente, essa capacidade de decisão não existe porque, sempre com a teoria de que era necessário sacrificar alguma coisa acabou o MDP por ser o sacrificado de sempre. Acontece que o papel histórico do MDP de contribuir para o não isolamento do PC terminou. Terminou no sentido genérico. Não quer dizer que a gente não volte a juntar-se na mesma barricada. O PC já não precisa hoje da nossa contribuição como precisou noutra altura.

«DL» — É por isso que põe acento na necessidade de reforço da autonomia do MDP?

CM — A nosso ver a autonomia é hoje necessária na construção daquilo que a gente chama a unidade democrática mais vasta que é uma tese do secretariado. Unidade democrática em vez de unidade de esquerda é a tese do secretariado e também a nossa. Ela tem de passar por uma correcta definição das nossas relações com o PC e com o PS. Não temos que ter complexos quer em relação ao PC quer em relação ao PS.

PUB.

Assembleia Distrital de Setúbal MOÇÃO

Após a integração da Federação de Municípios de Setúbal na EDP foram definidas através de protocolo um conjunto de medidas tendo como finalidade o assegurar a prestação de serviços que se vinha mantendo, assim como dar cabal cumprimento ao plano de obras então em curso.

Contrariamente ao definido tem procedido a EDP de forma diferente ao acordado, resultando de tal prática uma total desorganização das relações e dos serviços que se vinham mantendo com os Municípios.

Deste modo, e contrariamente à vontade dos Municípios se tenta pôr em causa a EDP assim como a qualidade dos serviços por ela prestados.

Assim, não tendo sido até à data publicada legislação que regule de forma concreta, alguns aspectos relevantes que resultam da integração na EDP, nem elaborados os necessários estudos que conduzam à defesa dos legítimos interesses dos municípios, deliberam estes o seguinte:

1. Exigir a uniformização de critérios para com todas as Câmaras Municipais;
2. Exigir que os planos de actividades sejam previamente discutidos com os Municípios;
3. Exigir a garantia e qualidade dos serviços prestados pela EDP;
4. Exigir uma maior participação das autarquias nos órgãos da EDP (Conselhos Regionais, Centros de Distribuição e Conselho Geral);
5. Exigir a imediata regulamentação do serviço público da EDP devendo o mesmo antes de publicado ser discutido com as Câmaras Municipais.

Esta moção foi aprovada por unanimidade em reunião de 30/3/81.

Setúbal, 31 de Março de 1981:

PUB.

Assembleia Distrital de Setúbal MOÇÃO

Decorrem no próximo mês as duas efemérides históricas do Portugal contemporâneo mais queridas do Povo Português — do povo que viveu meio século amordaçado, vilipendiado e exilado no seu próprio País; do povo que viu muitos dos seus mais dilectos filhos, que lutavam pela Liberdade, pela Democracia e pela Justiça Social, encerrados e torturados até à morte pelas forças odiosas da Pide nas masmorras políticas do fascismo — o SÉTIMO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO LIBERTADORA DO 25 DE ABRIL DE 1974 E O 5.º ANIVERSÁRIO DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA promulgada em 2 de Abril de 1976.

Reunida em sessão ordinária no dia 30 de Março de 1981, a Assembleia Distrital de Setúbal:

SAÚDA os capitães de Abril e todos os que em luta árdua e corajosa, ao longo de anos, tornaram possível a Revolução dos Cravos, assim como os deputados que na Assembleia Constituinte aprovaram e se mantêm fiéis ao espírito e à letra de uma das constituições mais democráticas e progressistas do Mundo.

AFIRMA a sua intransigente determinação de respeitar e defender as Conquistas da Revolução e os princípios, os direitos e as garantias consignadas nessa Lei Fundamental do País, dos ataques que lhes são movidos pelas forças reacţionárias e retrógradas que procuram, insidiosamente, restaurar os privilégios políticos e económicos da oligarquia fascista através da revisão inconstitucional da Constituição.

PROCLAMA a sua incondicional solidariedade com a população e as classes trabalhadoras do Distrito de Setúbal em particular e com o Povo português em geral, e a sua inabalável decisão de, sem desfalecimento, antes com entusiástica esperança que resulta das razões morais que perante a História lhe assistem, prosseguir os Caminhos de Abril até à edificação de uma Sociedade Socialista em Portugal.

Esta moção foi aprovada por unanimidade.
Setúbal, 31 de Março de 1981

da tese "MDP/CDE — o 5.º partido político" falou ao "DL"

A não precisa da nossa contribuição

Por exemplo o nosso programa está muito próximo do programa do PS, mas conjuntamente não temos nenhuma possibilidade de nos aliarmos ao PS como ele se encontra actualmente organizado.

«DL» — Mas após o Congresso de Maio admite essa possibilidade?

C. M. — Admito que sim. Eu penso que o PS depois de Maio não será o mesmo. As declarações públicas de José Magalhães Godinho e de Marcelo Curto dizendo que viam a necessidade de estender as suas relações ao MDP, já são o prenúncio dessa hipótese.

Primazia ao projecto cultural

«DL» — Em que campos se centram as divergências relativamente ao PC?

Esse projecto cultural?

C. M. — Nós vemos que Portugal é um país especialmente apontado para a prática de um projecto cultural. Temos uma extensão pequena, somos um país concentrado e um projecto cultural tem como exigência básica uma grande unidade nacional e geográfica. Quer dizer, do Algarve ao Nordeste, apesar de tudo, as diferenças não são tão grandes que não se possa pensar num projecto cultural. Quando se fala em projecto cultural fala-se em atacar a doença: não se pode mais advogar um tipo de ensino que não tenha as crianças e os jovens oito ou nove horas nas escolas. Para isso é preciso abrir mais escolas. Não é preciso grandes edifícios, as escolas improvisam-se, só não se improvisam os alunos. Por outro lado penso que é um erro elitista pensar que em Portugal é pre-

C. M. — O MDP tem 10 000 militantes, mas em sedes estamos à frente de todos os partidos à excepção do PCP. Temos uma capacidade de organização extremamente importante e, por outro lado, temos quadros repartidos em todos os serviços. Por isso o MDP pode, sem nenhuma jactância, definir-se como o 5.º partido. Quanto à sua intervenção e aos antecedentes históricos então nem sequer há nenhuma dúvida. Poucos partidos podem arrogar-se de terem confraternizado com tantas personalidades políticas de opções ideológicas diferentes como o nosso... Actualmente a expressão parlamentar não nos corresponde. É uma situação muito injusta; sobretudo quando a comparamos com a ASDI e a UEDS chega a ser mesmo ridícula.

Se o nosso acordo com o PC garantia-nos três deputados

reunir-se então a questão seria outra. Portanto este problema não é uma questão aritmética que está a ser posta fora de tempo. Tem de ser esquematizada e bem reflectida, agora, para ver que tipo de alianças devemos formular para 1984. Até porque toda a gente sabe que o PSD e certas forças do PS se esforçam por realizar algum entendimento. Se isso acontecer, pode suceder que as unidades que se tenham que fazer sejam do género ASDI, UEDS, MDP e outras forças, com ou sem o PC, porque isso vai depender do PC. Podemos fazer uma frente vasta, uma APU grande, mas pode acontecer que o PC não queira. Pode querer fazer a sua contagem e nessa altura parece-me perfeitamente lógico que façamos uma frente com aquilo que for o resíduo daqueles que não concordassem com a unidade

procura fazer alianças com o PS para encurtar a APU. É uma razão para estarmos juntos com o PC no Alentejo.

«DL» — E no Algarve?

C. M. — É uma situação em que de facto o PSD já não pode aliar-se ao PS porque a tradição democrática do Algarve é muito grande e os militantes socialistas não aceitam mesmo as ordens do partido. Penso que aí há uma possibilidade de unidade do MDP com os socialistas.

«DL» — Na tese de que foi relator defende-se que o número de dirigentes de Lisboa no secretariado nacional não deve exceder 50%. Porquê?

C. M. — Essa é uma questão de fundo. Pensamos que o secretariado deve ter uma predominância muito grande de Lisboa, mas não pode exceder os 50% para poder cumprir as vontades dos distritos. Se o secretariado se mantiver com uma hegemonia de Lisboa podemos cair numa tendência centralista excessiva que está contra as tradições do MDP. Faz parte da natureza do MDP ser um partido descentralizado ao contrário do PCP que é um partido bastante centralizado.

Mudar para alargar

«DL» — Quais as suas expectativas relativamente aos resultados deste IV Congresso?

C. M. — Haja o que houver o IV Congresso não terá nem vencidos nem vencedores. Será um congresso em que muita coisa vai ser discutida e como partido democrático que somos vamos aceitar a vontade da maioria e aquilo que lá for decidido. Penso, no entanto, que o MDP depois deste congresso vai ser diferente sobretudo no executivo: não vai continuar a ser o mesmo. Isto é quase uma aposta. Porque se isso não acontecer o MDP entra em crise.

«DL» — Este congresso terá então uma dimensão histórica muito maior que os anteriores.

C. M. — Eu penso que sim. Até porque vamos discutir questões a que não se vai poder fugir como aconteceu noutras alturas: relações com o PS, acordos preferentes ou não, com o PCP, e a defesa do MDP como 5.º Partido. Se o nosso documento não tivesse outro mérito tinha este.

«DL» — Depois do Congresso o discurso do MDP continuará a ser o mesmo, ou seja de certo modo o eco do PCP?

C. M. — Põe a questão muito bem. Foi para que não haja isso que o nosso documento surgiu. Embora para muita gente do país haja uma perfeita diferença, entre o MDP e o PC, para a maioria não era assim. A conotação era subjectiva, mas evidente. Nós pensamos que este documento é o começo para pôr as coisas no sítio porque se realmente temos que ter o mesmo discurso que o PCP não se justifica que o MDP exista como Partido. Nem para o PC isso era útil, nem para nós.

«DL» — Se isso vier a acontecer admite que o MDP alargue a sua base de apoio e que em futuras eleições ganhe outra dinâmica e obtenha outros resultados?

C. M. — É isso que pensamos. Nós somos um partido formado por gente madura, de uma certa idade, não somos um partido com muitos jovens, mas temos que pensar em penetrar na ju-

ventude e para isso temos de ter um discurso político autónomo, diferenciado. Neste sentido eu sou optimista. Tenho como certo o alargamento do MDP se trabalharmos no sentido dos serviços, da CGTP-IN em cujo secretariado nos cabe estar representados e não estamos — o que é um absurdo — e nas autarquias onde nos cabe outra proporção na acção política.

«DL» — Será possível retirar ao MDP a imagem de «satélite» do PC?

C. M. — Eu penso que sim. Veja o que aconteceu ao grupo que hoje se chama ASDI. Durante os anos 76/77 os elementos que compõem a ASDI tinham uma

conotação francamente direitista, hoje não têm essa imagem, recuperaram perfeitamente. São considerados até por algumas forças de direita como esquerdistas. Penso que em política se recupera as imagens quando correspondem a factos reais. No caso do MDP ainda é mais fácil. Nós nunca tivemos grande culpa

do que nos aconteceu: ficámos sempre entalados entre o PS e o PC. Ficamos cilindrados pelo PS que não nos admitiu e subalternizados pelo PC que entendia

que em certas questões tinha que ter a hegemonia. Entre estas duas cunhas é que o MDP tem vivido. Ora o MDP é um partido socialista, logo não pode ter complexos em relação ao PS da mesma forma que os não pode ter em relação ao PC.

Atingir o PSD

«DL» — Mas no actual xadrez partidário qual será a possibilidade de alargamento para além do espaço que lhe resta entre o PS e o PC?

C. M. — Eu penso que o MDP não é uma força que se possa colocar entre o PS e o PC. Isso é um erro. O MDP é uma força que está entalada nessa posição porque o PS tem uma prática social-democrata e anticomunista, só por isso é que há tal equívoco. Se o PS fosse de facto coerente com o seu programa, provavelmente o MDP apresentava-se do outro lado do PS e não do lado de cá.

«DL» — Esse alargamento será feito não à custa do PS e do PC?

C. M. — É isso. O nosso espaço come mais no PSD do que pode parecer, mas muito mais, e é isso que justamente é muito importante. Há gente simples, democrata, que não quer identificar-se com atitudes radicais, para as quais por exemplo o discurso do PC é um pouco opaco que quando passa diante de uma sede do PC muda para o outro lado, mas que, como se verificou na eleição do general Ramalho Eanes veio para a banda de cá.

«DL» — Mas esse alargamento de espaço até simpáticos do PSD limita-se ao Norte do País, porque a Sul...

C. M. — ...Sim, a Sul é completamente diferente. A nossa tese na zona do Alentejo não tem sentido. Mas o Alentejo também não constitui a maioria de Portugal.

Entrevista de Luís Humberto Marcos



C. M. — São fundamentalmente no campo económico e cultural. Nós vemos que numa época em que os modelos capitalistas estão desacreditados — nem sequer os EUA conseguem ter um modelo coerente — é profundamente ridículo apresentarmos projectos de recuperação capitalista como se faz em Portugal. Mas também na esquerda é profundamente ridículo apresentar-se projectos das democracias socialistas quando se sabe que aqui também existem dificuldades e se verifica que o esquema das planificações já não opera os mesmos resultados que operava noutra época. Temos de passar por uma grande modificação estrutural, cultural. Por isso pensamos que de dar uma primazia muito grande ao projecto cultural. Daí que, no nosso documento, o projecto cultural tenha uma primazia sobre o próprio modelo económico. Aqui há também uma divergência muito grande em relação ao secretariado.

«DL» — A posição do secretariado é mais economicista?

C. M. — Mais economicista e até mais concordista, de compromisso; e a nossa não é de compromisso. A nossa é: projecto cultural primeiro, economia depois.

«DL» — O sr. professor toca num aspecto fundamental que é o problema cultural, o substracto, no fundo, de todo o desenvolvimento. Quais são no seu ponto de vista as possibilidades de se pôr em prática

ciso muitos e bons professores para fazer um bom ensino; ele faz-se com as pessoas que tivermos. O problema é humano, de contacto, não de escolas.

«DL» — E a falta delas...

C. M. — ... não é razão para rejeitar um projecto cultural que não só é possível como necessário. E o nosso projecto contido na tese «O 5.º partido político» aponta para essa grande modificação que é a preparação dos aprendizes e dos estudantes. Tem em conta uma nova mentalidade que é a ocupacional. Uma espécie de grande terapêutica ocupacional.

«DL» — Mas tendo em consideração o nosso posicionamento europeu e também a nossa dependência económica, não acha um tanto utópico aplicar esse projecto cultural a uma sociedade consumista como é a nossa?

C. M. — Toda a política são, seria, tem alguma utopia. Eu penso que há dois tipos de utopia: a daquilo que se faz contra o que se costuma fazer; e a utopia daquilo que é impossível fazer. A nossa encontra-se no campo da primeira. O que é preciso é vontade política, e isso é que nos carece. Por outro lado há uma crise cultural na esquerda portuguesa.

Que é feito do 3.º?

«DL» — Qual é a dimensão eleitoral e de militância do MDP?

temos que perguntar legitimamente que é feito do 3.º. Sei que é uma questão melindrosa, mas tem que se levantar com coragem política porque o nosso acordo era para três deputados.

«DL» — Mas pela posição nas listas 3.º estava em condições seguras de ser eleito?

C. M. — Efectivamente o problema dos dois só tem explicação pela posição nas listas. Mas isso é uma falsa questão porque o acordo com o PC era para três.

«DL» — O terceiro devia estar completamente fora da zona cinzenta?

C. M. — Exactamente, tinha de estar em sítio seguro.

«DL» — E quanto à política de alianças para as legislativas de 84, acha que o problema deve ser posto já em equação ou ainda é demasiado cedo?

C. M. — Aqui está uma questão que eu vou aproveitar para rectificar alguns erros de interpretação, que têm surgido. Nós no documento dizemos que o partido deve preparar-se para 1984 com base no seguinte princípio: é sobejamente conhecido que o acordo da AD termina em 84, os partidos separam-se e concorrem sozinhos a não ser que façam novo acordo. Ora como o acordo aponta para a extinção da AD em 1984 devemos prepararmo-nos para uma contagem porque nessa altura não está em causa a unidade democrática. Se a AD voltasse a

entre o PS oficial e o PSD por exemplo.

Alianças com ou sem o PCC

«DL» — Para que perspectiva se inclina relativamente à posição que deverá ser assumida no Congresso quanto às eleições?

C. M. — Penso que para as eleições autárquicas devemos ter uma grande liberdade e procurar todos os acordos possíveis com as forças democráticas sejam elas quais forem e, portanto, fazer alianças com o PC ou sem o PC.

«DL» — E com o PS?

C. M. — Inclusivamente com o PS.

«DL» — E com o PSD?

C. M. — Isso também.

«DL» — Mas em que zonas?

C. M. — Em zonas como por exemplo Viana do Castelo, certos concelhos do Porto, de Aveiro e Bragança. Não vemos nenhum problema nessas alianças. Toda a gente sabe por exemplo que em Bragança as diferenças entre o CDS e o PSD são fulcrais.

«DL» — Mas lá para o sul do País o problema...

C. M. — ... é completamente distinto e seria ridículo e idiota estar a pôr esta questão relativamente ao Alentejo por exemplo. Aí a gente vê que o PSD

Greve dos transportes do Porto que hoje termina poderá repetir-se em breve

A greve dos trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) entrou hoje no seu terceiro e último dia e até ao momento o conflito que a originou não foi desbloqueado. Nestes termos, e caso a posição intransigente do conselho de gerência da empresa se mantenha os trabalhadores poderão voltar a paralisar em data a anunciar e desta vez por um período de quatro dias.

Esta greve, que vem na sequência de outras paralisações de 24 e 48 horas, realizadas em semanas diferentes, registou uma adesão de 100 por cento, não tendo circulado qualquer veículo dos STCP. Os restantes serviços da empresa mantiveram-se igualmente paralisados.

A comissão negociadora sindical que volta a manifestar a sua «abertura negociadora» reafirma também «não abdicar da defesa das reivindicações» dos quatro mil trabalhadores dos STCP.

Os trabalhadores dos STCP, cujos salários não são revistos «há mais de 14 meses» lutam «pela sobrevivência» e têm visto o seu processo de negociação do ACT sucessivamente protelado pelo conselho de gerência da empresa.

Rodoviária Nacional

Conforme já anunciamos na nossa edição de ontem os traba-

lhadores da Rodoviária Nacional vão entrar em greve, das três horas do dia 9 às três horas de 11 do corrente, com vista a pressionar o conselho de gerência no sentido de negociar a proposta sindical que aponta para um aumento salarial de 25 por cento.

Reivindicam igualmente a revogação de uma resolução do Conselho de Ministros que determina a alienação de sectores da empresa não directamente re-

lacionados com o transporte de passageiros e mercadorias. Aquela resolução, segundo os trabalhadores, irá retirar à RN actividades complementares lucrativas, podendo ocasionar despedimentos em massa, supressão de carreiras e aumento generalizado das tarifas.

Estão igualmente previstas para 6.ª feira, dia 10, paralisações noutras empresas de transporte, nomeadamente a

CP, o Metro, a Carris e a Transtejo, que se integram na luta dos trabalhadores contra os ataques do Governo a este sector.

Estas paralisações, que irão das 10 às 14 horas, foram decididas em plenário das organizações sindicais do sector, onde foram analisados os problemas que as empresas de transportes enfrentam, tendo sido considerado particularmente grave o caso da RN.

Encontro de pescadores defendeu o desbloqueamento do acordo fronteiriço de pescas

O Sindicato dos Pescadores de Faro e a Federação do Mar das Comissões Obreras de Andaluzia, central sindical comunista espanhola, defenderam o desbloqueamento do Acordo Fronteiriço de Pescas.

O acordo permitia a pescadores da zona fronteiriça capturarem até determinado limite da zona marítima do país vizinho, mas a junta portuguesa disse recentemente não estar interessada na sua continuação por apenas «permitir trabalhar um

número não significativo de embarcações» do seu país.

Uma das consequências foi a paralisação da frota de arrasto de Isla Cristina e de Ayamonte.

Em comunicado, os sindicalistas portugueses e espanhóis chamam a atenção das juntas locais para a actual situação e afirmam que a mesma «está a provocar a paralisação de pescadores e pequenos armadores dos dois países».

O documento, fruto de uma reunião realizada na quarta-feira em Ayamonte, Espanha, consi-

dera urgente o esclarecimento dos termos do Acordo Geral das Pescas entre as nações ibéricas e acrescenta que o convénio suscita leituras diferentes, consoante a parte interessada.

A delegação portuguesa informou ainda que está preocupada com «as consequências catastróficas» para os pescadores do seu país da adesão de Portugal às comunidades europeias.

Foi acordada a realização de uma assembleia conjunta de pescadores portugueses e espanhóis da zona.

Concentração na Amadora contra a política do Governo

Seis sindicatos e outras organizações de trabalhadores da Amadora convocaram para o dia 14 uma concentração frente à Câmara Municipal do Concelho, de acordo com um comunicado agora divulgado.

O documento refere que a decisão surge na sequência de um plenário realizado em Março e tem em vista «exigir o fim da polí-

tica do Governo AD/Balsemão, Patronato/UGT».

Os órgãos representativos dos trabalhadores do concelho da Amadora, dizem, no comunicado, que a política do Executivo «não pode continuar, porque não serve os trabalhadores nem o Povo português e submete Portugal aos interesses do imperialismo».

USL diz que o 1.º de Maio será ponto de viragem

A comemoração do 1.º de Maio este ano assinala um «ponto de viragem na situação política e social do nosso País» segundo afirma um comunicado do secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) agora divulgado.

O comunicado que sublinha a certeza de que aquela data será «mais uma grandiosa jornada de unidade e de luta dos trabalhadores portugueses», diz nomeadamente o seguinte:

«Por todo o lado os trabalhadores fazem frente às prepotências, às arbitrariedades e às provocações do patronato e do seu Governo.

Na Função Pública ou no Material Eléctrico, nos Têxteis ou nos Transportes, nos CTT ou no

Calçado, Banca ou Seguros.

Na Petroquímica ou na Novobra, na GM, na Mague, na Petrogal, na Standard Eléctrica, na Sorefame, na Covina, na RN, na Cometa, Cel-Cat-Cabos Ávila, Messa, na EDP Cavan, na Fábrica de Loíça de Sacavém, na Centralcer, muitas e muitas outras empresas. Nos serviços ou na produção, os trabalhadores dão provas da sua firmeza e combatividade, na luta por melhores condições de vida e de trabalho, contra a repressão e a prepotência patronal e da sua elevada consciência política e de classe na definição do inimigo principal e na orientação da luta para a defesa do regime democrático consignado na Constituição de Abril».

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

PUB.

PRÉ-AVISO DE GREVE

Aos Utentes e à população em geral
Ao Ministério do Trabalho

Ao Ministério dos Transportes e Comunicações

Aos Conselhos de Gerência ou Comissões Administrativas das empresas:
Rodoviária Nacional, EP, Companhia Carris de Ferro de Lisboa, SARL,
Metropolitano de Lisboa, EP, Socarmar, EP, Caminhos de Ferro
Portugueses, EP, Transtejo - Transportes Tejo, EP.

Ex.ªs Senhores

As Associações Sindicais subscritoras, no cumprimento do disposto no art.º 5.º da Lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, levam ao conhecimento de todas as entidades interessadas que, no exercício indeclinável do seu dever de defesa e representação dos direitos e garantias dos seus associados e como forma de luta

Para resolver o impasse verificado com a revisão do ACT da Rodoviária Nacional, tendo em vista a sua rápida conclusão e publicação

- Pela revogação da resolução 43-E/81, e a não aplicação das medidas nela contidas a RN.
- Contra o desmembramento das empresas de transportes
- Pelo pagamento das dívidas do Estado às empresas
- Contra a diminuição das indemnizações compensatórias.
- Pelo cumprimento dos ASEP's já assinados e pela rápida aprovação e ASEP's que contribuam para o verdadeiro saneamento económico e financeiro das empresas e o seu rápido desenvolvimento e modernização
- Pela concretização das propostas dos trabalhadores para a reestruturação e o desenvolvimento das empresas.
- Contra o aumento de preços e tarifas e pela prestação de melhores serviços à população.
- Pelo alargamento do passe social a outras regiões do País, e pela integração da SOTUBE na RN.
- Contra as interdições contra os despedimentos.
- Pela rápida resolução dos ACT's e outras reivindicações
- Pela imediata publicação dos ACT's já acordados.
- Contra as ameaças ao direito à greve e contra qualquer limitação às liberdades a nível de cada empresa
- Contra a nomeação de gestores governamentais incompetentes e escolhidos pelo compadrio e pela imediata tomada de posse dos gestores eleitos pelos trabalhadores

decidiram decretar as seguintes paralisações do trabalho dos seus associados que trabalham nas empresas acima indicadas, da seguinte forma

Rodoviária Nacional, EP - das 03 00 horas do dia 9/4/81 até as 03 00 horas do dia 11/4/81

Restantes empresas - das 10 00 às 14 00 horas do dia 10/4/81

Lisboa, 2 de Abril de 1981

Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos, Federação dos Sindicatos Ferroviários, Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Fluviais, Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, Sindicato dos Maquinistas Práticos, Ajudantes e Artífices da Marinha Mercante do Distrito de Faro, Sindicato Livre dos Trabalhadores Rodoviários e de Garagens do Distrito de Braga, Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas, Federação Nacional dos Sindicatos da Indústria de Heteros e Turismo, Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços, Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras, Sindicato dos Trabalhadores do Serviço de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares, Sindicato dos Técnicos de Desenho, Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Coimbra, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Leiria, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Castelo Branco, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Évora, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Beja, Sindicato Livre Empregados de Escritório e Calzados do Distrito de Faro, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Santarém, Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura, Pecuária e Silvicultura do Distrito de Lisboa, Sindicato Nacional dos Construtores Cíveis, Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel, Gráfica e Imprensa do Sul, Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de Lisboa, Sindicato dos Ferroviários do Sul, Sindicato dos Ferroviários do Centro, Sindicato dos Ferroviários do Norte.

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

PUB.

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte

Plenário dos Trabalhadores do Sector dos Fabricantes de Material Eléctrico e Electrónico da Zona Norte

Dia 4 de Abril (Sábado)
às 15 horas
na Cooperativa dos Pedreiros
Rua da Alegria, 598 - Porto

TODOS AO PLENÁRIO!
A DIRECÇÃO

Setenave em luta por aumentos salariais

Terminou esta manhã a greve de 48 horas dos trabalhadores da Setenave que, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Setúbal, registou uma adesão entre os 93 e os 95 por cento. Não subscreveram o pré-aviso de greve os sindicatos de quadros w o Sima.

Os trabalhadores lutam pela aprovação do seu caderno reivindicativo, que propõe aumentos de 23 por cento. Mas a administração contrapõe aumentos de 12 por cento.

A Setenave é uma empresa pública de construção e reparação naval situada em Setúbal e emprega cerca de 6500 trabalhadores, dos quais mais de seis mil foram abrangidos pela greve.

Covina

A partir do dia 7, a Covina vai entrar em greve por dois períodos: o primeiro, das zero horas do dia 7 às oito do dia 8 e o segundo das zero horas do dia 9 às oito do dia 10. Estas paralisa-

ções visam pressionar a administração a conceder aumentos salariais (no âmbito do ACTV) de 23 por cento, dos quais 17 por cento são sobre a tabela e o restante para o outro clausulado pecuniário. A contraproposta da administração é de 11 por cento de aumento das tabelas e um total de 16,6 por cento no restante clausulado.

Os trabalhadores da Covina, que já haviam paralisado no dia 25 de Março, reivindicam também que a prevista instalação de uma linha de produção de vidro «float» seja integrada naquela empresa.

A Covina é uma empresa nacionalizada do sector vidreiro, situada nos arredores de Lisboa e que emprega 1247 trabalhadores.

Centralcer

Os trabalhadores da empresa cervejeira Centralcer paralisaram ontem, entre as zero horas e a meia noite, pela aplicação integral do ACT. Com esta greve,

que teve uma adesão da ordem dos 80 por cento, os trabalhadores visaram também a anulação de sanções disciplinares já aplicadas e processos em curso, bem como o cumprimento da lei das comissões de trabalhadores, designadamente no que se refere a pareceres prévios obrigatórios.

A paralisação incidiu sobretudo sobre os estabelecimentos de Vialonga, Belas e Prior Velho, onde os sindicatos consideram que não está a ser integralmente cumprido o ACT. Os serviços administrativos centrais de Lisboa e a fábrica de Coimbra, onde não se põem questões semelhantes, não houve paralisações, mas realizaram-se plenários para análise da situação.

A Centralcer emprega cerca de três mil trabalhadores.

Cimianto

Terminou a greve de três dias dos 370 trabalhadores da Cimianto, que lutam por aumentos salariais, subsídios de turno e

garantia de transporte para os operários da noite, entre outros pontos do caderno reivindicativo. Esta greve não abrangeu os trabalhadores dos escritórios.

Reunidos em plenário, os trabalhadores, que já haviam paralisado nos dias 24 e 26 de Março, decidiram desencadear nova greve de três dias a partir da próxima terça-feira, «se até lá o conflito não for desbloqueado».

Hotelaria da Madeira

A Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo apoiou em plenário a realização de uma greve na Madeira, no fim-de-semana da Páscoa, já anunciada pelo sindicato local, se até essa data não houver acordo com o patronato para a revisão do contrato colectivo da região. Os sindicatos decidiram igualmente desencadear um processo reivindicativo que «destrua as tentativas de imposição do tecto salarial» e «combater a utilização abusiva e indiscriminada de contratos a prazo».

Função Pública está hoje em greve nacional

Os trabalhadores da Função Pública estão hoje em greve, a nível nacional. Esta paralisação não engloba apenas os funcionários de todos os distritos, que efectuaram greves rotativas, mas também os da Administração Local e Autarquias, num total de 380 mil trabalhadores.

Esta greve, que é apoiada pela generalidade dos sindicatos que representam os trabalhadores do sector, tanto da CGTP/IN como independentes ou afectos à UGT, visa aumentos salariais de 22 por cento, com efeitos retroactivos a partir de Janeiro, e o aumento das diuturnidades e do subsídio de refeição.

O Ministério da Reforma Administrativa contrapôs aumentos de 15,5 por cento, que na prática correspondem a 10,6 por cento. E os sindicatos acusam o Governo de manter «posições anti-negociais».

Ontem registou-se a paralisação dos trabalhadores da Função Pública dos distritos da zona Norte (Aveiro, Braga, Bragança, Porto, Viana do Castelo e Vila Real) que, de acordo com uma fonte sindical, teve uma adesão superior a 75 por cento.

Devido a esta greve, o porto de Leixões esteve paralisado nos cais, o que provocou a interrupção do serviço de entradas e saídas de navios.

Hoje, em consequência da greve nacional, não se efectua a cobrança de portagem na Ponte 25 de Abril.

Devido à greve da Função Pública, o porto do Funchal esteve ontem paralisado a 100 por cento, havendo a registar o caso do navio porta-contentores «Ilha de S. Miguel» que, contrariando a legislação portuária, desatracou do molhe da Pontinha, utilizando apenas o pessoal de bordo, sob a responsabilidade do comando do navio.

Médicos do Sul

Os médicos da região Sul, de acordo com uma decisão tomada em reunião alargada dos corpos gerentes e delegados sindicais, aderem à greve nacional da Função Pública hoje em curso.

Os médicos não asseguram assim os serviços burocráticos, limitando-se a assistir apenas aos casos mais urgentes.

GRANDE LIQUIDAÇÃO

SÓ 20 DIAS

DARTY
MÓVEIS
CONFIANÇA

PARA OBRAS

TUDO AO DESBARATO
SÓ
NOS TRÊS ANDARES
DA LOJA DE ALMADA

Av. 25 de Abril · 45 · Almada

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

— ANÚNCIO —
2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 13.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa,

nos autos de execução de sentença n.º 34/79, respeitantes à executada VILVA FERRAO LD.ª, com sede na Rua do Cais do Tojo n.º 35, em Lisboa, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e

última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no prazo

de DEZ DIAS, posteriores ao dos editos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre

que tenham garantia real, na execução que lhe move LAURA PEREIRA SOARES

residente no Bairro do Casalinho da Ajuda, Rua A Lote 16 2.ª Dt.ª em Lisboa Lisboa, 25 de Março de 1981

O Juez Aux. J.ª
a) Artur Manuel Ventura de Carvalho
O Escrivão
a) Teófilo A. F. Alvorado

A GRANDE HISTÓRIA DE AMOR DOS ANOS 80

Se amas devero...
nada te deterá no teu caminho



Um Amor em Competição

FILME DE QUALIDADE

COLUMBIA PICTURES Presents
A RASTAR/WILLIAM SACKHEIM PRODUCTION

RICHARD DREYFUSS
AMY IRVING · LEE REMICK
"THE COMPETITION"

SAM WANAMAKER Música original de LALO SCHIFRIN Produtor executivo HOWARD PINE
Argumento de JOEL OJANSKY história de JOEL OJANSKY e WILLIAM SACKHEIM Produção de WILLIAM SACKHEIM
© 1981 Columbia Pictures Industries, Inc. Realização de JOEL OJANSKY From RASTAR

CINE 222

HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA

TERMINAL

AV. PRAIA DA VITÓRIA 35
Tel. 579460 — Lisboa

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Reagan recupera mas esteve à beira da morte

O presidente Ronald Reagan, ao contrário do que se julgou, esteve quase a morrer nas primeiras horas que se seguiram ao atentado de segunda-feira.

Fontes médicas do hospital George Washington, onde o presidente norte-americano se encontra internado, afirmaram ontem que Reagan «perdeu enorme quantidade de sangue, teve problemas cardíacos e respiratórios e esteve muito perto do estado de choque».

Devido a tudo isso, os médicos decidiram intervir cirurgicamente para lhe extrair a bala e todo o sangue acumulado na parte inferior do pulmão esquerdo, tendo o estado de saúde de Reagan estabilizado apenas três horas depois da operação.

Ontem, porém, três dias depois do atentado, o presidente continua a recuperar rapidamente, deixou a unidade de tratamento intensivo, come quase normalmente e dá pequenos passeios a pé no corredor contíguo ao seu quarto.

Ronald Reagan reservou para si, a família e os assessores políticos toda uma ala do hospital, de onde dirige politicamente o país, assina leis e participa em importantes reuniões.

Os médicos que o tratam jul-

gam que o presidente poderá sair do hospital na próxima semana e iniciar um período de recuperação de dois a três meses, durante o qual deverá ter um ritmo de vida repousado.

A Casa Branca anunciou hoje que o secretário de Imprensa James Brady, ainda em estado crítico devido ao tiro que o atingiu no cérebro, continua a mostrar contínuos sintomas de melhoria e os seus sinais vitais permanecem estáveis.

Balas explosivas

As balas disparadas na segunda-feira por John Hinckley contra Ronald Reagan, talvez tenham sido explosivas, segundo anunciou ontem à noite um porta-voz do FBI, Robert Young.

Segundo o porta-voz, uma das seis balas disparadas «desintegrou-se» pura e simplesmente ao bater no vidro da porta do carro presidencial.

Avisados desta possibilidade, os médicos do Hospital George Washington fizeram ontem uma operação de urgência para extrair uma bala que estava alojada no pescoço do Polígrafo Thomas Delahanty. Anteriormente os médicos tinham decidido não a extrair.

Young declarou que a bala que feriu o polícia poderá ser uma bala modificada de calibre 22. Este tipo de balas que se pode comprar normalmente no comércio tem a cabeça carregada com uma carga explosiva. «Não se trata de uma bala dum tipo que explode no momento do impacto, mas as diferenças técnicas são mínimas», disse Young.

Hinckley «mentalmente capaz»

O autor do atentado contra Reagan, foi considerado ontem «mentalmente capaz» de ser enviado a julgamento, mas deverá, contudo sujeitar-se na Carolina do Norte, a mais exames psiquiátricos.

O jovem de 25 anos, foi apresentado a um juiz de Washington, que decidiu enviá-lo para a penitenciária de Butner, perto de Durham (Carolina do Norte).

Nesta penitenciária, onde Hinckley chegou ao fim da tarde de ontem as autoridades tentam determinar qual era o seu estado de espírito quando do seu atentado ao presidente Reagan. Tais exames devem durar noventa dias, no máximo.

A verificação de que Hinckley é «mentalmente capaz», feita pelo juiz Lawrence Margolis,

apenas significa, acentua-se, que compreende os seus direitos e pode ajudar a preparar a sua defesa. Nada antecipa, pois quanto a uma sentença que o declare responsável ou irresponsável.

O seu advogado, Vincent Fuller, disse que ainda não se decidiu se alegará não a demência.

Acidente da «Columbia»: mais um morto

Um técnico do centro espacial de Cabo Canaveral (Flórida) gravemente intoxicado no dia 19 de Março durante uma contagem decrescente fictícia, morreu na sequência do acidente, declararam ontem os responsáveis da base.

Forrest Cole, de 50 anos, morreu na noite de quarta para quinta-feira.

No termo da contagem decrescente fictícia, recorde-se, vários técnicos penetraram por erro numa cisterna sem oxigénio. Um primeiro técnico faleceu nesse mesmo dia.

Cole foi internado em Gainesville, a 225 quilómetros a noroeste de Cabo Canaveral no dia do acidente.

Haig inicia digressão pelo Médio Oriente

O secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, inicia hoje uma visita pelo Médio Oriente na sua primeira viagem de envergadura desde que assumiu as actuais funções. Segundo fontes oficiais norte-americanas, a visita de Haig destina-se ao essencial a lançar as bases de uma união de países da região «para contar futuras ameaças soviéticas». Quatro países serão visitados: Egipto, Israel, Jordânia e Arábia Saudita, cujos dirigentes muito provavelmente se deslocarão aos EUA na segunda metade deste ano.

Ao mesmo tempo, elementos da comitiva de Haig deslocar-se-ão a outros países da área: Iraque, Síria e Líbano. A missão destes enviados de Washington é garantir àqueles Estados que os EUA serão um «escudo protector» digno de confiança, e que, apesar das divergências dos diferentes países entre si, eles devem unir-se no mesmo objectivo comum: «conter a ameaça soviética». Esta política não se afasta evidentemente da prosseguida pela anterior Administração. Decerto Reagan aproveitará as bases lançadas pelo seu antecessor na formulação de uma política para aquela época, bases que incluem exactamente «bases militares» em quatro países: Omã, Egipto, Somália e Quênia.

Nas vésperas da deslocação de Haig, os EUA receberam um «brinde» que, segundo a AFP, estão a analisar em grande profundidade. Trata-se de uma entrevista concedida pelo presidente sudanês, Gaafar Numeiry, ao «Washington Post», na qual este dirigente faz afirmações bombásticas, em manifesta concorrência com Sadat do Egipto.

Numeiry quer também exercer um papel na área. E propõe os seus serviços. Começou por recentemente ter perdoado ao Egipto a traição de Camp David,

tendo reatado plenamente as suas relações com o Cairo. Agora oferece-se a Washington para lhe «conceder facilidades militares» no caso de o seu país «sofrer uma ameaça soviética». Ao mesmo tempo, declara-se em guerra contra o dirigente líbio, Gaddafi, que qualifica de «instrumento da URSS», propondo à comunidade internacional soluções radicais para pôr termo ao «problema Gaddafi». Diz textualmente: é preciso «arrancar o Governo a este homem, recorrendo a qualquer modalidade de guerra, afastando-o, matando-o». (Este convite ao assassinato de um dirigente político neste momento não deve ser obviamente das coisas mais gratas aos ouvidos da Administração Reagan).

Segunda fase: a Europa

No final desta viagem pelo Médio Oriente, Haig deslocar-se-á à Europa, estando previstas escalas em Madrid e Londres, com breves paragens também em Bona e Paris. Temas fundamentais a abordar nestas escalas europeias: a situação na Polónia, a restituição da confiança dos aliados europeus nos EUA, e nele, Alexander Haig.

Este último ponto, segundo Claude Moisy, da AFP, prende-se directamente com a imagem que o secretário de Estado deu de si ultimamente e que o degradou de duas formas: primeiro, porque terá perdido aparentemente autoridade em Washington, tendo saído bastante malferido da inábil manobra que fez no dia do atentado contra Reagan (aparecer na TV a dizer que tinha tudo sob controlo), segundo, porque terá demonstrado na «guerra com a Casa Branca» não ter dotes de sangue-frio e calma, imprescindíveis para um homem colocado em tão importantes funções.

A saúde pública na Coreia do Norte

A Coreia do Norte celebra hoje o primeiro aniversário da Nova Lei de Saúde Pública, aprovada na quarta sessão da Sexta Legislatura da Assembleia Popular Suprema, em 3 de Abril de 1980, e que consubstancia, nessa esfera da vida social, os progressos registados na edificação do socialismo.

A lei divide-se em sete capítulos: princípios fundamentais da saúde pública; sistema de tratamento plenamente gratuito para todos; protecção da saúde baseada na orientação de medicina preventiva, ciência e técnica médicas de Zuche, segurança material para o trabalho da saúde pública; trabalhadores da saúde pública, autênticos servidores do povo, e, finalmente, organismos de saúde pública, sua direcção e administração.

Como se infere da simples leitura dos títulos dos capítulos desta lei, os princípios fundamentais da saúde pública na Coreia do Norte são: tratamento médico plenamente gratuito para todos; ênfase na medicina preventiva; desenvolvimento da ciência e técnica médicas, de acordo com a ideia Zuche (que impregna a totalidade da vida pública na Coreia do Norte), e garantia de todos os meios materiais e técnicos para assegurar a saúde pública e sua modernização; formação planificada dos trabalhadores sanitários, cujo entusiasmo, consciência política e iniciativa criadora são devidamente incitados; por fim, constante e aprofundada a cooperação e intercâmbio científico e técnico com todos os países amigos. Saliente-se ainda que os estrangeiros exilados na Coreia, por terem lutado pela paz, democracia, socialismo e liberdade, têm assistência médica gratuita. Quando se fala em «assistência médica gratuita», quer para nacionais, quer para estrangeiros, isso significa que a totalidade dos gastos com a saúde e das empresas acessórias (transportes, alojamento, refeições, etc) é coberta pelo Estado.

Golpe de Estado falhou

Revoltosos tailandeses puseram-se em fuga

O general Prem Tinsulanonda, primeiro-ministro tailandês, retomou Bangucoque, ontem de manhã, sem fazer correr sangue.

Os responsáveis do golpe de Estado que tinham tomado o poder em Bangucoque na passada quarta-feira de madrugada fugiram da Tailândia e os seus lugares tenentes foram presos.

O esboroamento do Comité Revolucionário, dirigido pelo general Sant Chiptatima, tornou-se inevitável face à concentração das personalidades políticas e dos chefes militares em redor do general Prem, que tinha instalado o seu posto de comando a nordeste do país (em Korat).

O erro capital cometido na quarta-feira de manhã pelo Comité Revolucionário consistiu em não ter conseguido impedir o chefe do Governo de abandonar Bangucoque, o qual acabaria por se juntar ao comando do se-

gundo exército, em Korat (noroeste da Tailândia).

Mas sobretudo, a partida da Família Real para Korat, algumas horas mais tarde, não deixou a menor restia de esperança ao Comité Revolucionário, devido ao respeito sentido pelo rei, nomeadamente no seio das Forças Armadas que é incontestável.

A presença do soberano junto do general Prem mostrou sem a menor dúvida, onde se encontrava a lealdade. Foi aliás a primeira vez que o rei deixou a capital durante um golpe de Estado.

A reconquista de Bangucoque começou na quinta-feira de madrugada, logo que a rádio de Korat começou a difundir comunicados atrás de comunicados pedindo aos rebeldes para depor as armas ou então para se prepararem para serem levados a tribunal marcial.

Sem encontrar resistência, os

soldados do general Prem vindos do Nordeste não necessitaram de mais de duas horas para tomar o controlo dos pontos estratégicos: sede do Comité Revolucionário e ministérios.

Enquanto a operação decorria, radio Korat anunciava que os dirigentes do golpe de Estado tentavam fugir de helicóptero. Foi pedido para que ninguém abrisse fogo sobre os aparelhos, o que parece confirmar as informações segundo as quais a fuga para o estrangeiro dos dirigentes rebeldes tinha sido aprovada pelo general Prem.

Pouco depois, Rádio Tailândia passava para o controlo do Governo, anunciando com efeito que o general Sant e o seu adjunto, o general Vasin Issrankun, chefe do Primeiro Exército (ponta de lança do golpe de Estado) tinham fugido de helicóptero. Segundo informações de boa fonte, foram para a Birmânia.

«Bofetada» para Pretória

Bispo anglicano negro vai ser recebido pelo Papa

O arcebispo de Cantuária, Robert Runcie, reafirmou o seu apoio à campanha internacional contra o «apartheid», e conseguiu que o secretário-geral das Igrejas Sul-Africanas, Desmond Tutu, seja ainda esta semana recebido pelo Papa.

Numa conferência de Imprensa que deram em conjunto, Desmond Tutu, bispo anglicano de Joanesburgo, afirmou em Londres que não vai passar a vida a verificar se conta ou não com a simpatia das autoridades sul-africanas.

«Como arcebispo, tenho tentado trabalhar pelo direito dos cristãos a expressarem a sua consciência... E apoiarei o bispo Desmond quando procura falar em nome de muitos que não têm voz nem voto» — disse Runcie,

principal prelado da Igreja Anglicana em todo o mundo.

«Nem sempre se recorda que um bispo da nossa Igreja, na África do Sul, e ao contrário dos seus colegas, brancos, não tem direito a voto» — acrescentou o titular de Cantuária.

Entidades anglicanas indicaram que o aparecimento do bispo negro Desmond Tutu ao lado de Runcie e a sua próxima ida ao Vaticano, antes de regressar a Joanesburgo, poderão influenciar o Governo de Pieter Botha para que não lhe retire o passaporte.

As autoridades sul-africanas já no ano passado actuaram desse modo, revogando-lhe tal documento durante oito meses, depois de haver pedido à Dina-

marca que não importasse mais carvão da África do Sul.

Nos últimos dias, anunciou-se a existência do perigo de nova revogação, por Tutu ter ido a Londres participar num seminário internacional a favor da libertação de Nelson Mandela e de outros adversários do regime sul-africano.

Durante a conferência de Imprensa o prelado, de 48 anos, disse que ao regressar ao seu país reunirá a outros clérigos no trabalho pela «justiça, paz e reconciliação» na África do Sul.

«Queremos que as mudanças aconteçam de forma pacífica» — afirmou Desmond Tutu, que em várias ocasiões já tem previsto para a República da África do Sul um primeiro-ministro negro dentro de um máximo de dez anos.

Os incidentes mais graves desde a guerra

Violentos combates em Beirute

As cidades de Beirute e Zahle, a 30 quilómetros uma da outra, foram palco de violentos combates entre tropas sírias da Força Árabe de Dissuasão e milícias direitistas libanesas.

Artilharia pesada, foguetes e morteiros foram as armas utilizadas nos confrontos em Beirute para os quais não foi dada de imediato qualquer explicação.

Fontes governamentais assinalaram ser impossível determinar o balanço final de vítimas uma vez que os bombardeamentos prosseguem, mas alguns referem 70 mortos e 340 feridos. Aparentemente, está-se em presença do mais grave surto de violência ocorrido na capital desde 1978.

As forças direitistas reagiram ao fogo sírio bombardeando posições sírias e palestinas ao longo da «Linha Verde» que divide Beirute, e ainda posições em Aramoun, a Sul do aeroporto internacional da capital, que entretanto fechou ao tráfego.

A intensidade dos bombardeamentos forçou milhares de residentes da capital a procurar refúgio nos abrigos. Por toda a cidade, incêndios puseram fora de controlo em estações de gasolina e apartamentos residenciais.

Residentes em pânico, de ambas as metades da cidade, acorreram em massa aos estabelecimentos para se fornecerem de alimentos, ao mesmo tempo que escolas e escritórios ficavam desertos.

Em Zahle, 53 quilómetros a Leste de Beirute, são também tropas sírias e milícias as forças envolvidas nos confrontos.

O chefe das milícias proibiu os médicos de saírem da cidade, onde se regista falta de água e alimentos em paralelo com cortes no fornecimento eléctrico e interrupção das ligações telefónicas.

O presidente libanês, Elias Sarkis ordenou entretanto um cessar-fogo às forças beligerantes.

Apelo de Waldheim

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, pediu o fim da luta, no Líbano, entre tropas sírias da Força Árabe de Manutenção de Paz e milícias cristãs da direita.

«Raids» israelitas

Um comando israelita infiltrou-se na quinta-feira de madrugada na aldeia libanesa de Majdel Silm, no sector oriental do Sul do Líbano, sob controlo dos «capacetes azuis» nigerianos da FINUL (Força Provisória da ONU para o Líbano) e dinamitou uma habitação, anuncia a rádio libanesa (oficial).

Posteriormente o Exército israelita efectuou por mar um «raid» a 15 km ao Norte de Saída, na costa libanesa, anunciou um porta-voz militar israelita. Durante esta operação dois palestinos foram mortos e os seus veículos incendiados, precisou o porta-voz.

É o terceiro «raid» israelita no Líbano no espaço de três dias. Estes «raids», recordam os observadores, são executados sistematicamente pelo Exército israelita, no quadro de uma nova estratégia ofensiva destinada a desorganizar as forças palestinas.

Espanha

Pastoral de bispos bascos origina tensão entre o Estado e a Igreja

O primeiro-ministro espanhol convocou ontem o representante diplomático do Vaticano em Espanha na sequência da nota pastoral divulgada quarta-feira por bispos bascos sobre os perigos que a democracia corre em Espanha.

Porta-vozes do Nuncio António Innocenti e do primeiro ministro Calvo Sotelo recusaram-se a comentar a reunião mas fontes citadas pela agência noticiosa AP dizem que Calvo Sotelo exigiu ao Vaticano uma explicação sobre as declarações dos bispos.

Oficiais superiores das Forças Armadas reagiram violentamente à pastoral dos bispos de Bilbao, Vitória e San Sebastian, manifestando irritação nomeadamente por nela se referirem os ataques da ETA como «acções militares».

A pastoral dos bispos surgiu no momento em que o Governo se prepara para enviar para o País Basco dois mil soldados para reforçarem os três ramos das Forças Armadas e as forças paramilitares.

O responsável pelo Episcopado espanhol — com 66 bispos — defendeu os bispos bascos acentuando que «é dever de todos os bispos falarem em vez de permanecerem em silêncio por medo».

«Numa sociedade democrática temos de nos acostumar a escutar e a falar ao povo» acrescentou.

Os bispos Luís Maria Larrea de Bilbao, José Maria Setien de San Sebastian e José Maria Larrauri, de Vitória disseram que os elementos da ETA estavam obviamente a tentar provocar um golpe de Estado e avisaram ao mesmo tempo sobre os perigos de uma intervenção militar no País Basco, que acrescentaram, destruiria a «vida política que tem sempre de salvaguardar a sua independência em relação às Forças Armadas».

Um porta-voz governamental disse hoje de manhã que Calvo Sotelo analisou as declarações dos bispos enquanto o Ministério da Defesa anunciou a «sua profunda preocupação e mal-estar» pela carta pastoral. Contudo, não se espera, pelo menos por enquanto, qualquer declaração governamental sobre o assunto.

Entretanto, círculos ligados ao Governo consideram que se trata da mais séria questão entre a Igreja e o Estado espanhol desde que em 1974 o Vaticano ameaçou cortar relações com a ditadura de Franco, no seguimento de um apelo lançado por um bispo basco a favor da liberdade para a minoria basca.

O bispo de Vitória, José Maria Larrauri, disse posteriormente à rádio espanhola, que não fora intenção dos bispos interferir na vida política nem molestar as Forças Armadas pelas quais têm «um grande respeito».

Depois de frisar que a carta era apenas um «apelo à responsabilidade e à esperança nestes momentos muito delicados», o bispo de Vitória acrescentou: «o que dissemos foi que os ataques da ETA contra as Forças Armadas podem ter influenciado alguns grupos mais intransigentes que não aceitaram a democracia e têm medo dela».

Recelos pela liberdade de expressão

A aprovação antes de ontem, pelo Congresso de Deputados da lei «de defesa da Constituição» em princípio dirigida contra os terroristas e os golpistas em potência, suscitou grandes preocupações na imprensa espanhola.

Com efeito, a lei prevê nomeadamente que o procurador poderá ordenar o encerramento dos órgãos de informação que façam a apologia do terrorismo

ou que incitem ao levantamento contra a Constituição, assim como o confisco das instalações e do material de impressão ou de radiodifusão considerados como «instrumentos do delito».

Os directores de alguns jornais manifestaram a sua preocupação perante as ameaças que tal lei representa, segundo escreve ontem o editorial de «El País» (independente). Essa lei, segundo o jornal, destina-se a «dinamitar a liberdade de expressão». «A apologia é uma das figuras jurídicas mais imprecisas e caprichosas», indica o jornal que acha aberrante que o procurador, «e portanto em última instância o Governo», possa ordenar o confisco de um material de impressão que pode ser comum a várias publicações.

Várias personalidades, entre as quais os escritores Gabriel Celaya, Jorge Semprun, Eva Forest, e os cineastas Carlos Saura e Juan Antonio Bardemont, já assinaram uma carta onde exprimem a sua preocupação face às ameaças que pesam sobre a liberdade de expressão.

Por outro lado, muitos são os que se interrogam sobre os limites da intervenção do exército na luta antiterrorista no País Basco, decidida no passado dia 23 de Março pelo Governo. Depois do envio de 2.000 homens para a fronteira franco-espanhola, e de sete unidades navais para o largo do País Basco, o Ministério da Defesa decidiu agora confiar aos militares a vigilância de 18 aeroportos em todo o território.

Enquanto isto, «El País» afirmava ontem que os golpistas de 23 de Fevereiro não conseguiram impor o seu programa máximo, mas que «a aplicação do seu programa íntimo está a triunfar». «Tanto o Governo como a Oposição parecem ter começado, primeiro a passo e agora a trote — espera-se que amanhã não seja a galope — a esvaziar a

democracia do seu conteúdo», escreve o jornal.

Um dos dirigentes da «coligação democrática» (conservadora) José Maria de Areilza, perguntou por seu turno se a Espanha se tornou «um Estado democrático vigiado por um polícia».

Descoberta base da ETA-M

Um dos centros de operações da organização separatista basca «ETA-Militar» foi descoberto pela Polícia espanhola que prendeu 5 pessoas e que confiscou armas e explosivos, anunciou ontem o comando único da luta antiterrorista em Madrid.

Esse centro situava-se numa propriedade «Angel de La Guarda» situada entre Mazuela e Escoriaza, na província basca de Guipuzcoa.

De fonte policial indica-se que três das sete toneladas de explosivos furtados no ano passado, perto de Santander, estiveram guardados, nessa quinta, cujo proprietário, Santiago Iparaguirre, está em fuga.

Mais de 20 activistas, da ETA-Militar passaram nos últimos meses por essa propriedade. Iparaguirre organizava os encontros entre os membros dos diferentes comandos e conduzia-os até aos locais dos atentados, acrescentou a mesma fonte.

A mulher de Iparaguirre e os seus quatro filhos foram presos. A filha mais velha estava noiva dum membro da «ETA-Militar» morto no domingo passado num combate com a Polícia em Vitória (Alava). No local, foram apreendidos 70 Kg de explosivos, várias armas, 80 matrículas falsas para automóveis e material diverso.

A localização desta base da ETA-M ficou a dever-se às conclusões do interrogatório de um membro da organização recentemente detido.

Tony Benn candidato à vice-presidência do Partido Trabalhista

Tony Benn, um dos líderes da esquerda trabalhista britânica, anunciou ontem que se vai candidatar à vice-presidência do Partido Trabalhista.

As eleições para os órgãos dirigentes do partido terão lugar na conferência anual a realizar no Outono e já se sabe que o outro candidato ao posto de vice-presidente é Dennis Healey.

Benny disse que se candidatará defendendo os seus pontos de vista, apoio ao desarmamento unilateral, retirada das armas nucleares e bases norte-americanas da Grã-Bretanha, abolição da Câmara dos Lordes e retirada da Grã-Bretanha do Mercado Comum.

As eleições serão levadas a cabo de acordo com um novo sistema adoptado em Janeiro e que levou à demissão do Partido Trabalhista de diversos membros que formaram o Partido Social Democrata (SDP).

As novas regras afirmam que os dirigentes do partido são elei-

tos por um colégio eleitoral no qual os sindicatos têm 40 por cento dos votos, os dirigentes partidários 30 por cento e os parlamentares 30 por cento. Anteriormente, os dirigentes trabalhistas eram eleitos apenas pelos deputados.

A decisão de Tony Benn em concorrer à vice-presidência recebeu já críticas de diversos outros membros do partido.

John Siskin, da ala esquerda trabalhista, considerou ser «uma decisão divisionista» e acrescentou que por todo o país as bases partidárias pedem o fim das lutas internas para «se lutar contra os conservadores».

Afirmou não ser esta a altura para se pressionar «com ideias pessoais e ambições», apelando a Benn para «reconsiderar». Benn negou no entanto que a sua decisão seja divisionista e sublinhou: «Irá unir o partido numa política verdadeiramente socialista depois do afastamento dos social-democratas».

Bélgica

Eyskens encarregado de formar Governo

O social cristão flamengo Mark Eyskens foi ontem indigitado pelo rei Balduino para formar um novo Governo belga. A primeira dificuldade de Eyskens, 48 anos, vai ser a de encontrar apoio suficiente junto dos partidos políticos para formar com os sociais cristãos (formação a que pertence) uma coligação capaz de aplicar uma política económica eficaz para debelar a crise que o país atravessa.

Com efeito, embora na Bélgica a inflação seja moderada (7,8 por cento) a indústria belga paga os salários mais elevados da CEE e deve voltar a ser competitiva internacionalmente de maneira a poder reabsorver uma taxa de desemprego de 10,6 por cento que é também a mais elevada da CEE. Deverá também minorar o défice externo que atingirá 6 mil milhões de dólares em 1981.

Além do mais, as reestruturações necessárias na indústria belga e mais especialmente na siderurgia e no têxtil colocam ao Governo problemas sociais importantes que necessitarão um



Mark Eyskens

financiamento público muitas vezes difícil de aplicar devido às tensões existentes entre as duas regiões linguísticas: a Flandres, próspera e a Valónia, que está em declínio. Uma outra tarefa para o futuro Governo vai ser também a de sanear drasticamente as finanças públicas.

Prossegue em Sofia o XII Congresso do PC Búlgaro

Continuam a decorrer em Sófia os trabalhos do XII Congresso do Partido Comunista Búlgaro, que têm sido seguidos com grande interesse pela imprensa mundial. O dirigente do PCB e presidente do Conselho do Estado da Bulgária, Todor Jivkov, leu o seu relatório na sessão inaugural, tendo exprimido a confiança e optimismo na concretização do programa delineado para a edificação da sociedade socialista desenvolvida e tendo apresentado um balanço das realizações feitas intercongressos.

Como sempre acontece, os congressos dos Partidos Comunistas dos Estados socialistas são uma oportunidade para encontros a alto nível com dirigentes de partidos irmãos. Saliente-se o encontro que Jivkov teve já com o dirigente da delegação do Partido Operário Unificado da Polónia, chefiada por Tadeusz Grabski, membro da Comissão Política e Secretário do CC do referido partido.

Por outro lado, apresentaram as suas saudações à reunião magna dos comunistas búlgaros, os dirigentes das delegações da Hungria, Checoslováquia, Kampuchea, Grécia e Portugal. A delegação do PCP é chefiada por Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC, o qual afirmou ante o Congresso: «Os êxitos da Bulgária socialista alcançados com trabalho e esforço são uma valiosa experiência e um claro exemplo para os trabalhadores que continuam ainda submetidos à exploração capitalista. Esses êxitos denotam a superioridade do socialismo sobre o capitalismo em todas as esferas da vida. Os êxitos dos países da comunidade socialista são duros golpes na política hegemónica do imperialismo». Por fim, Joaquim Gomes afirmou que «as iniciativas da paz aprovadas no XXVI Congresso do PCUS são de importância vital para a paz, segurança e cooperação entre os povos».

Incidentes

na

Jugoslávia

Manifestações seguidas de motins provocaram vários feridos em Pristina, capital do Kosovo, região autónoma jugoslava de maioria albanesa, onde desde há semanas se registam incidentes autonomistas.

As forças de segurança, fortemente armadas, patrulhavam as ruas ontem à noite.

Várias pessoas ficaram feridas nas confrontações e, segundo testemunhas oculares, inúmeras ambulâncias circulavam nas ruas e camiões incendiados bloqueavam as estradas.

A circulação estava totalmente interdita e as forças da polícia controlavam todos os cruzamentos e verificavam a identidade dos raros transeuntes.

França vendeu 50 tanques a Pinochet

A França procedeu no sábado ao embarque de 50 tanques AMX 30 destinados ao Chile — revelaram ontem em Bordéus funcionários da Marinha Mercante francesa.

Os partidos franceses de esquerda têm protestado veementemente contra a venda de armas francesas ao Chile, Argentina e outros regimes, que no seu entender, usam as armas na repressão interna.

O diário socialista «Le Matin» frisa na sua edição de ontem que os tanques, agora fornecidos podem vir a ser utilizados, conjuntamente com os 16 aviões

«Mirage» vendidos em 1979 na repressão de um levantamento popular.

«Os oito «Mirage» até agora fornecidos são do modelo M5J, que é um aparelho relativamente pouco sofisticado e sem radar» — diz o jornal.

«Contudo, o seu tamanho reduzido e a sua extrema capacidade de manobra torna-os particularmente adequados aos ataques em terra. Em caso de luta contra um levantamento popular eles poderiam ser terrivelmente eficientes, sobretudo se usados em conjunto com tanques do es-

tado dos AMX 30» — conclui o «Le Matin».

Aberta fronteira Peru/Equador

A fronteira entre o Equador e o Peru foi oficialmente reaberta ontem no momento em que decorria uma cerimónia dupla nas aldeias de Huaquillas e Águas Verdes, equatoriana e peruana respectivamente.

A fronteira tinha sido fechada devido ao conflito que opôs os dois países no passado dia 28 de Janeiro na cordilheira de Condor.

RFA

Grevistas da fome em perigo de vida

Três dos 25 presos do grupo «Baader Meinhof» que se encontram há 60 dias em greve da fome correm o risco de morrer — revelaram hoje os seus advogados.

Se a situação se prolongar, Gabrielle Rollnik sobreviverá apenas sete dias, Knut Folkerts oito e Sieglinde Hof-

mann 12, declararam os advogados.

A primeira encontra-se detida em Berlim Oeste e os outros dois em Stuttgart-Stammheim.

Os médicos de Berlim e Stuttgart recusam-se a alimentar os presos pela força.

Os advogados recordaram

hoje o caso de Holger Meins, que morreu a 9 de Novembro de 1974 após 54 dias de greve da fome, e pediram que os detidos passem a ser tratados como presos políticos e se ponha termo à situação de isolamento em que se encontram. Greves da fome semelhantes tiveram lugar na

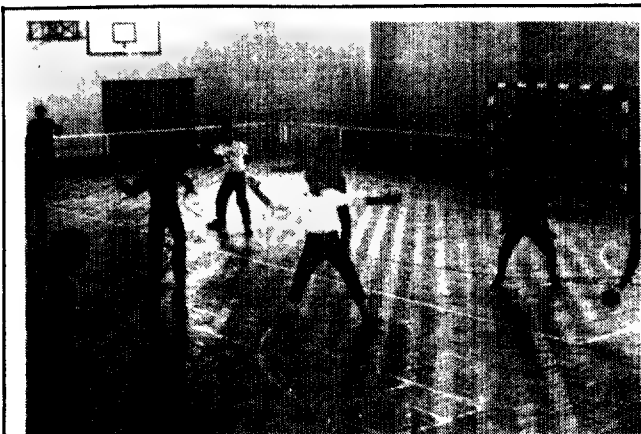
Alemanha Federal em 1974, 1977 e 1979.

Por outro lado, familiares dos detidos manifestaram-se ontem na praça da catedral de Bona exigindo falar com o ministro da Justiça, Juergen Schmude.

A Polícia deteve provisoriamente nove deles.

Desporto

Droga invade campo desportivo



Nas escolas e liceus o andebol ganha asas

Andebol: iniciados em festa

Foi apresentado aos órgãos de Comunicação Social IV Encontro Nacional de Iniciados de andebol, que este ano se realiza no concelho de Lisboa.

O encontro principia hoje, prolongando-se até domingo, cerca de meia hora antes do início da final da Taça de Portugal, da modalidade (Sporting-Benfica, na Tapadinha) de modo a permitir que os jovens das dezasseis seleções presentes possam assistir ao jogo.

O encontro foi apresentado por João Paulino, (coordenador nacional do Plano de Desenvolvimento), João Amaral (em representação do secretário de Estado) Fernando Pais (director técnico da Associação de Lisboa) Ângelo Pinto (coordenador regional), Vítor Peixoto (da FPA) e Carlos Fernandes (da AAL).

A alegria, o dinamismo e a qualidade dos jovens inter-

venientes nesta grande festa do andebol iniciado demonstram a necessidade destas iniciativas continuarem a ser uma realidade, pois são o garante futuro da modalidade.

Foi em Março de 1978 que se realizou o I Encontro Nacional de Iniciados: aconteceu em Coimbra, e nele participaram 60 equipas de todo o país, num total de cerca de 700 jovens.

Esta iniciativa conjunta do Plano de Desenvolvimento da DGD e da Federação Portuguesa de Andebol, nasceu como uma necessidade sentida pelos responsáveis da modalidade em alargar o número de praticantes nos escalões mais jovens e de dinamizar e alertar os treinadores que se dedicavam ao treino dos jovens para os problemas referentes à iniciação no Andebol.

Passados quatro anos, regista-se com satisfação, que o número de praticantes teve um aumento significativo

Até que ponto o «doping» vicia os desportistas? Alguns jornais norte-americanos lançam, de quando em quando, gritos de alarme: O consumo da droga alastrou já a todo o desporto profissional e isso constitui um perigo gravíssimo para a nossa sociedade.

Recentemente, na cidade de Linndale (Estado de Ohio) um jovem basquetebolista do «Yuta Jazz», (Terry Fairlow), morreu ao volante do seu automóvel quando, conduzindo-o a uma velocidade diabólica, se despiu e embateu, violentamente, contra um poste: o caso nada teria de extraordinário se a autópsia não revelasse que, no sangue de Fairlow havia cocaína.

Este caso fez recordar um outro, tempos atrás, sucedido com três basquetebolistas também do «Yuta Jazz», um dos quais

(Bernard King) acabou mesmo por ser preso, acusado de tráfico de droga. O «manager» do clube (Frank Laiden), tentou então «desculpar» o facto com o «argumento» de que «não se trata de um caso isolado», adiantando: Não são os únicos, os nossos jogadores. Hoje em dia, seja em que modalidade for, não é possível encontrar uma equipa em que os seus profissionais não estejam implicados em casos de narcóticos.

Um em cada dois toma cocaína

Um basquetebolista do «Seattle Super-Conicks (Paul Westfall) foi ainda mais longe, tendo afirmado: Dos 260 profissionais que representam as 23 equipas que integram a Associação Nacional de Basque-

tebol dos EUA, um em cada dois toma cocaína.

O próprio presidente da União de Treinadores da Associação (Jack Ramsey) declarou:

É imperioso reforçar a luta contra os narcómanos. Nenhum de nós se deve alhear desta questão nem tentar negar a evidência que é a existência deste grave problema, o qual se estende a muitas outras modalidades desportivas.

Recorde-se que, há tempos, foram feitas investigações, no âmbito da Liga Nacional de Futebol dos EUA, as quais levaram à prisão de dois jogadores do «Miami Dolphins» (Don Reace e Pandy Crowder) acusados de tráfico de cocaína no valor de 230 mil dólares. Nessa altura, muitos outros futebolistas foram punidos por consumo de drogas, entre os quais o Dickor Johns, o

famoso jogador do «San Diego Charger».

Pouco tempo depois, nova tragédia aconteceu: sob o efeito de drogas, dois futebolistas do «New York Gest» (Chris Farasopoulos e Pete Lemons) decidiram fazer uma corrida automobilística pelas ruas de maior movimento da cidade, da qual resultou a morte de Lemons.

E, quem não se lembra da história da morte do antigo campeão mundial de pugilismo, na categoria de «pesos-pesados», Soney Liston, em cujo braço esquerdo os médicos descobriram muitas picadas de agulha e em casa de quem foram encontradas grandes quantidades de marijuana e heroína?

Uma epidemia de droga alastra no desporto profissional: até quando?

RFA: prémios fabulosos

Cada jogador da Alemanha Federal ganhará 70 mil marcos (cerca de 1800 contos) se vencer o Campeonato do Mundo de Futebol de 1982. O montante foi revelado após o regresso à Alemanha Federal da selecção que, na 4.ª feira, venceu a Albânia, em Tirana, por 2-0.

A cifra por jogador implicará para a Federação de Futebol da RFA um desembolso de 1,54 milhões de marcos.

Se os actuais campeões europeus se classificarem como vice-campeões mundiais, a cada futebolista corresponderão 50 mil marcos (cerca de 1300 contos), baixando o prémio para 40 mil ou 30 mil marcos relativamente aos terceiro e quarto lugares.

Um posto entre os dez primeiros no «mundial» renderia «apenas» o equivalente a cerca de 250 mil escudos a cada jogador.

Garrido entre milhões

Entretanto os bilhetes para o encontro de futebol Bayern de Munique-Liverpool a realizar dia 22, para as meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus», estão esgotados. A receita do jogo, que será arbitrado pelo português António Garrido, será de 710 mil dólares (35 mil contos), depois de vendidos os 78 mil lugares do Estádio Olímpico de Munique, palco deste «derby» europeu.

Futebol: viagens ilhas/ continente

Acerca do problema que respeita ao custo dos transportes aéreos ilhas/continente das equipas de futebol envolvidas nas competições oficiais organizadas pela Federação Portuguesa de Futebol, o secretário de Estado dos Desportos, Duarte de Castro, proferiu o despacho que se transcreve:

«Por despacho do senhor secretário de Estado da Juventude e Desportos, de 26 de Agosto de 1980, foi definida a repartição do suporte financeiro, na época de 1980/81, do transporte aéreo ilhas/continente das equipas de futebol participantes nas competições organizadas pela Federação Portuguesa de Futebol.

«Os encargos considerados, no montante de 20 310 contos, foram repartidos na base do critério:

«Governo Regional da Madeira: 12,5% - 2538 contos; Governo Regional dos Açores: 13% - 2640; Governo Central: 50,75% - 10 307 e Federação Portuguesa de Futebol: 23,75% - 4825.

«Com o aumento das tarifas praticadas pelos TAP, os encargos previstos, segundo comunicação da Federação Portuguesa de Futebol de 4 de Fevereiro de 1981, devem sofrer um aumento de 6 887 249 escudos.

«Sem prejuízo de se procurar novas modalidades de financiamento para as próximas épocas, entende-se que na actual se apresenta equitativa a solução de repartir as despesas adicionais de conformidade com o critério percentual do despacho de 26 de Agosto de 1980, que corresponde às participações:

«Governo Regional da Madeira: 12,5% - 860 906 contos; Governo Regional dos Açores: 13% - 895 342; Governo Central: 50,75% - 3 495 272; Federação Portuguesa de Futebol: 23,75% - 1 635 751.

«Os Governos Regionais da Madeira e dos Açores comunicaram estar de acordo com a manutenção do critério mencionado na repartição dos encargos adicionais. O segundo destes Governos solicitou que, através dos Serviços da Secretaria de Estado dos Desportos, se proceda à entrega na Federação Portuguesa de Futebol das remessas que serão enviadas para pagamento das respectivas participações nas despesas de transporte.

«Assim, determina-se:

«A) A atribuição através do Fundo de Fomento do Desporto de um subsídio complementar à Federação Portuguesa de Futebol, na época de 1980/81, de montante correspondente a 50,75% dos encargos adicionais determinados pelo aumento das tarifas dos TAP.

«B) A entrega à Federação Portuguesa de Futebol pela Direcção-Geral dos Desportos das verbas que forem remetidas pelo Governo Regional dos Açores destinadas à liquidação das respectivas participações nos encargos com os transportes na época de 1980/81.

«C) A constituição de um grupo de trabalho composto por representantes do Governo Autónomo da Madeira, do Governo Autónomo dos Açores, do Governo Central e da Federação Portuguesa de Futebol, que fica incumbido de estudar e propor, durante o mês de Abril, formas de cobertura financeira, para as próximas épocas, dos encargos com o transporte ilhas/continente das equipas participantes nas competições organizadas pela Federação Portuguesa de Futebol.»

Este despacho, datado de 26 de Março, tem o n.º 21/81.

Sesimbra põe a KO o Benfica

O Sesimbra venceu, ontem à noite o Benfica por 4-0, em jogo antecipado da 13.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins, disputado em Sesimbra. A jornada concluiu-se hoje com os seguintes jogos na Zona Norte: Juventude de Viana - Sanjoanense; FC Porto - Famacense; Oliveirense - Relógio Invicta; Valongo - Paço de Rei e Infante de Sagres - Ac. Espinho. Zona Sul: Parede - Física; Quimigal - Cascais; Oeiras - Alenquer e Belenenses - Sporting.

Ontem as duas equipas formaram assim:

Sesimbra: Fernando António, Vítor Afonso, José Pedro (dois golos), José Adrião (1), Carlos Pereira, Carlos Cunha (1), Gar-

rancho e Silveira.

Benfica: Ramalheite, José Carlos, Fernando Pereira, Piruças, Virgílio, Picas, Casimiro e José Carlos.

Arbitragem de Angélico Nunes e cartão amarelo para Carlos Cunha e José Carlos.

Cristiano na dúvida

Cristiano foi convidado pelo seu actual clube (o Liceu da Corunha) a renovar por mais uma época o contrato que o liga até Julho à equipa espanhola. O melhor jogador do mundo, segundo o critério dos jornalistas presentes no último «Mundial» (disputado no Chile), afirma no entanto que é demasiado cedo para decidir quanto ao seu futuro

Nessa decisão, disse, terá de ser ponderado o aspecto profissional pois o Banco Espírito Santo, de que é funcionário, poderá não aceitar a prorrogação da licença de um ano que lhe foi concedida para jogar a actual época em Espanha.

Naturalmente, também as condições financeiras teriam de ser revistas, até porque no próximo ano o clube estava envolvido nas competições europeias mercê do 3.º lugar obtido no campeonato de Espanha, acrescenta o «internacional» português.

Cristiano não recebeu, até agora, qualquer convite para regressar ao hóquei português, mas admite que, em princípio, o

FC Porto (seu antigo clube) possa vir a manifestar-se no sentido do retorno do jogador às Antas.

Isto, claro, não quer dizer que não esteja receptivo a outros convites que possam vir a surgir, pois já estou habituado a não estranhar os ambientes, salvaguarda o avançado da selecção nacional. Cristiano refere (ainda) a sua total disponibilidade para a selecção e elogiou a actuação da equipa «leonesa», que lhe pareceu num bom momento de forma, não deixando de salientar que a derrota da sua equipa frente aos sportinguistas deveu-se à quebra física dos jogadores espanhóis.



SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

RESULTADOS PROVISÓRIOS DA VOTAÇÃO DOS ESTATUTOS

1. A votação sobre o Projecto Final de Revisão de Estatutos, após apuramento das actas das mesas de voto e a verificação e contagem dos votos condicionais, deu os seguintes resultados:

N.º de Eleitores 8252	Votação na generalidade, a favor 1961	brancos 26
N.º de Votantes 2406	contra 26	nulos 69
	abstenções 324	

2. Nos termos do Dec-Lei n.º 215-B/75 de 30 de Abril (das Associações Sindicais), considera-se necessária a presença de 10% ou 2000 professores participantes no acto de aprovação de Estatutos, devendo as deliberações ser tomadas por maioria simples.

Assim, e conforme os resultados referidos em 1, consideram-se aprovados os novos Estatutos, os quais entram imediatamente em vigor.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Carlos Moreira

MICROSEPIO

Boxe com portugueses

O pugilista português Carlos Pereira (meios-leves) perdeu aos pontos como argelino Lekhal, num combate a contar para as meias-finais dos «Internacionais de França de Boxe», que se disputaram ontem à noite na localidade francesa de Perigueux. Resultados das meias-finais em mínimos: Banakiewicz (Pol) bateu Diane (Fra) por desistência do francês ao terceiro assalto e Khouchane (Argélia) bateu Fahmi (Marrocos) por K. O. ao segundo assalto. Meios-leves: Ben Maghenia (Fra) bateu Gevia (Fra) aos pontos e Lekhal (Argélia) bateu Carlos Pereira (Portugal) aos pontos. Super-leves: Luciano (Ita) bateu Labudovic (Jug) aos pontos e Mikko Ploak (Chec) bateu Goutailler (Fra) por desistência do francês. Super-meios-médios: Magnetto (Fra) bateu Douis (Grécia) aos pontos

Continua na pág. 19

Placard

Atletico Clube de Portugal

Para os associados do Atlético que queiram presenciar, no domingo, o jogo do seu emblema com o Vilafranquense, é «Dia do Clube», o que implica bilhete especial.

Movimentação madeirense

A turma de voleibol do Nacional é a representante madeirense à disputa da «Taça de Portugal», após ter batido o «seis» do Marítimo.

Por seu lado, o grupo de futebolistas juvenis do Marítimo foi convidado pelo Barreirense a exibir-se no Continente.

Engrandecimento de Valbom

A freguesia de Valbom, arredores do Porto, vai contar com um parque desportivo incluindo campo de futebol e outras instalações. Com uma área de 44 mil metros quadrados, o parque situar-se-á em terrenos doados à Câmara de Gondomar

Ludmila Turisheva: um certo conceito da ginástica de hoje

A antiga ginasta soviética Ludmila Turisheva considera que o sector feminino se desenvolveu aceleradamente desde o tempo em que o compartilhava o esplendor olímpico com a sua compatriota Olga Korbut.

«Nem sequer sonhávamos em tentar os complexos movimentos que hoje as jovens executam por rotina», afirma a «estrela dos anos 70 da ginástica soviética e mundial, hoje casada com o velocista Valery Borzov. «Quando estava na selecção soviética, costumava treinar quatro horas por dia, mas agora elas têm de praticar cinco a seis horas diárias para se manterem em forma em todos os aparelhos», acrescentou Ludmila.

Nos seus oito anos de selecção nacional, Turisheva ganhou uma série de medalhas olímpicas e mundiais e foi considerada a melhor ginasta soviética do seu tempo. Retirou-se em 1976, mas continua profundamente envolvida na modalidade, treinando jovens em Koe, arbitrando torneios locais e viajando

por competições internacionais como membro da Comissão Técnica Internacional da Ginástica Feminina. Casada e com uma filha (Tanya, de dois anos e meio) Ludmila não lamenta o abandono da alta competição: «Preenchi as minhas ambições (afirma) e ganhei tudo quanto me propus vencer. Agora contento-me em ver a ginástica por fora».

O maior triunfo de Turisheva foi em 1972, nas Olimpíadas de Munique, ao ganhar a medalha de ouro nos exercícios combinados, o mais importante título da modalidade.

Olga Korbut também alcançou plano de evidência em Munique, conquistando medalhas de ouro na trave e nos exercícios no solo, arrebatando o público com a sua irradiante personalidade.

Turisheva era mais fria, mais serena durante as provas e nunca conseguiu vencer totalmente a popularidade de Korbut no ocidente, sendo no entanto melhor ginasta. Com 24 anos, idade muito avançada para uma ginasta, Turisheva conquistou

medalhas de prata no salto e nos exercícios no solo e a medalha de bronze no combinado nas Olimpíadas de Montreal.

Entretanto, as duas estrelas começaram a empalidecer face à fenomenal romena Nadia Comaneci e à soviética Nelli Kim.

A ginástica desenvolveu-se francamente depressa desde que me retirei», afirma Turisheva. «Novos e difíceis movimentos acrescentaram-se aos exercícios nos diferentes aparelhos, movimentos que eu nunca experimentei».

A antiga campeã considera (porém) que a beleza artística foi prejudicada por esses novos e complexos movimentos, agora já executados por jovens recém-saídas da infância.

«Defendo firmemente a idade limite de 15 anos para a alta competição internacional», diz Turisheva. E justifica: «Julgo que as raparigas mais velhas e de maior maturidade são mais agradáveis para os espectadores e podem exibir a beleza artística que é fundamental na harmonia da ginástica».



Elena Mukhina: novos valores em cada dia

MICROSCÓPIO

Continuação da pág. 18

e Djelloul (Argélia) bateu Lladis (Grécia) aos pontos. Meios-pesados: Moussa (Argélia) bateu Sfiomeo (Ita) por K.O. ao segundo assalto, e Taoufik (Tun) bateu Di Lauro (Ita) aos pontos. Pesados: Damiani (Ita) bateu Nato (Fra) aos pontos.

Alen dominador

O finlandês Markku Alen em

Fiat 131 Abarth dominou a 1.ª etapa do Rali costa Esmeralda, 11.ª prova do campeonato europeu. Alen gastou uma hora e 30,47 minutos nas primeiras dez provas classificativas. O italiano Tony, em Opel Ascona 400, obteve a 2.ª posição, a 1,44 minutos de Alen. Na 3.ª posição, classificou-se o italiano Dario Cerrato, em Fiat 131 Abarth, a 1,50 do «Líder».

Ginástica leonina em bom momento

Depois da «Sporgina» o Sporting, através da sua secção de ginástica, vai abalancar-se a nova iniciativa, que intitulou de «Sportinguiada Nacional», certamente aberta a todos os clubes e que se realizará de 9 a 12 de Abril, no Pavilhão dos Desportos.

Trata-se igualmente de uma homenagem ao Sporting e ao

técnico sueco Ling (e à «sua» Linguíada), introdutor de teorias de educação física. A designação diz da intenção dos dirigentes «leoninos» pretendem abarcar para uma iniciativa que tem de ultrapassar os aspectos primários das simples demonstrações e buscar nestas o sentido pedagógico possível.

Esgotado o período das inscri-

ções, sabe-se já que irão evolucionar no recinto do Parque Eduardo VII mais de 3000 ginastas de todos os pontos do País (Madeira e Açores incluídos), sendo mais de 1500 da colectividade organizadora. Aliás, este último número só foi fixado depois de esgotadas as adesões recebidas e de maneira a aproveitar integralmente o tempo destinado às apresentações.

«Squash» no Estoril

Em organização da Escola de Ténis João Lagos decorreram nas instalações do Health Club Soleil (Estoril-Sol), as duas primeiras jornadas do Troféu Bancroft, em «Squash».

Joca Nunes (campeão nacional) e Rui Bernardes dominaram a Série A, tendo cada um obtido 4 vitórias o que lhes deu o apuramento para os quartos-de-final. Carlos Barbosa, em mau momento de forma não deu a réplica que lhe é habitual.

Na Série B, Luís Correia de Barros está igualmente apurado mercê igualmente das quatro vitórias alcançadas, aguardando-se com expectativa o desenlace do jogo entre Furtado Coelho e o americano Sam Weller, para conhecer o segundo apurado da Série. Os irmãos Nuno e Eduardo Leitão foram os grandes vencidos desta Série.

Entretanto, na Série C, João Lagos (também com 4 vitórias) tem igualmente assegurado o seu lugar para a fase final, que se disputará no próximo fim-de-semana. Tal como na Série B, falta ainda apurar o segundo classificado, que sairá do encontro J. M. e Carmo/D. Olliwant.

Na outra série D, o americano Mark Read e o campeão de ténis madeirense (Pedro Borges), igualmente interessado pelo «Squash», encontram-se ambos qualificados para os quartos-de-final. Manuel Castelo Branco foi um digno vencido.

Ao êxito desportivo desde já alcançado por esta modalidade, em franca expansão, juntar-se-á o êxito espectacular

Bibliografia desportiva

Ídolos

Acaba de ser lançado nas bancas o n.º 67 da colecção «Ídolos», de que é director o jornalista Henrique Parreirão. Este volume insere biografias do benfiquista Frederico, do boavisteiro Júlio e do holandês Cruyff.

Râguebi intensifica-se

Inseridas no Plano Técnico Nacional 1980/81 do râguebi juvenil, terão lugar neste mês várias actividades promovidas pela Direcção-Geral dos Desportos e pela Federação Portuguesa de Râguebi.

No «Torneio da Páscoa» (em iniciados), participam as selecções do Centro, Portalegre/Évora, Lisboa e a selecção da Costa Basca (França).

A chegada das equipas verificar-se-á no dia 6 disputando-se a 7 e 8 os jogos correspondentes às 1.ª e 2.ª jornadas.

Da primeira jornada, que se realizará no Estádio Nacional, constam os encontros entre Lisboa e Portalegre/Évora, (às 10 e 30) e as selecções do Centro e da Costa Basca (às 11 e 30). O apuramento do 3.º e 4.º classificados terá lugar às 11h do dia 8, no Estádio Nacional, enquanto a final se efectuará, no mesmo dia, no Estádio Nacional de Lisboa, pelas 15 e 30. Entretanto,

no mesmo local (e pelas 17 horas) realizar-se-á o jogo de juvenis entre as selecções de Lisboa e Inglaterra.

Entretanto, com a participação de 25 portugueses e 25 franceses, efectuar-se-á o estágio franco-português (iniciados).

Os participantes portugueses serão seleccionados com base na observação do «Torneio da Páscoa» de iniciados.

O programa geral do estágio é o seguinte: dia 8 - concentração do Centro de Estágio (Cruz Quebrada); dias 9 e 10 - Informação Técnica (Estádio Nacional); dia 11 - PKARTIDA PARA Coimbra após o Portugal - Inglaterra (15 horas) em juvenis; dia 12 - 16 horas: Jogo selecção Costa Basca - Misto Português; dia 13 - 9 horas: Regresso a Lisboa dos participantes portugueses e partida para França da selecção do Costa Basca.

Por seu turno, e numa acção conjunta com a actividade de juvenis, cerca de meio milhar de

juvens de idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, reunir-se-á no Estádio Universitário durante a manhã do dia 11. No decorrer desse Convívio Nacional de Infantis, estarão presentes representantes de Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Viseu, Coimbra, Leiria, Santarém, Lisboa, Portalegre, Setúbal, Évora e Faro.

Câmara de Loures apoia o desporto

A Câmara Municipal de Loures, aprovou a concessão de subsídios para actividades específicas de algumas colectividades deste concelho. Assim, foi concedida uma verba de 25 contos para apoiar a participação de uma equipa de cadetes (15 anos) da Sociedade Musical e Desportiva de Caneças num Torneio Internacional de Futebol de 7 em SUSSARGUES (França) nos dias 6, 7 e 8 de Junho próximo. Outra verba de 20 contos foi atribuída à Associação de Andebol de Lisboa para organização do IV Encontro Nacional de Iniciados naquela modalidade, assim como programados a recepção e um jantar a oferecer a 70 participantes na série do encontro que se efectuará hoje no Pavilhão dos Bombeiros Voluntários de Loures, com as equipas do Porto, Coimbra, Setúbal e Faro.

Ainda no campo desportivo foi decidido atribuir 14 contos como forma de apoio ao grupo recreativo de St.º Eloy (Pontinha) pela sua participação com as equipas de juniores e seniores) no Campeonato Nacional de Corta-Mato, que se disputou no passado dia 1 de Março em Aveiro.

Ténis de mesa no Inatel

O INATEL promove este ano os III Campeonatos Internacionais de Ténis de Mesa do C.S.I.T. (Comité Sportif International du Travail), Organismo do Desporto Trabalhista no qual se encontra filiado.

Estes campeonatos decorrerão no Pavilhão Gimnodesportivo da Associação da Juventude Salesiana (Escola Salesiana de Estoril) entre 5 e 10 do corrente.

Diariamente, em sessões matinais, vespertinas e nocturnas, os concorrentes disputarão encontros que englobam provas de **equipas individuais e de pares**, nas categorias de Homens, Seniores e Juniores.

Participam os seguintes países: Áustria, Bélgica, Dinamarca, França (FSGT), França (UST), Israel, Itália e Portugal.



Nos terrenos do Estádio de Alvalade, prosseguem as obras da Sociedade de Construções e Planeamento, com que os «leões» vão tentar debelar a periódica crise financeira que assola o clube

NÓS ESTAMOS FELIZES POR POSSUIRMOS UMA AUTOMÁTICA QUE GASTA APROX. \$68 POR KM. É ECONÓMICA, DE FÁCIL MANEJO E COM ELA CHEGAMOS SEMPRE A HORAS

Preço ao Público 33.250\$00

AGORA EM MARÇO E ABRIL CUSTA MENOS 2.000\$00

Cultura e espectáculos

Directamente de Dublin

Quinhentos milhões vão ver Concurso Eurovisão da Canção

Transmitido em directo para mais de 500 milhões de telespectadores (incluindo cerca de 3 milhões portugueses), decorrerá amanhã em Dublin o 26.º Concurso Eurovisão da Canção. «Play-Back», a canção de Carlos Paião que representa a RTP, apresenta-se em 15.º lugar, precisamente o mesmo que, faz 10 anos e na mesma cidade, ocupou «Menina», de Ary dos Santos e Nazaré Fernandes, interpretada por Tonicha. Coincidência semelhante toca à Áustria que, em 1971, foi, como será este ano, o país a abrir o Festival. Recorde-se, ainda, que Dublin, em 1971, marcou para a RTP o regresso ao Concurso Eu-

rovisão da Canção após o «amuo» do ano anterior em que, voltando costas à Europa das cantigas, nos limitámos a um Festival doméstico.

«Menina» recolheu 83 votos, obtendo o 8.º lugar entre as 18 estações de TV que se apresentaram em Dublin. O processo de votação era substancialmente diferente mas, de qualquer modo, foi uma boa classificação para a canção defendida por Tonicha.

Este ano, «Play-Back» estará a competir com canções de mais 19 organismos de Televisão, representando outros tantos países. Em termos de ausências, a Itália é, para já, a mais notada. Em contrapartida, Chipre concorre pela primeira vez.

balha na Televisão irlandesa em diversos programas de actualidades, em língua irlandesa, mas já aos oito anos ela participava num programa de rádio.

Desde 1976 que Doireann se tem vindo a especializar em questões africanas, nomeadamente nos problemas da educação e da condição feminina.

Nos últimos três anos Doireann ocupou-se da apresentação do Festival Internacional da Harpa de Ouro.

Canções e intérpretes

Além de Portugal, serão apresentadas canções representan-

tes da Jugoslávia, Finlândia, França, Espanha, Holanda, Irlanda, Noruega, Inglaterra, Bélgica, Grécia, Chipre, Suíça, Suécia, Áustria, Luxemburgo, República Federal Alemanha, Dinamarca e Turquia.

A Jugoslávia faz-se representar por Seid Memić-Vajta, que interpretará «Leila», de Ranko Boban.

A Finlândia, através de Riki Sorsa, apresentará «Reggae OK», com música de Jim Pembroke, inglês residente na Finlândia, e letra de Olli Ojala, cantor «rock» muito conhecido no

seu país. O maestro será Otto Donner, cuja principal actividade, neste momento, é a produção de discos.

A Espanha estará representada por «Só Tu», canção romântica de Amado Jaen, interpretada por José Bacchelli (conhecido sobretudo junto do público da América Latina) e dirigida por Juan Barcons Moreno.

A Holanda apresentará «Het is Een Wonder» (É um Milagre), com letra de Cees de Wet e música de Bart Van de Laar. Intérprete: Linda Williams, que além de cantora é uma excelente intérprete de saxofone.

As cores da Irlanda serão defendidas pelo Grupo Sheeba,

composto por Maxi, Marion Fossset e Frances Campbell. O grupo, num misto de música folclórica irlandesa, de magia de circo e de música pop, interpretará uma canção de Jim Kelly e Joe Burkett, dupla prolífera que

já viu muitas das suas canções aprovadas para concursos internacionais.

Finn Kalvik será o intérprete, autor e compositor de Aldri i Livet («Nunca na Vida»), canção representada da Noruega. Maestro: Sigurd Jansef, que em 1964 foi o vencedor do Grande Prémio da Canção Norueguesa.

«Making your Mind Up» (Terás de Decidir-te) é o título da canção representante da Grã-Bretanha, interpretada pelos «Bucks Fizz», grupo especialmente criado para o Concurso Eurovisão da Canção e cujo nome deriva dum cocktail feito com champagne e sumo de laranja... O autor é Andry Hill e o maestro director da orquestra será John Coleman, que trabalhou com artistas famosos como Frank Sinatra, Shirley Bassey, Dana, etc.

A Bélgica terá em Emily Starr e Giuseppe Marchese, respectivamente, um cantor e um maestro à altura de «Sansão», cantiga com música de Kick Dandy e letra de Penny Els.

Quanto à Grécia, «Feggari Kallokerino» (Luar de Verão) será a cantiga, com letra de Yannis Dimitras e música de Yorgos Niarchos. Intérprete: Yannis Dimitras.

Chipre apresenta «Mónica», de Stavros Sideras e Doros Georgiades. Intérprete: o grupo «Island», composto por Alexia Vassilion (estudante), Areti Kasapicharalambidou («Jovem Mãe», sic. no programa), Roger Lee (recordista de atletismo) e Aristos Moschovakis (músico).

Pela Suíça, actuam Peter, Sue e Marc, que interpretarão «Sem Ti» de Nella Martinetti (letra) e Peter Reber (música).

Bjorn Skifs dará corpo a «Prisioneiro dum Sonho», a cantiga da Suécia, da autoria de Bengt Palmers. O maestro Anders Berglund ajuda, dirigindo a orquestra.

A Áustria, com tradições em cantigas, será representada por «Quando Tu Estás Longe», canção de Werner Bohmler, interpretada por Marty Brem, que em criança fez parte do coro dos «Pequenos Cantores de Altenburgo».

Jean Claude Pascal representará o Luxemburgo, cantando «Talvez não seja a América», de Sophie Makno, Jean-Claude Petit e Joel Rocher. Na nota de apresentação, diz-se que Jean Claude Pascal «recebeu aos 17 anos a cruz de guerra por actos de bravura na carreira militar» (sic).

A Alemanha Ocidental envia à Irlanda «Johnny Blue», uma canção de Bern Meinunger e Ralph Siegel, interpretada por Lena Valetied, uma das mais populares artistas alemãs da actualidade.

A Dinamarca não nos poupará a «Cabelo Encaracolado», de Kela Heick e Tommy Seebach. O mesmo Tommy Seebach e Debbie Cameron darão voz à canção.

Finalmente, a Turquia, através do «Modern Kolk Frio», vai fazer-nos apreciar um «Carrossel» confeccionado por Ali Koca-tepe.



Doireann Ni Bhriain, apresentadora



Tommy Seebach e Desse Cameron, da Dinamarca



Modern Folk Trio, da Turquia



Lena Valetied, da Alemanha Federal



Jean Claude Pascal, do Luxemburgo



Bjorn Skifs, da Suécia



Bucks Fizz, da Grã-Bretanha



Peter, Sue e Marc, da Suíça



Grupo Island, de Chipre



Fime Kalrik, da Noruega



Grupo Sheeba, da Irlanda



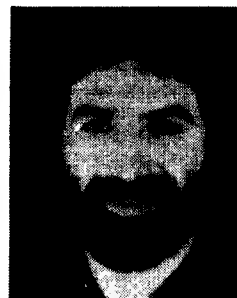
Linda Williams, da Holanda



José Bacchelli, da Espanha



Biki Sorsa, da Finlândia



Seid Memić-Vajta, da Jugoslávia



Marty Brem, da Áustria



Yannis Dimityras, da Grécia



Carlos Paião, de Portugal

Canal da crítica

Mário Castrim

Obrigado Matilde (Homenagem do Canal da Crítica ao Dia do Livro Infantil)

HOJE É
Hoje é o dia do livro infantil.
Hoje é o livro do dia infantil.
Hoje é o livro infantil do dia.
O dia de hoje é o infantil do livro.
O infantil de hoje é o dia do livro.
O hoje do livro é o dia infantil.
Hoje é o dia. Dó. Li. V. Roin
Fân Til...
Hoje é o dia do livro infantil.
Litnafniorviodaídoéjoh
Hoje.

Redacção

O dia do livro infantil na TV foi que a Matilde leu um poema foi um dia que durou um minuto ponto final parágrafo.

Mas ao menos eu gostei muito deste minuto que passou num instantinho ponto final. Eu acredito agora que há minutos que andam a mais que a sessenta segundos ponto final Fim.

História da menina que foi ao sótão

Esta é a primeira boneca da minha mãe. É de celulósio. Olha para mim tão certa de me conhecer. Ou como se estivesse apenas a acordar e me quisesse apenas dar a mão para voltar a casa.

O lápis, o papel

—Filha que estás a fazer?
—Tou a fazer linhas.
—Pra quê?
—Não sabes o que são linhas?

CARTA PARA NOVA IORQUE

Baro John

agardessot-e munto
o revolvere (qe) que
me mandáste mas
escusavas era de
mandar um
a serio já me
(x) chegava um de
pelástico

Ten amigo

as brutas são jiras

Pois é

A rosa jurou ao cravo
amizade sem ter fim
mas ao fim de sete anos
já nem cravo, nem jasmim.

História maravilhosa neo-realista

Era uma vez um menino que
ainda não tinha comido nada.

Vai, disse à avó:

—Avó, conta-me aquela história da Alice no País das Favas.

Diálogo nas estações

VERÃO — O diamante é rico.
INVERNO — O vidro é mais.
VERÃO — Diamante é meu parente.
INVERNO — Vidro é transparente.

Ora então escutai:

Vou contar a história de Pedro Cru: ora, eu ora tu.

Vou contar a história de Pedro Álvares Cabral: uma onda e um dedal.

Vou contar a história de Pedro Cem: que sim mas que também.

Quem não ri no fim é o primeiro a chorar

Era uma vez um homem que gostava tanto de se rir que os dentes lhe passaram a morar fora dos lábios. Mas um dia viu-se ao espelho e chorou tanto, tanto que ficou careca dos dentes.

(Tele)jornal de parede

Um grande enxame pousou esta manhã num carro eléctrico. Eram cerca de 100 mil abelhas.

Interrogado pela nossa reportagem, um conhecido agricultor respondeu:

—Não temos para o fenómeno uma explicação científica. O mais certo foi as abelhas terem confundido o carro eléctrico com um malmequer. Casos destes têm acontecido, veja-se a Bíblia no «Livro dos Salmos».

Nenhum passageiro ficou ferido ou molestado.

J. MARQUES

Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas.

Tel. 573559 - 577706

Hoje



Uma cena da série de humor americana «Os Ropers», que a partir de hoje serão transmitidas às sextas-feiras



18.19 Tempo dos mais novos — Com «As novas aventuras de Popeye»

18.45 País, País — Informação regional.

19.10 Troféu nova gente — Reportagem, no Teatro S. Luís, quando da entrega dos troféus da revista «Nova Gente», aos artistas e desportistas que mais se evidenciaram no ano de 1980.

19.30 Telenovela — «Água Viva» (Episódio 32).

20.30 Telejornal — As notícias do País e do estrangeiro.

21.05 O Tempo.

21.10 1.ª Página — Programa da Direcção de Informação.

22.10 Os Ropers (9.º episódio) ... Mais uma história deste casal já nosso conhecido.



20.30 Informação/2 — O noticiário nacional e internacional.

21.00 Ilusão Cénica — «A Comédia Dell'Arte» — A Itália dos sécs. XVI a XVIII.

21.30 «Show Rakam» — Desfile de trajes típicos brasileiros.

22.05 Romance — (5.º Episódio) Intérpretes: Cathryn Harrison, Nigel Davenport e Maria Aitken Realizador: Warris Hussein.



Amanhã



13.00: Novos horizontes; 13.25: Lúculos e Bróculos; 13.55: Sumário; 14.00: Programa musical; 14.30: Animação; 15.00: National Geographic Magazine; 15.55: Futebol transmissão directa do jogo Benfica-Marítimo; 18.05: «Mulherzinhas»; 19.05: «Magazine 7»; 20.00: Eurovisão-Transmissão directa de Dublin do Concurso Eurovisão da Canção-81; 22.30: O Tempo; 22.35: Telejornal



18.30: Água Viva; 20.00: Raízes de ouro; 21.50: O Choque Moderno

GRUPO DE CAMPOLIDE

«A QUEDA DUM ANJO» C. C. BRANCO
DIA 8 DE ABRIL

NO CINE TEATRO DE TORRES VEDRAS
SUB — SEC — CMA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

2.ª Publicação

Pela Primeira Secção do Segundo Juízo da comarca de Leiria, na Execução com processo Sumário movida pela exequente Ferreira & C.ª, Lda, com sede em Monte Redondo — Leiria contra JOLUSUL — Sociedade de Representações de Materiais para a Construção Civil, Lda., com última sede conhecida na Rua José Falcão n.º 3-1.º Dr.º, Lisboa, é esta executada citada para no prazo de cinco dias que começam a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, deduzir oposição, pagar a exequente a importância de cento e catorze mil trezentos e sete escudos e cinquenta centavos e juros ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido aquela exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Leiria, 27 de Março de 1981

O JUIZ DE DIREITO

a) Armindo dos Santos Monteiro
O ESCRIVÃO DE DIREITO
a) José Escarameia Calha

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

— O DR. AMÍCAR JOAQUIM CORTEZ NEVES, JUIZ DE DIREITO DA 1.ª SECÇÃO DO 5.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA:

— FAZ SABER que no dia 7 de Maio, próximo, pelas 14h30, neste Tribunal, nos autos de Execução Sumária n.º 4933, em que é Exequente; O BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP e Executada; FERRARIA FRANCO-POR-TUGUESA, LTDª, com sede no Campo Grande, 288, em Lisboa, há de ser posta em praça pela 1.ª vez, para se arrematar pelo maior lance oferecido, acima dos valores indicados no processo, uma tesoura eléctrica da marca «Poinconne-Tsipe 341 n.º 123, a que foi atribuído o valor de 250.000\$00, um engenho de furar, eléctrico, da marca EFA, n.º 119, Tipo TC, a que foi atribuído o valor de 30.000\$00.

Lisboa, 17 de Março de 1981

O Juiz de Direito,

Amílcar Joaquim Cortez Neves

O Escrivão-Adjunto,
Manuel Guimarães Lourenço

Rua Tenente Raül
Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro
teatro da Cornucópia

NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!
de
Dario Fo

3.º MÊS

TODOS OS DIAS

ÀS 21.30 h

DOM. ÀS 17.00 h
SEGUNDA DESCANSO

DECRETOS E LEIS

• Contribuição Industrial
Livros de Escrituração para os grupos B e C
N.ºs 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19
(Não se enviam à cobrança)

• Lei Geral do Trabalho
5.ª Edição (do Rei dos Livros)
(Revista e Aumentada)
460 pág. — 400\$00
Vendem-se no

Rei dos Livros
20Rua dos Fanqueiros 77-79
Tel. 36 95 45 Lisboa 1100

JOANA
GRUPO DE TEATRO
APRESENTA P/TODOS

ATÉ AO FIM DE ABRIL

“ALZIRA,
ELVIRA
E CARLOTA”

Criação Colectiva

no Teatro da COMUNA
(à Praça de Espanha)

sábados e domingos
às 15 e 30



ORGANIZAMOS
PARA SERVIR
MELHOR

mises • brushing
permanentes
cores • meches

massagens
sauna
maquilhagem

manicuras
pedicuras
depilações

PR. MARQUÊS DE POMBAL - 1 — LISBOA

cinemas

Lisboa

LOPES RIBEIRO - R. do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288; **IBÉRICA** - R. Barão Sabosa, 235-235 A (Tel. 888277); **ALVALADE** 6 av. da Igreja, 18 A (Tel. 982070); **são joão** - R. Anjos, 41 A (Tel. 570730); **INTERNACIONAL** - R. do Ouro, 228-230 (Tel. 360203); **MA-CEDO** - R. República da Bolívia, 69 C (Tel. 703647); **EDUARDO A. CÉSAR** - R. das Trinas, 102 A (Tel. 682631); **GRUJO** - R. do Grilo, 25 (Tel. 385264); **CRUZ NUNES** - Pç. Duque Saldanha, 14-15 (Tel. 411845); **CABRITA** - Prq. Res. Miraflores, 12 A (Tel. 2101486); **TAVARES DE MATOS** - R. 8 Lote 308 (Tel. 993220); **MONSE-RATE** - R. Guil. Gomes Fernandes, 31 A (Tel. 311139).

REFORÇO

PROBIDADE - R. de Alcântara, 15 AB (Tel. 638589); **ESTADOS UNIDOS** - Av. Est. Unidos América, 16 B (Tel. 885859); **IVONE** - R. Silva Carvalho, 232 C (Tel. 650760); **SÃO JORGE** - Lg. do Leão, 3 AB (Tel. 534027); **ALMEIDA DIAS** - Lg. da Graça, 38-39 (Tel. 862909); **MIRANDA** - Cpo. Pequeno, 36 BC (Tel. 770776); **CENTRAL DO LUMIAR** - Alm. Linhas Torres, 254 B (Tel. 700480); **OLIVAS** - R. Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237); **CURIE** - Av. Madame Curie, 15 A (Tel. 778439); **VAZ MARTINS** - R. António Ferro, 6 A (Tel. 970680); **NOVA** - R. Açores, 11 A (Tel. 910305); **CRUZ CORREIA** - Est. Santo Eloi, 41 A (Tel. 992453); **MATOS** - Tv. Prioras (Viv. Morgadinho)S, (Tel. 2519939);

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 21 horas; **ALCABIDECE** - Carvalho - B. João P. Correia, 40B (Tel. 2690363) Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - R.D. Firmino Reb. (Tel. 2421015) Até às 21 horas; **CARCAVELOS** - Central - R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Até às 24 e das 00 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Villar - Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira 6 Av. Sabosa, 29 B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - Luz - Até às 21 horas; **OEIRAS** - Mourão Vaz - Av. Moçambique, 18 C (TEL. 2437196) Até às 22 horas; **NOVA OELRAS** - Leal - Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Tel. 2478737) Até às 24 horas e das 00 às; **PARADE** - Brandão - Av. da República, 77 C (Tel. 2471054) Até às 24 e das 00 às 09 horas; **PARADE** - Junqueira Mendes - Até às 21 horas; **MURTAL** - Primavera - R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL** - Ostende - R. de Espinho, 1 (Tel. 260391) Até às 21 horas; **CASCAIS** - Cordeiro - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170) Até às 21 horas; **CASCAIS** - A. Costa - R. Freitas Reis, 24 C (Tel. 280214) Até às 24 e das 00 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA - Cristo Rei - Av. do Cristo Rei, 31 A (Tel. 2750076); **COVA DA PIEDADE** - Morgado - R. Cabo da Boa Esperança, 25 A (Tel. 2767358); **LARANJEIRO** - Feljó - R. Borges Rego, 7 (Tel. 2590911); **COSTA DA CAPARICA** - Chai - Av. General Humberto Delgado, 7 C (Tel. 2403218); **SESIMBRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO** - Normal - Av. Alredo da Silva, 116 (Tel. 2073035); **AMORA** - Nova Amoreira - Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Tel. 2210042); **SEXAL** - Godinho - L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580); **MONTIJO** - Montepio - R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA** - União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS** - Guarnião - R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA - Confiança - Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 A (Tel. 938149) Permanente; **AMADORA** - Jardim - Av. Conde Oeiras, 120 - Rebola (Tel. 938424) Até às 22 horas; **DAMAIA** - Confiança - R. D. Maria II, Lote D (Tel. 9710231) Até às 22 horas; **QUELUZ** - Zeller - R. da República, 83 (Tel. 950045); **CAMARATE** - Batalha - R. Avelino S. Oliv., 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** - Araújo Sá - Est. de Paço de Arcos, Lote 1 B (Tel. 2940781); **MEM MARTINS** - Quilme - Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012) Permanente; **MERCÊS** - Claro Russo - R. Abade Faria, 2 A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA** - Gomes da Silva (Portela) Permanente; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - (Tel. 980456); **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

MOSCAVIDE - Pedro Gomes - Até às 22 horas; **SACAVÉM** - Lourenço - R. Almirante Reis, 31 (Tel. 2518151) Permanente

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

ALVES DA SILVA - Av. da Boavista, 1016; **AZEVEDO** - Rua de Azevedo, 136; **GOMES FERREIRA** - Rua de Faria Guimarães, 449; **NAU VITÓRIA** - Rua Nau Vitória, 723; **ORDEM DA TRINDADE** - Rua Heróis e Mártires de Angola; **CONFIANÇA** - Rua de Santa Catarina, 960; **FALCÃO** - Rua de Santo Ildefonso, 61; **FERREIRA** - Pr. D. Afonso V, 55-B.

(De dia e toda a noite)

ANTAS - Av. Fernão de Magalhães, 1076; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** - Campo Mártires da Pátria, 122; **LOUSADA** - Rua do Campo Lindo, 52; **CARNEIRO BARBOSA** - R. Firmeza, 99-A; **COIMBRA** - Baptista, Praça da República, 9-10; **TRINTEIRA** - Praça da República, 9-10; **RAINHA SANTA** - Rua Figueira da Foz, 11-B, Tel. 24737.

Coimbra

(Das 9 às 9 horas do dia seguinte)

BAPTISTA - Praça da República, 9-10 (Tel. 23747); **RAINHA SANTA** - Rua Figueira da Foz, 11B (Tel. 24737)

cinemas e teatros

abcCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
Sala A - 14.30, 16.30, 18.30, 21.30
Para todos
O CAVALO NEGRO
As 23.45 13 anos
O REGRESSO DA PANTERA
COR-DE-ROSA
c/P. Sellers
SALA B
As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
Não acons. m. 18 anos
RACING BULL - O Touro enraivado
com Robert Deniro

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
int. men. 13 anos
PACTO DE SANGUE
c/ Sofia Loren
e Mando Mastrolanni

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
As 13.30-15.30-17.30-19.30-21.30 e 23.30 h
Sam J. Jones, Melody Anderson, Ornella Muti
FLASH GORDON
Um filme de Mike Hodges
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 18 anos
Os seus punhos tinham a força de um tigre, por isso lhe chamavam...
O TIGRE DE HONG-KONG
com Kao Pang - Cheng Piao

BERNA 776098

Av. Marques de Tomar
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
GENTE VULGAR
c/ Donald Sutherland, Mary Tyler
não acons. men. 18 anos
Um filme de Robert Redford
Technicolor

CALEIDOSCOPIO 795093

Campo Grande
Walt Disney Productions apresenta
a partir de hoje As
14.00-16.30-19.00-21.30
ALICE NO PAÍS DAS FADAS
para todos tecnicolor
falado em português

CASTIL 530194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PIPOCAS E GELADO
c/ Zach Noy, Benny e
Olivia Pascal
3.ª Semana

CINE 222

579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Estreia As 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
UM AMOR EM COMPETIÇÃO
As 14.15, 16.30, 19
Não acons. men. 13 anos
AVENTURA É AVENTURA
As 23.45 - Não ac. m. 18 anos
HARI
de Milos Forman

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS ESCRAVAS DO SEXO
Pornográfico - «hard-core»
As 24h - Não ac. m. 18 anos
BLUE BOY e COMPANHIA

CINE BLUE 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinheiro Chagas
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. m. 18 anos
O TAMBOR
Um dos espetáculos mais surpreendentes que o cinema jamais nos ofereceu
Um filme de Volker Schlöndorff
Com: David Bennent, Mário Adorf e Charles Aznavour
As 00.30 h. Int. m. 13 anos
O EXECUTOR IMPLACAVEL

CINE CAMOES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14-16.30 e 21.30 h
N. ac. m. 13 anos
AMARGURA DE DUAS ALMAS
um filme de Romesh Sippy

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
A história sensual
dum amor puro
A LAGOA AZUL
Com Brooke Shields e Christopher Atkins
As 23.45 h. - G. D.
CAVALGADA HERÓICA

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
As 15.30-18.30 e 21.30
Int. m. 13 anos
A MALDIÇÃO DO VALE DOS FARAÓS

D. JOAO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damala
As 21.30 h
N. ac. m. 18 anos
A MORTE ESTÁ AO TELEFONE
As 24 h.
Int. m. 18 anos
O CASO SHARON TATE

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Hoje estreia As 21.30
Burt Lancaster Rod Steiger John Savage
em
OS CONQUISTADORES DO OESTE
um filme de Lamont Johnson colorido
Não acons. a. m. de 13 anos
Hoje As 14.00-16.30 e 19.00-últimas
exibições do filme
O BOXEUR DE XANGAI
Não acons. a. m. de 18 anos

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30-18.30 e 21.30 h
int. m. 13 anos
O FILME MAIS MALUCO DO MUNDO
Sábados e domingos
As 15-17-19 e 21.30 h

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves 83-B
As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
Não ac. m. 18 anos
Um dos espetáculos mais surpreendentes que o cinema nos ofereceu!
O TAMBOR
3.ª semana
c/David Bennent, Mário Adorf e Angela Winkler

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30
Int. menores de 13 anos
AS GRADES DO INFERNO

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15-18.30 e 21.30 h
não acons. m. 13 anos
Ainda mais (muito mais) espectacular que o primeiro
SUPERMAN N.º 2
A Aventura continua

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14, 16.30 19 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
Colorido
O ÚLTIMO METRO
O novo filme
de François Truffaut

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Som: Dolby Steree
3 sessões: 15.15-18.15-21.30 h Não acons. men. 13 anos
um filme de Dino de Laurentiis
FLASH GORDON
Sam J. Jones Melody Anderson Ornella Muti

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
A guerra não permitiu uma paixão impossível...
NATÁLIA NO INFERNO NAZI

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
O DUETO DA CUNHA
c/ John Balushi, Dan Aykroyd e James Brown
Um filme de John Landis
Technicolor
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
A mais expressiva obra
do mestre Alberto Lattuada
FRANCESCA
Um amor impossível
O filme terá início logo após o começo das sessões
Sessão das 24 horas
CRIA CORVOS
de Carlos Saura

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
Estreia As 21.30
Não acons. men. 13 anos
DESTINO FATAL
Um filme indiano - com Rishi Kapoor
(O filme é projectado no início da sessão)
As 15.15 e 18.15 Despedida
OS MISERÁVEIS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Estreia As 21.30
Não acons. men. 13 anos
OS CONQUISTADORES DO OESTE
Colorido: Com. Burt Lancaster, Rod Steiger e Diane Lane

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão
As 14.15-16.30-19 e 21.30 h
(nao acons. M/18 anos)
ALIEN VOLTA A ATACAR
Belinda Mayne, Marc Bodin, Robert Barrese.

QUARTETO

771378

R. Flores Lima, 16
Sala 1, As 15, 17, 19 h
não acons. men. 18 anos
SALVE-SE QUEM PUDE
Sala 2, As 14, 16.30, 19, 21.30
horas
maiores de 18 anos
KILAS O MAU DA FITA
Sala 3, As 15, 17, 19, 21.30 h
AGORA É A MINHA VEZ
Não acons. m. 18 anos
Sala 4, As 15, 17, 19, 21.30
maiores 18 anos
AS MÃOS SOBRE A CIDADE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
15.30 e 21.30 h.
int. men. 13 anos
AS GRADES DO INFERNO

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
não acons. men. 13 anos
A justiça também se compra?
CORRUPÇÃO NO PALÁCIO DA JUSTIÇA
c/ Franco Nero

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
O DUETO DA CORDA
c/ John Belushi e Dan Aykroyd
Colorido

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.15 e 21.30
N. acons. men. 18 anos
«Oscars» para melhor actor e melhor montagem
RAGING BULL - O Touro Enraivado
de Martin Scorsese com Robert de Niro
ATENÇÃO: As sessões iniciam-se com o filme

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Estreia As 21.30 horas para todos
O GAROTO DE CHARLOT
Charlie Chaplin e Jackie Coogan
filme de qualidade
em complemento:
OS OCIOSOS
de Charlie Chaplin
Hoje, amanhã e domingo
sessões da meia-noite
IVES-O TEMERÁRIO
não acons. men. 18 anos

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 15, 18.15 e 21.30 h
Interd. men. 13 anos
O MEU TIO DA AMERICA
com Gerard Depardieu e Nicole Garcia
11.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Hoje estreia As 21.30 e 24 h
Não ac. m. 13 anos
UM AMOR EM COMPETIÇÃO
(filme de Qualidade)
c/ Richard Dreyfuss-Ami Irving-Lee Renick
o filme começa logo no início da sessão

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
A CONTAGEM FINAL
Um filme de Don Taylor
5.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 14.15
16.30-19 e 21.30 h
Não acons. m. 13 anos
Ainda mais (muito mais) espectacular que o primeiro
SUPERMAN N.º 2
A Aventura continua
c/Gene Hackman, Christopher Reeve.

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O MEU PRIMEIRO AMOR
Uma história de amor excepcional...

teatros

Lisboa

ABC - «Reviravolta», As 20.30 e 23 (18 anos)
Café Teatro Comuna - «Deixos Poisar», As 22 (13 anos)
D. MARIA II - «O Judeu» 21.15 (13 anos)
TEATRO DO BAIRO ALTO - «Não se paga não se paga» 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «O Patego olha o balão» 20.30 e 22.45 (18 anos)
VASCO SANTANA - «Cogumelos» 21.30 (18 anos)
CASA DA COMEDIE - «A Paixão Segundo Pier Paolo Pasolini» 21.45 (13 anos)
LAURA ALVES - «Chegada para Todos», As 21.30 (13 anos)
VARIEDADES - «Há Petróleo no Beato», As 20.45 e 22.45 (18 anos)
Outros Espectáculos
CONDES - «Pacto de Sangue», As 21.30 (13 anos)
CAPITOLIO - «Torreio Sexual», As 21.30 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - Sessões permanentes «Júlia - Uma Máquina Sexual», 18 anos)
CINEARTE - «Uma Razão para Viver outra para Morrer», As 21.30 (13 anos)
PARIS - «A Força do Amor», As 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Mistério do Crime», As 21.30 (13 anos)
ROYAL - «O Império Contra-Ataca», As 21.30 (13 anos)
Outra Banda
ALMADA - «Academia» - «Outono Escaldante», As 21.15 (13 anos)

outros cinemas

ALMADA - Incrível - «Aeroporto 80», As 21.15 (13 anos)
LARANJEIRO - Instrução e Recreio - «O Herói Mortal», As 21.15 (18 anos)
SETUBAL - Júpiter - «A Maldição do Vale dos Faraós», As 21.15 (13 anos)
Linha de Cascais
ALGÉS - Stadium - «O Sedutor», As 21.30 (13 anos)
ESTORIL - Casino - As 17 e 21.15
«Os Comandos de Sua Majestade», As 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Ana e os Adolescentes», As 21.15 (13 anos)
Linha de Sintra
AMADORA - Lido - Três Diabos, As 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - Sábado, domingo e sexta-feira As 21.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «Lagosta ao Pequeno Almoço», As 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «Ladrão que Rouba Ladrão», As 21.30 (13 anos)

SACAVÉM - S. José - «Poder Diabólico», As 21.30 (13 anos)
ALHANDRA - Salvador Marques - «Fantasma», As 21.30 (13 anos)
MOSCAVIDE - Stop - «Patton», As 21.30 (13 anos)
Porto
VALE FORMOSO - «Jesus de Nazaré - 1.ª parte», As 21.30 (6 anos)

AGUIA - «Os Conquistadores do Oeste», As 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «A Noite dos Mil Olhos», As 21.30 (18 anos)

PORTO PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA

Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368/40

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones 654331/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada 30 2.º
Telefones 20954/5 - 4000 PORTO

Últimas

● **DENTRO DE UM AUTOMÓVEL** e por razões não averiguadas, esta madrugada na Avenida da Boa-Hora no Porto, Virgílio Gomes Miguel de 47 anos, empregado de hotelaria, residente em Moreira da Maia, foi alvejado a tiro por um outro ocupante da viatura.

● **JOVENS ASSALTANTES** especializados na abordagem a pessoas durante as noites nas ruas de Lisboa, foram agora presos pela Judiciária. Para intimidação das vítimas, exibiam navajas de lâminas avantajadas, tendo sido reconhecidos por uma das suas vítimas, roubada no Terreiro do Paço. Ambos de 22 anos, nasceram em Cabo Verde, de seus nomes, Pedro e Ezequiel, serão também responsáveis pelo desaparecimento do cofre Posto Médico da Caixa de Previdência do Estoril, com 45 contos.

● **60 CONTOS DE BIFES** foram levados a noite passada do talho situado na rua Professor Egas Moniz, 20-A na Venda Nova-Amadora, onde os apreciadores da boa mesa entraram com uma chave, impropriamente considerada falsa. A Judiciária procura agora descobrir onde se realizará o repasto para estragar a digestão aos comensais.

● **ABUSO DE CONFIANÇA** no valor de 1731 contos, foi cometido por um caixa móvel da delegação do Banco Pinto e Sotto Mayor em Matosinhos. Belmiro Alves da Silva Ferreira, de 39 anos, residente na Travessa de S. Brás, 13, no Porto, foi-se apossando de várias quantias e nas vésperas da prestação de contas, meteu férias e ainda não apareceu.

De 5 a 11 do corrente

Cooperação agro-industrial com a Holanda dinamizada em Lisboa por 25 empresas

Representantes de 25 empresas holandesas chegam no domingo a Lisboa, permanecendo uma semana em Portugal, para se inteirarem das possibilidades de investirem no nosso País no âmbito da agricultura e indústrias transformadoras de produtos agrícolas, assim como para fazer prospecções de mercado no sentido de reforçarem as vendas de produtos e serviços nos sectores das flores, sementes, plantas, lactínios, carne e derivados, estufas, máquinas e instalações para agricultura, horticultura, gado e indústria de alimentação, bem como alimentação para gado.

Serão visitadas várias instituições e firmas interessadas, decorrendo em Lisboa e no Porto reuniões entre firmas portuguesas e os componentes da missão. A delegação inclui representantes dos Ministérios da Agricultura

e dos Assuntos Económicos e por representantes do NCH e reunir-se-á com os ministros portugueses da Agricultura e Integração Europeia e com os presidentes da CIP e da CAP.

Segundo nota preparada pela Embaixada dos Países Baixos, com o envio desta missão a Portugal, «o sector agro-industrial holandês deseja manifestar o seu particular interesse pela incentivo das relações económicas entre os dois países, em mútuo benefício e com vista à entrada de Portugal no Mercado Comum».

A missão é chefiada pelo presidente do Rabobank (Banco Cooperativo Neerlandês da Agricultura), eng. P. J. Lardinois, antigo ministro da Agricultura e Pescas dos Países Baixos e vice-presidente da CEE, funções em que teve a seu cargo os problemas da Agricultura.



O ex-vice-presidente da CEE para a Agricultura, P. J. Lardinois, é o chefe da missão holandesa que no domingo chega a Lisboa

Os empresários e técnicos holandeses pretendem oferecer cooperação financeira, comercial e industrial com empresários portugueses. As 25 empresas envolvidas nesta missão são das mais importantes do mundo económico-financeiro holandês e trazem como ofertas de vendas e cooperação: sementes agrícolas e hortícolas, cultura de cogumelos, estufas, fruticultura, floricultura; pecuária (espécies vacum.

suína, porcina, ovina), sêmen, estabulação, aparelhagem veterinária; forragens, ensilagem, armazenagem; técnicos de frio, congelação, secagem, desidratação, etc. de produtos agrícolas e alimentares; equipamento agrícola e hortícola; matadouros e indústrias de carnes; lactínios; projectos de chave-na-mão para a agricultura e a horticultura.

A soja ganha em toda a linha

“Feijoada à Brasileira” tem tendência para acabar

A feijoada brasileira, emblema da cozinha de Vera Cruz, está em riscos de se tornar apenas uma memória para gente de idade provecta e um tema literário de escritores que «fizeram o seu tempo».

Jornais especializados brasileiros mostram-se «esmagados» pela morte súbita do feijão, enquanto, simultaneamente, vão adiantando receitas para substitutos do «prato nacional».

O feijão está a desaparecer da agricultura brasileira e a ser rapidamente substituído pela soja. O problema é apenas da industrialização da agricultura, que leva à concentração da propriedade nas grandes áreas produtoras de feijão, como a Lapa, Teixeira Soares e Irati, no sul do Paraná.

Grandes produtores olham imediatamente o lucro e não as tradições, e, com o mundo inteiro a alimentar o gado, à base de rações, a soja faz crescer a conta bancária com muito mais vantagens do que o feijão que apenas faz crescer a barriga.

A pequena propriedade e o cultivo em moldes primitivos do feijão vão-se extinguindo paralelamente e o Brasil começa a sentir-se dramatizado.

O feijão é o prato nacional brasileiro devido apenas a uma circunstância histórica, não que, provavelmente, seja a dieta mais adequada a um clima quente.

Provavelmente originário da América do Sul, mas talvez do Norte, de África (os historiadores não sabem que coisa seja uma «feijoada» que figura repetidamente nos textos medievais portugueses), era o alimento básico das armadas portuguesas, devido à sua facilidade de conservação por longos períodos em alto mar.

Os primeiros colonos enquanto aguardavam resultados das suas experiências agrícolas, mantiveram em terra os hábitos de bordo e a feijoada foi ganhando através dos tempos uma indispensabilidade.

«A ameaça do desaparecimento do feijão como fonte básica de proteínas da alimentação

nacional e a tentativa um tanto afoita de substituí-lo por soja — escreve o jornal «Estado de S. Paulo» — impõe rever os métodos de elaboração das leguminosas e os efeitos dos mesmos sobre o seu valor nutritivo, bem como tecer considerações sobre as substâncias tóxicas e os antinutrientes, que, definitivamente, limitam as quantidades de consumo diário».

E o prestigioso jornal gasta uma coluna de prosa a explicar como deve pôr-se a soja de molho, como se descasca, quanto tempo deve cozer, ao mesmo tempo que outros jornais aviam receitas para a soja, quase todas elas a fingir que se trata de feijão.

Os brasileiros começam a mostrar-se alarmados com a situação que, no princípio do ano, pela ausência de feijão nas bancas, levou à formação de longas «bichas», a perturbações da ordem pública e recontros com a Polícia, que acabaram por levar numerosos brasileiros ao hospital.

Pastores e a floresta

Rebanhos precisam de comer todos os dias

PORTO, 1 — «Os pastores não são contra a floresta, como dizem muitos que maldosamente lhes chamam incendiários. Mas querem que a floresta veja que os rebanhos precisam de comer todos os dias».

Esta afirmação consta da «Carta dos Pastores Transmontanos», divulgada após uma reunião efectuada no último domingo em Mirandela com a presença de mais de uma centena de pastores de diversas zonas de Trás-os-Montes, que acrescentam que «se são importantes a Madeira e outros produtos da floresta, também importantes são a carne, o leite, o queijo e a lã que os nossos rebanhos produzem».

A reunião dos pastores, preocupados com o facto de os regulamentos sobre pastagem «tolherem o movimento dos rebanhos», prende-se com a defesa dos baldios, cujos pastos — afirmam ainda — «são frutos há séculos e séculos pelos pastores transmontanos».

Depois de referirem que «o roubo do pastos no tempo de Salazar provocou o desaparecimento de milhares de cabeças de gado e empobreceu a região e o País», os pastores apresentam como reivindicação o serem ouvidos na feitura dos regulamentos municipais sobre pastagens, a presença de representantes seus nos Conselhos Municipais, o cumprimento integral da Lei dos Baldios que a concretização dos planos de floresta «tenha obrigatoriamente em conta a existência dos rebanhos».

Pedem, por outro lado, medidas de protecção, como assistência veterinária capaz, seguro de rezes, medidas contra os lobos («que são bonitos no Jardim Zoológico», dizem), medidas contra o contrabando de gado, preços compensadores para os seus produtos e protecção da Previdência Social.

Seria pedir de mais à PSP?

Cerca das 22.30 horas de ontem, no Largo de S. Tomé, um pai aflito (um seu filho, de 17 meses, acabara de ingerir uma razoável dose de remédio para os ouvidos destinada a uma irmã mais velha) procurava desesperadamente um transporte para levar a criança ao hospital de D. Estefânia. Como não passassem táxis, o aparecimento no local duma carinha da PSP pareceu-lhe providencial. Interceptando o veículo, pediu ao respectivo condutor que o transportasse com o filho doente (era visível o mal-estar do garoto) ao referido hospital. O guarda condutor, todavia, alegando motivos de serviço (qualquer coisa relacionada com transporte de presos), escusou-se à solicitação do pai angustiado, Carlos Alberto da Silva Gonçalves, morador no Beco dos Agulheiros, 10-1.º. Só um pouco mais tarde, com a boa vontade de um particular que entretanto, compreendendo a situação, pôs o seu carro à disposição e levou filho e pai ao hospital de D. Estefânia, onde felizmente foram bem atendidos, tudo se resolveu: com uma lavagem ao estômago do bebé. Pergunta-se agora, para finalizar: seria pedir de mais aos guardas da PSP, atendendo à evidente gravidade da situação descrita, atrasar uns minutos o serviço e dar um «pulo» ao hospital?

UNITA recruta mercenários em Portugal

O embaixador de Angola em Paris, Luís Almeida, denunciou ontem que estão novamente a ser recrutados mercenários para a UNITA em Portugal, RFA, Grã-Bretanha e nos EUA informa a ANOP.

Ao mesmo tempo, o embaixador acusou conselheiros norte-americanos, israelitas e sul-africanos de se terem avistado com representantes da UNITA. Luís de Almeida disse que tinha indicações de que quatro altos funcionários norte-americanos haviam integrado um grupo que recentemente visitara a UNITA. A notícia da ANOP não refere se Luís de Almeida estaria a aludir ao encontro com Savimbi que ontem noticiámos na primeira página do nosso jornal, entretanto, que, segundo fontes oficiais americanas citadas pela AFP, teria tido por objectivo dissuadir o dirigente da UNITA a deslocar-se neste momento aos EUA.

LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM AVIÃO ESPECIAL
SÉRIE A - Domingos (todo o ano)

Preços excepcionais desde **11.400\$**
* a vantagem dos voos especiais

Viaje agora! Beneficie das reduções especiais de Baixa Estação nos Hotéis!

Reduções especiais para:
Plano Familiar, Noivos, 3.ª Idade, Crianças e Jovens

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921
COMBRIA Rua da Solta, 2 Telef. 2701172
FARO Av. da República, 124 Telef. 250356
FUNCHAL Rua do Gorgulho, 1 Telef. 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Ronald Biggs em Barbados

Se houver extradição só na segunda-feira

As autoridades judiciais de Barbados decidiram adiar até à próxima segunda-feira qualquer decisão sobre o pedido de extradição de Ronald Biggs, o «cérebro» do ataque ao comboio-correio Glasgow-Londres em 1963. O pedido foi apresentado pela Grã-Bretanha.

Os três advogados de Biggs sustentam que o seu cliente não cometeu nenhum delito em Barbados e que, por isso, não pode ser extraditado.

Segundo o advogado da coroa britânica, porém, o assaltante deve ser extraditado. Além do mais, Barbados pertence à Commonwealth e existem acordos entre os dois países que prevêm a extradição em situações como esta.

Ronald Biggs, raptado no Rio de Janeiro em 16 de Março, encontra-se em Barbados desde o dia 23, também do mês passado.

O «Daily Express», de Londres, escreve na sua edição de hoje que Biggs, ao contrário do que chegou a ser sugerido, não se deixou raptar deliberadamente no Rio de Janeiro e tão-pouco está interessado em que Barbados o extradite.

O jornal inglês entrevistou Biggs na prisão de Clendary, perto de Bridgetown. Biggs diz que não quer voltar ao «ambiente criminoso» das prisões britânicas, pois vivera «uma vida ordenada no Brasil», nos últimos anos.

Por outro lado, um bar de East End, de Londres, anunciou que vai lançar uma campanha de recolha de fundos destinados a auxiliar a defesa legal de Biggs na capital de Barbados, onde os seus advogados estariam interessados em fazê-lo voltar ao Brasil, de preferência a regressar às cadeias britânicas.

GNR “rock”

Elementos da Guarda Nacional Republicana estão indignados por um grupo de «rock» recentemente constituído no Porto ter adoptado o nome de «GNR». O caso poderá inclusive vir a ser apreciado pelo comando.

Os jovens músicos do Porto, argumentam, porém, que «GNR» é apenas a abreviatura de «Grupo Novo de Rock».

Formado há cerca de oito meses no Porto, o «GNR» é constituído por Vitor Rua (guitarra e teclas), Alexandre (guitarra e voz), Mano Ze (viola baixo) e Toli (bateria).

Inspirados pelo chamado «rock reggae», os «GNR» vão publicar em Abril um «single» com dois temas originais: «Espelho Meu» e «Portugal na CEE». Em Portugal este tipo de situações é novo, mas nos Estados Unidos e em Inglaterra, sobretudo depois da explosão «punk» de 1977, é frequente aparecerem grupos com nomes bastante insólitos como «KGB», um grupo de «hard rock» norte-americano, «Police», «B-52», nome de um bombardeiro que os Estados Unidos utilizaram intensamente na guerra do Vietname, e mais chocante ainda, os «Dead Kennedys», da Califórnia

RESERVE O SEU

o professor
DIRECTOR
ROGÉRIO FERNANDES

SAI NO SÁBADO O N.º 27

UMA REVISTA DE
EDUCAÇÃO ENSINO CULTURA

DE PROFESSORES PARA PROFESSORES

CDL

ASSINATURAS À COBRANÇA

SAI AMANHÃ

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEMANA

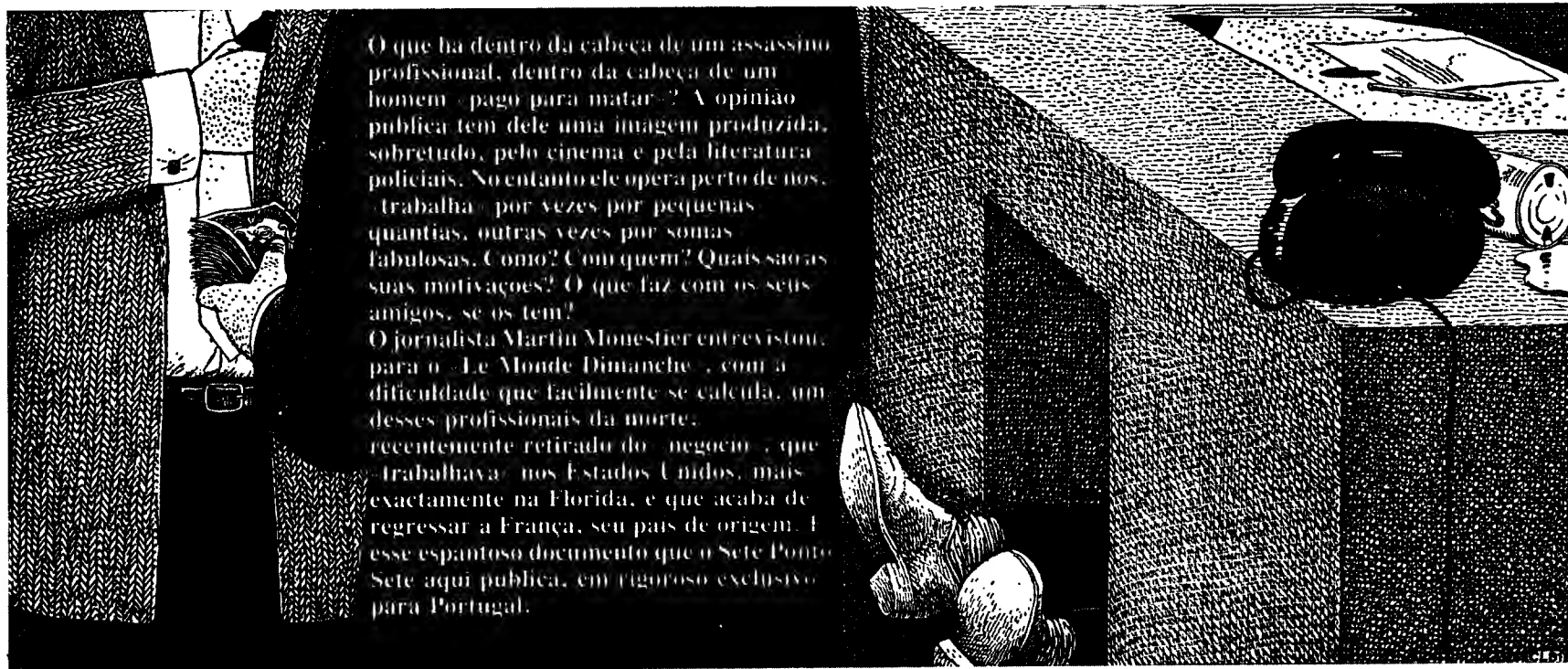
Editorial

O Sete Ponto Sete regressa esta semana, conforme anunciámos nas páginas do «DL», ao seu aspecto de destacável em formato tablóide. Diversas razões obrigam a esta reconversão: por um lado, numerosos leitores dirigiram-se-nos reclamando contra dificuldades no corte necessário para o «consumo» do suplemento no seu anterior formato em meio tablóide. Por outro, as solicitações da publicidade encontram uma maior capacidade de resposta no formato «DL». Finalmente, do ponto de vista estritamente técnico, é-nos mais fácil calendarizar a produção do suplemento nas medidas do jornal de que ele faz parte.

Os seus leitores fiéis reconhecerão as secções habituais e a costumeira apresentação gráfica. Os novos terão ao seu dispor um suplemento de forte tradição no nosso jornal, com características especiais de «leitura de fim-de-semana», e que voltará a publicar-se às **sextas-feiras**.

Este relançamento do Sete Ponto Sete integra-se num conjunto de reavaliações sectoriais do «Diário de Lisboa», que acabará por se traduzir a curto prazo, numa nova «linha gráfica» destinada a aproveitar mais plenamente o labor quotidiano da Redacção. Ao fazer 60 anos, o «Diário de Lisboa» renova-se e repensa-se com base na sua riquíssima experiência, com os olhos postos numa assegurada expansão e num novo público, predominantemente jovem em que, ao longo dos últimos anos, se implantou.

Como igualmente anunciámos, este regresso do Sete Ponto Sete à sexta-feira e ao formato «DL» é saudado pela publicação, em exclusivo para Portugal, de uma sensacional entrevista com um assassino profissional um «pago para matar» cujas declarações também lançam luz sobre a possibilidade de se atentar hoje, nos EUA, contra a vida de um presidente.



O que há dentro da cabeça de um assassino profissional, dentro da cabeça de um homem «pago para matar»? A opinião publica tem dele uma imagem produzida, sobretudo, pelo cinema e pela literatura policiais. No entanto ele opera perto de nós, «trabalha» por vezes por pequenas quantias, outras vezes por somas fabulosas. Como? Com quem? Quais são as suas motivações? O que faz com os seus amigos, se os tem?

O jornalista Martin Monestier entrevistou, para o «Le Monde Dimanche», com a dificuldade que facilmente se calcula, um desses profissionais da morte, recentemente retirado do «negócio», que «trabalhava» nos Estados Unidos, mais exactamente na Florida, e que acaba de regressar a França, seu país de origem. É esse espantoso documento que o Sete Ponto Sete aqui publica, em rigoroso exclusivo para Portugal.

PAGO PARA MATAR

Entrevista com um assassino profissional

EM França, os serviços especiais pensam que, para além dos gorilas de todas as cores que gravitam em torno das embaixadas, mais de duzentos assassinos profissionais vivem permanentemente na espera ou na preparação da «execução» que lhes foi encomendada.

Um destes especialistas do crime aceitou falar da sua aterrorizadora actividade. Actualmente refugiado na Europa, este homem de 35 anos de origem francesa, calmo e inclusiva-

mente simpático, dirigiu durante quatro anos, na costa Este dos EUA, e a coberto de uma escola de artes marciais, uma das associações mais secretas que existem: ela agrupava «executores». Eis a conversa que mantivemos com ele:

— Como eras tu conhecido lá? «O francês»? «Frenchy»?

— Não, chamavam-me «Crazy»! (Doido).

— Porquê?

— Porque fiz golpes inacreditáveis.

— Essa escola de artes marciais era mesmo real, ou

era apenas uma fachada?

— Era mesmo uma escola de karaté. Utilizávamos os alunos na segurança de bares, à noite, e na protecção de tipos que transportavam droga ou dinheiro. Ou então, com guarda-costas. E também era na escola que tratávamos dos «negócios».

— Que negócios?

— Nós tínhamo-nos especializado na recuperação de grandes quantias. Esse era o nosso ganha-pão habitual, para além dos «serviços especiais». Por exemplo, devém-te e não te pagam. Tu vens ter comigo, eu

fico com 20, 30 ou 40 por cento e recupero a tua massa.

— E como é que tu fazias?

— Intimidação. Brincas com um gajo com uma pistola carregada durante três horas para o assustar. Entrar por ali adentro e encostas-lhes o cano de uma carabina entre os olhos, ou demonstras-lhe que podes violar-lhe a família inteira, a ver se ele paga. É assim.

— E de que quantias é que se tratava?

— De grandes. Eu não fazia um trabalho desses por menos

Continua na pág. 2

CLARAS TURISMO

ALGARVE FÉRIAS 1981

EXCELENTES APARTAMENTOS COMPLETAMENTE MOBILADOS NA FAMOSA PRAIA DE ROCHA

CAPACIDADE PARA 2/4 ou 6 PESSOAS
MAIO E OUTUBRO — POR DIA 1350\$00 OU 1650\$00

JUNHO A SETEMBRO — POR SEMANA — DESDE 18 500\$00

NÚMERO DE APARTAMENTOS LIMITADO
FAÇA RAPIDAMENTE A SUA RESERVA

Programas, informações e inscrições

CLARAS TURISMO

CENTRO DE TURISMO

DA RODOVIÁRIA NACIONAL, EP

Av. Fontes Pereira de Melo, 33

1098 Lisboa Codex

Telfs. 563451/2/3/4 — 560015 — 577715

RIVUS

FILME E COMPLEMENTO CLASSIFICADOS COMO
FILME DE QUALIDADE

MAIORES DE 6 ANOS

o brinde especial
da sua Páscoa

CHARLIE CHAPLIN em O GAROTO DE CHARLOT



ESCRITO, REALIZADO E PRODUZIDO POR CHARLIE CHAPLIN
COM JACKIE COOGAN

EM COMPLEMENTO

OS OCIOSOS

ESCRITO, REALIZADO E PRODUZIDO POR CHARLIE CHAPLIN

HOJE ESTREIA
ÀS 21.30

no **SATÉLITE**

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE ÀS 21,15 exactas

em 2º MÊS (lotações esgotadas)
A OBRA-PRIMA DE

BERNARDO SANTARENO

o Judeu



encenação
ROGÉRIO PAULO

cenografia-figurinos
ANTÓNIO ALFREDO

música
FILIPE PIRES

coreografia
FERNANDO LIMA

VER E PENSAR - OBRIGATÓRIO!

MATINEES, SABADOS
E DOMINGOS
ÀS 15.30

Preços de 100\$00 (2.ª balcão) a 150\$00
(plateia) Redução de 50% a estudantes e
Assar acres ou Grupos de mais de 20 pessoas
Espectáculo não aconselhado a menores de 15 anos
Des. org. da Companhia de Segunda Mão

TEATRO
do
MUNDO

COGUMELOS

dir. Jorge Listopad
ultima semana
2.º MÊS

NO TEATRO

VASCO SANTANA

INFERNOS Sete Ponto Sete



PAGO PARA MATAR

Continuação da pág. 1

de 20 mil dólares.

— E depois dividiam o dinheiro?

— Ah, claro que sim, éramos cinco sócios. E além disso pagávamos a outros que faziam uns trabalhos extra.

— Os alunos conheciam as actividades reais da escola?

— Alguns sim, faziam parte da «sociedade». Havia três ou quatro que estavam especialmente treinados, para exactamente estarem à altura de fazerem uns trabalhos especiais.

— Há outras associações parecidas com a tua?

— Acho que no mercado da Florida éramos os únicos, mas nos outros Estados com certeza que há mais.

— Tu estavas filiado na Mafia?

— Não. Trabalhávamos sozinhos, mas muitas vezes para ela.

— E quem é que fazia os contactos contigo?

— Ora, tanto eram contactos em primeira, como em segunda, como em terceira mão.

— E os teus contratos «especiais» tinham alguma coisa

a ver com a droga?

— Sim, sim. Droga e música. São negócios gigantescos.

— Explica melhor:

— Os «Beatles», por exemplo. Se eles se tivessem voltado a juntar para irem aos EUA, a coisa iria render-lhes 50 milhões de dólares. Mesmo assim recusaram! Porquê? Eu penso que foi por causa das pressões. A Mafia queria proteger os seus próprios discos, as suas próprias produções, as suas vendas.

— Existe mesmo no «show-business» esse lado, de que quase ninguém suspeita?

— O lado underground? Claro que sim. Por exemplo, nos contratos dos músicos: é só concorrência entre os empresários. Os tipos que organizam as grandes galas os grandes espectáculos e tudo isso, numa só noite têm a ganhar 30 ou 40 milhões. Então «eles» reforçam a dose para que tu venhas ter com eles.

— Que é isso de «reforçam a dose»?

— Dizem-te assim: vens para aqui e não vais para ali. Ou então tentam privar-te de um contrato. Ou então mandam-te uns gajos a casa para te acorda-

rem um bocadinho.

— Dá lá um exemplo concreto:

— Olha, o Doyle, Doyle: mataram-no à roleta russa. A Janis Joplin não sei que cena montaram. Creio que foi por causa de um contrato. Era o que dizia toda a gente no «meio». E Jimi Hendrix na minha opinião, esse é que foi de certeza. Não tenho dúvidas.

— Porque é que pensas isso?

— Um tipo que conhece de droga como ele conhecia, que sabe quais são as suas capacidades-limite, um tipo que tinha sempre amigos à volta para lhe prepararem e doscarem as suas drogas, nunca poderia ter tomado uma overdose assim, estupidamente.

— E porque razão é que o teriam morto?

— A razão é que eles não queriam de modo nenhum que ele continuasse nos contratos, que ele continuasse a tocar e fazer «tournée». Os tipos como o Hendrix, a partir de certo momento não querem fazer «tournée». Fartam-se. E se acabam as «tournée», os tipos que o têm na mão não ganham di-



Janis Joplin e Jimi Hendrix foram liquidados por profissionais. Eles tinham-se tornado demasiado caros, já não eram um bom negócio para quem os tinha na mão

meio?

— Como já te disse, nós trabalhávamos sobretudo com droga. Se às vezes trabalhávamos com os cavalos foi porque aquilo dá dinheiro do bom. Os tipos metidos nas corridas sabem quem vai ganhar. Então apostam. Por exemplo: «Quero pôr mil dólares no 7». Mas a coisa sai-lhes mal e o 7 não ganha. Então telefonam-nos... «Há isto assim-assim, vão lá recuperar a minha massa...» Então recuperamos muito mais, contando com a «multa», e sacamos a nossa comissão.

— E se o tipo não pode reembolsar?

— Apanha um balázio à saída do campo. Para ficar de exemplo para os outros. Nesses casos um contrato não custa caro.

— Quanto, mais ou menos?

— Dois ou três milhões. Não mais.

— É muito, não?

— É um bocado. E é uma coisa muito rápida. Contratos assim qualquer os faz. E como se trata de um tipo que trabalha com o «meio» a Polícia rala-se pouco com o assunto.

— Tu fazias disso para a Mafia da Florida?

— Pois, ela tem as apostas clandestinas, e além disso tem o boxe, o futebol, etc. Nos EUA é quase tudo tráfico.

— Porque é que fechaste a tua escola de karaté?

— Porque fui preso por causa de uma história de recuperação de massas, e a partir daí começaram a cair-nos em cima. Toda a gente começou a ser presa, começaram a controlar tudo... Nós resolvemos acalmar, ficar um tempo à margem de tudo, mas a Polícia caía-nos em cima de todos os lados ainda estou para saber porque. O FBI, enfim todos! Se nós pegarmos às pernas. Eu tive de desaparecer; fui três meses para o Texas a ver se a coisa amainava. Depois voltei e ainda foi pior. Começamos a ser parvos, a não nos entendermos entre nós e eu acabei por voltar para a Europa depois da morte dos meus sócios.

— Que é que lhes aconteceu?

— Olha, num caso, a Polícia disparou, porque não conseguia nada contra ele. Noutro caso foi um desastre de automóvel, mas claro que não foi desastre ne-

Continua na pág. 3

BATE PAPO

Bom convívio Brasileiro
agora...

ZÉ AMERICANO

HUGO

Alameda

D. Afonso Henriques, 63

Telef. 534686



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO
DE LISBOA

Alameda das Linhas de Torres, 198/200 — Telef. 79 31 66
1700 LISBOA

CONCURSO PÚBLICO

Encontra-se aberto o concurso para arrematação da seguinte empreitada:

N.º 3/81 — Execução de arruamentos e esgotos em Telheiras Sul (Cátula 1).

1.º PROCESSO DO CONCURSO — Pode ser consultado na sede da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa — Alameda das Linhas de Torres n.º 198, Lisboa, telefone 79 31 66, todos os dias úteis das 9,30 às 17,30 horas, excepto aos sábados.

2.º ENTREGA DAS PROPOSTAS — Sede da Empresa (Secretaria) até às 17 horas do dia 28 de Abril de 1981.

3.º ABERTURA DAS PROPOSTAS — Sede da Empresa no dia 29/4/81 pelas 10 horas.

4.º BASE DE LICITAÇÃO — Esc.: 18 477 338/800.

5.º CAUÇÃO PROVISÓRIA — O depósito provisório de garantia a efectuar na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais, agências ou delegações mediante guia passada pelo próprio concorrente será de Esc. 460 000/800.

Este depósito poderá ser substituído por garantia bancária.



Caminhos de Ferro
Portugueses Informação

AVISO AO PÚBLICO CONCURSO

Até às 17 horas do dia 8 de Abril de 1981, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar e esplanada na estação de Setúbal.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da instalação é de 80 000 00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C.P. a quantia de 13 400\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Setúbal
- Barreiro
- Serviço Comercial da Região Sul
- BARREIRO
- Serviço Comercial de Passageiros
- Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
- LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E.P., Estação de Santa Apolónia, 1.º andar, 1196 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de uma pavilhão-bar e esplanada na estação de Setúbal.»

FINALMENTE... o CAFE-TEATRO da COMUNA

*DEIXO'S POISAR***

lotações esgotadas * um espectáculo... diferente

*MUSICA AMBIENTE E DE DANÇA * UM ESPAÇO NOVO DE CONVÍVIO *

SERVICO BAR-RESTAURANTE A PARTIR DAS 20 H • MARCAÇÕES TEL. 76 26 24

QUINTA-FEIRA AS 22 H

SEXTA-FEIRA AS 23 H

SABADO AS 24 H

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras



PAGO PARA MATAR

Continuação da pág. 2

nhum, foi mais uma vez a Polícia. Ao terceiro puseram-lhe uns pós num copo e depois esmagaram-lhe a cabeça. Aí ou foi a Polícia, ou alguém que tentava ocupar o nosso lugar, dada a nossa fraqueza. É normal, são os ossos do ofício.

— E o quarto homem?

— Foi preso por homicídio à carabina.

— Com provas?

— Hmm... Sem provas, mas com provas... Quer dizer: o júri decidiu que ele era culpado. Apanhou 32 anos. Mas desta vez não tinha sido ele quem tinha disparado. Aquilo foi um caso que eu nunca cheguei a discutir com ele. Apareceu o morto, no dia seguinte foram-no buscar e colaram-lhe o caso. Eles queriam apanhá-lo há que tempos. O pai da vítima estava nos petroleiros, e disse que daria 50 mil dólares ao Estado da Florida, para a sua Polícia, se encontrassem o assassino do seu filho. Deram-lhe o meu homem — o meu braço direito. Tinha feito de tudo este senhor, era um grande bandido.

— Tinha feito muitos con-

tratos contigo?

— Muitos. E com outros. No quadro da agência fez alguns que foram até à morte. Quer dizer, chega-se um e diz-te «eu àquele quero-o morto» e então toma-se uma decisão, ora lhe acontece um acidente, ora é directamente.

— Que razões é que viste para se querer matar um homem?

— Todas. Heranças, influências, negócios, política. Às vezes, razões de nada. Outras vezes para ficar de exemplo, como no caso de um tipo que se tinha decidido a ir a tribunal testemunhar...

— Para além da Mafia e de particulares, quem recorre a serviços como os vossos? O FBI por exemplo?

— Para estes serviços muito especiais? O FBI não. A CIA sim, faz coisas dessas. Ou chamam tipos como nós ou têm os seus próprios. Em vez de porem a malta na prisão, deixam-nos correr e quando precisamos, utilizam-nos. E depois passam a fechar os olhos, nos casos dos tipos que trabalham para eles.

— Fecham os olhos mesmo aos casos de encomendas de

A CIA tem os seus próprios homens, mas às vezes prefere recrutar um de nós. Em troca deixa-nos depois «as mãos livres», a não ser para os casos chamados políticos

particulares?

— Pois claro, claro desde que não envolvam política. Se os casos envolvem política é a CIA que decide.

— E os meios políticos recorrem muito a serviços como os vossos, na tua opinião?

— Basta veres o número de tipos que são mortos por razões políticas ou não.

— Eu queria agora saber como é que um tipo se torna em alguém «pago para matar».

— Os tipos que matam são geralmente tipos que fizeram a guerra, que estiveram no Vietname, ou então que têm a «escola da rua». Desde a guerra no Vietname que há «pagos para matar» fabulosos nos EUA. São tipos doentes do gatilho, tornaram-se obcecados.

— Então tu pensas que há quem tenha prazer em matar?

— Claro que sim, claro que isso existe! Ou então são tipos que vêem ali um negócio e pronto. Estão-se borrifando para a vida de um homem ou de uma mulher.

— Mas tu não achas que a ideia de vida, ou a ideia de morte, podem modificar-se mesmo para tipos desses, de-

pois de um primeiro homicídio?

— Não sei.

— O primeiro homicídio é difícil?

— Sem dúvida, há os nervos, é normal.

— Mas o acto de matar é apesar de tudo qualquer coisa de especial?

— Com o tempo não, com o tempo deixa de representar o que quer que seja. Representa que se vai receber um ou dois, ou cinco pacotes e chega.

— São geralmente novos, os tipos que matam por contrato?

— Geralmente sim, têm de 25 ou 28 a 40 anos.

— Achas que é preciso ter algumas características especiais para um tipo se dedicar a esse trabalho?

— Antes de mais é uma questão de dinheiro. E depois é preciso ter tomates ou ser doido, das duas uma.

— Às vezes, nos EUA chamam estrangeiros para realizar alguns desses contratos?

— Na maioria dos casos os americanos têm americanos e os europeus têm europeus. Mas acontece uma vez por outra «chamare» um tipo, se não há

alguém capaz à mão. Nesses casos pagam-lhe a viagem, as despesas, etc.

— Isso confirma que há tipos desses que se tornaram célebres devido à qualidade do seu trabalho.

— Pois claro que há. Há tipos muito bons que são chamados a todo o lado e que vão à Europa, ao México ao Brasil... e que se treinam, que, durante o período em que têm um caso em mãos, se vão treinando. Esse são os verdadeiros profissionais. Os contratos com esses são muito, muito caros.

— Preparam-se física e psicologicamente?

— Tudo, tudo. Deixam de beber, largam tudo durante duas, três semanas.

— Põem-se na melhor condição possível antes de executarem o contrato. E quando há um contrato que se desenha, não é só um tipo que se apresenta, são dez ou quinze.

— E como é que é feita a selecção?

— Escolhe-se pela reputação, pela confiança, pelas recomendações, por tudo...

— Há muitos particulares que propõem contratos?

— Ah! isso é seguro.

— A quem é que eles se podem dirigir?

— Aos «atiradores de gatilho». Existem por todo o lado nos Estados Unidos.

— Quantos profissionais existem nos Estados Unidos?

— Dos verdadeiros, deve haver à volta de uma centena. Eu conheço um que só tem esse trabalho. Agarra na sua espingarda com mira telescópica, instala-se, e mata, é tudo!

— Como é que os particulares podem entrar em contacto com esses profissionais?

— Há várias hipóteses, mas sempre com dinheiro. A informação, essa, é preciso ir procurá-la. Por exemplo, se em

Paris eu precisar de droga, não vou sentar-me nos Campos Elíseos e pedi-la aí. Se preciso dela vou procurá-la lá onde ela está. Com os profissionais acontece o mesmo. Vais a Harlem, em Nona Iorque, e lá te informas. Vais à Florida, por exemplo, a uns subúrbios quaisquer em que sabes que há «especiais», que há lá disso. Pões-te à cata da informação, e depressa lá chegas.

— Mas a Polícia também?

— Claro. Mas mesmo que o chui te oiça, ele não vai prender-te. Vai-te seguir, vai meter alguém atrás de ti. Procura, observa o que quer. Mas tu, tu não apareces e dizes: «quero um tipo armado, vou matar alguém». Isso não é possível. Tu vais dizer: «queria um guarda-costas, um tipo para me acompanhar quando for depositar dinheiro».

— Não há outros meios?

— Alguns advogados são bons intermediários quando se quer encontrar um «pago para matar». São conhecidos por isso. São pessoas que estão sempre em contacto com todo o género de tipos que se queira!

— E são eles que se ocupam de tudo?

— Sim, de tudo! Conheço um advogado que tinha doze pessoas que trabalhavam para ele.

— Doze pessoas como?

— Doze tipos que trabalhavam para recuperar o dinheiro que os gangsters não lhe pagavam. Eu fiz alguns trabalhos para esse advogado.

— Há casos em que um assassino contrata um outro para cumprir o contrato?

— Claro, isso é muito corrente.

— Tu fizeste-o?

— Arranjei alguns contratos para outros, mas eu é que dizia como é que era.

— O executante não era portanto senhor do seu método?

Continua na pág. 4

O direito de morrer

Alicia, uma doente de cancro com 21 anos, abandona os tratamentos e prefere viver «à sua maneira» o tempo que lhe resta

FEZ há pouco 21 anos e é mãe de um bebé de nove meses chamada Nathalie... e sabe agora que não tem muito mais tempo de vida.

Desde muito nova que Alicia sente que nunca há-de envelhecer. Em Março do ano passado, durante o quarto mês de gravidez, Alicia começou a ter dificuldades de respiração. Não conseguindo dormir, consultou um médico no seu país natal da América do Sul, que lhe disse que esses sintomas se deviam apenas à gravidez.

Algumas semanas depois os gânglios do pescoço começaram a inflamar, e Alicia foi a um endocrinologista. Foi então hospitalizada durante uma semana numa enfermaria para tuberculosos.

Finalmente, um dos gânglios inflamados foi extraído e analisado... e passada uma semana, Alicia foi transferida para um outro hospital. Sem lhe terem comunicado o que se passava, começaram a aplicar-lhe cobalto: Insistindo junto dos médicos para saber se estava cancelando

rosa, disseram-lhe simplesmente que o seu tumor tinha 50% de probabilidades de ser maligno. «Todos me confortavam», diz Alicia, «mas entretanto, recusavam-se a mostrar-me os resultados das análises de sangue sempre que eu as pedia».

Ainda ignorando a gravidade da sua doença, dois ou três meses mais tarde, em Maio, enquanto aguardava a sua vez para a aplicação de cobalto, Alicia conseguia dar uma vista de olhos ao seu dossier médico, para descobrir, finalmente, os resultados da sua biópsia: afinal não havia 50 contra 50% de probabilidades de melhorar, mas a morte certa em termos demasiado claros.

«Não podia acreditar», acrescenta Alicia; «era como se eu fosse enlouquecer. Já não tinha confiança em ninguém, e senti-me absolutamente só no mundo com o meu bebé ainda por nascer».

Depois de ter vindo para França, em Setembro, para prosseguir a quimioterapia no hospital de oncologia em Villejuif, nos arredores de Paris,



Alicia cedo decidiu enfrentar a morte que a espera com desassombro e coragem impressionantes. De facto, a jovem, decidiu abandonar totalmente o tratamento médico — o qual já a tinha tornado careca.

Enfrentando a doença com determinação, Alicia optou por viver uma vida tão normal e livre quanto possível dadas as circunstâncias. «Se eu continuasse a receber tratamento por mais dois anos», explica ela, «isso significa que teria de estar deitada durante metade desse tempo, por causa dos 15 dias de tratamento por mês. Chamam a isso viver?».

E assim resta-lhe apenas a sua decisão de viver — como ela diz — de uma forma absolutamente normal durante o máximo de tempo possível. «É também pela minha filha», diz a jovem mãe. «Eu vim para a França e não quero que ela conserve de

mim a imagem de uma mãe doente e triste». Quaisquer que sejam as recordações que a criança venha a ter da mãe, Alicia pretende que venham a ser felizes.

Tendo acabado com a quimioterapia, Alicia diz que prefere o sofrimento de um fim desconhecido, ao sofrimento do tratamento médico que ela conhece tão bem.

O conhecido especialista de doenças cancerígenas, prof. Leon Schwarzenberg de Villejuif, é um dos médicos que reagiu fortemente contra a decisão de Alicia: «Se não tivessem mentido a Alicia desde o início sobre a gravidade da sua doença, ela não se teria sentido tão traída, tão decepcionada — que a conduziu, afinal, à decisão de abandono de todo o tratamento médico».

De acordo com Schwarzenberg, Alicia cometeu um grave

erro ao acreditar que será melhor para ela viver os poucos meses que lhe restam sem tratamento médico. Ela está, insiste o médico, a correr o risco de sofrer muito mais. «Afinal, a melhor terapia não é aquela que prolonga uma doença, mas a que conforta e ajuda um paciente até ao fim».

Apesar das pressões e dos conselhos médicos, Alicia está decidida a não voltar atrás com a posição que tomou de enfrentar tudo sozinha. Admitindo que a noite é por vezes terrível com pesadelos povoando continuamente o seu sono, Alicia quase consegue esquecer o seu destino durante o dia, indo a museus, ao cinema — e, acima de tudo, vivendo um amor que faz com que a vida lhe pareça melhor do que nunca.

Sabendo que não lhe resta muito tempo, Alicia saboreia os prazeres da vida como nunca o tinha feito anteriormente: «agora, tudo parece mais belo», diz ela, rindo como qualquer outra rapariga de 20 anos.

O dia em que decidiu parar com todo o tratamento médico foi o pior momento. «Foi nessa altura, e só então, que tive vontade de me suicidar. Quis acabar com tudo, para não ter que pensar nisso dia e noite». Pensando na sua bebé, Nathalie, teve forças para continuar a viver. «Quis preparar tudo para a minha filha», diz Alicia, «para que não se sinta perdida, para que sofra o menos possível com a minha «ausência». Antes de ter deixado a América do Sul em Setembro, Alicia escolheu uma

das suas amigas de infância para ser a mãe adoptiva da pequena Nathalie.

Em relação aos seus próprios pais, Alicia acha necessário viver longe deles. «Estão num estado de angústia tal», prossegue Alicia «que me recordam a doença noite e dia». Quanto ao marido, de quem está separada, e às suas inúmeras amigas, também sentiu que é melhor estarem longe — porque a maior parte das vezes, «manifestam a sua dor, não o seu amor».

Quando lhe perguntam se está resignada com a morte, Alicia responde, impetuosamente: «Não, de maneira nenhuma!», e acrescenta, «aceito a morte mas ao mesmo tempo luto contra ela com todas as minhas forças». Ela parte brevemente para Genebra, onde prosseguirá um regime macrobiótico, de algum modo semelhante ao regime vegetariano «natural» que o actor Steve McQueen fez nas últimas semanas da sua vida. (A actriz Annie Girardot deu um grande contributo financeiro).

Alicia irá também receber tratamentos de acupuntura, para aliviar a dor quando esta começar a ser mais forte... «Coloquei-me, sobretudo, nas mãos de Deus».

A jovem e corajosa mulher passa alternadamente de um estado de paz consigo própria para uma situação de revolta contra as mentiras tecidas à volta das vítimas de cancro de quem muitas vezes se esconde a verdadeira situação, fazendo assim com que a doença lhes seja muito mais penosa do que já é.

CINEMA Sete Ponto Sete

Agenda

O touro enraivecido

de Martin Scorsese
(U.S.A.-1980)

Um dos grandes filmes de um ano pouco fértil. Scorsese mais radicalmente pessoal que nunca, filma, violentamente, um percurso de solidão e desespero. De Niro, genial.

Cinemas ABCine — Sala B (14.15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h.) e S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30 h.)
(Não acons. men. 18 anos)

Salve-se quem puder

de Jean-Luc Godard
(França-1979)

Godard, de volta ao cinema, com um filme feito em cima destes dias cinzentos, onde os horizontes de medo e tédio parecem estar aí para ficar. Isabelle Huppert, a afirmar-se.

Cinema Quarteto — Sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(Interd. a men. 18 anos)

O dueto da corda

de John Landis
(U.S.A.-1980)

Uma surpresa salutar numa

comédia onde o espectáculo americano (do «rythm and blues» ao «cinema-catástrofe») é, corrosivamente, pervertido por um humor total. Por aqui paira a sombra dos Marx. Belushi e Aykroyd, dois actores a reter.

Cinemas Mundial (14, 16.30, 19 e 21.30 h.) e Roxy (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.)
(Não acons. men. 13 anos)

Kilas, o mau da fita

de José Fonseca e Costa
(Portugal/Brasil-1978/80)

Já passou a barreira dos cinquenta mil espectadores e apresta-se a continuar. Fonseca e Costa consegue, enfim, essa coisa tão procurada que é fazer um filme português que encontre o público. Mário Viegas e Lia Gama dominam a cena que um grande operador (Escudeiro) e um atentíssimo cenógrafo (Jasmim) ajudaram a erguer.

Cinema Quarteto — Sala 2 (14.30, 16.30, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(Não acons. men. 18 anos)

O meu tio da América

de Alain Resnais
(França-1980)

Resnais filma, ironicamente, uma sociedade de capitalismo avançado através da grelha

distanciadora das teorias de Laborit. Gerard Depardieu, num dos melhores trabalhos dos últimos anos.

Cinema Star (15, 18.15 e 21.30 h.)
(Interdito a men. 13 anos)

O último metro

de François Truffaut
(França-1980)

Truffaut regressa aos fantasmas, às representações assumidas, aos espaços de cartão. Apesar do charme glacial, um filme contagiante na perversidade com que olha o mundo. Catherine Deneuve de volta a um nível excelente.

Cinema Londres (14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(Não acons. men. 13 anos)

As mãos sobre a cidade

de Francesco Rosi
(Itália-1963)

Um filme que chega atrasado. Quase ingénuo, este antepassado das «ficções de esquerda» vê-se como uma curiosidade mas perdeu força e, sobretudo, já não encontra no espectador um cúmplice desarmado.

Cinema Quarteto — Sala 4 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(Não acons. men. 18 anos)

As estrelas

O touro enraivecido	— ★★★★★
Salve-se quem puder	— ★★★★★
O dueto da corda	— ★★★★★
Kilas, o mau da fita	— ★★★★★
O meu tio da América	— ★★★★★
O último metro	— ★★★★★
As mãos sobre a cidade	— ★★★★★
Agora é a minha vez	— ★★★★★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar



INFERNOS

Um dos processos mais utilizados actualmente já não é o revólver, é a overdose. Depois, quando encontram o cadáver, podem dizer: lá se matou mais um cretino dum drogado...

Continuação da pág. 3

— Isso depende da pessoa para quem se trabalha, se o tipo quer fazer a coisa à sua maneira, ou não. Eu, por exemplo, faço-o sempre à minha maneira!

— Mas o executante não deve gostar que lhe digam como é que a coisa deve ser feita?

— Nesse caso, o problema é dele. Eu compro-o. Compro a qualidade dele ou então os seus defeitos. O que eu lhe digo, ele fá-lo. Dantes, eu seguia o tipo a abater durante uma semana, ou mais. Falava com a mulher, tentava entrar um pouco na sua vida privada. Via como é que ele procedia. E só depois é que eu dizia o que havia a fazer.

A reputação

— Falemos simplesmente do sentimento de responsabilidade. Não é a mesma coisa apoiar no gatilho ou contratar um outro para cumprir o contrato?

— Não, de modo nenhum.
— Onde é que vê a diferença?

— A diferença é que assim tu não vês o tipo cair. Tu não tens que descer as escadas vendo chuis por todo o lado.

— Os contratos são limitados no tempo?

— Em geral sim, por uma semana, duas semanas, três meses... Isso depende do que quer o cliente. Se ele te diz: «quero que este viva uma semana, certo?» E tu respondes «uma semana não posso, quero duas semanas». Mas é preciso que ao fim dessas duas semanas «ele» esteja morto.

— Pode-se adiar a data por várias vezes, e isso é frequente?

— Um verdadeiro profissional não corre riscos. Se a data limite é o dia tal, ele telefona e diz: «não posso fazê-lo, espero pela próxima vez ou então reembolso o dinheiro».

— Já alguma vez foste obrigado a reembolsar?

— Não! toda a gente se me dirigia para coisas especiais. Era o meu nome que estava em jogo. Se eu não cumprisse, era o fim. Portanto, eu não queria perder a minha fama. A reputação é capital!

ção é capital!

— Nesse caso, um assassino que reembolsa vê a sua reputação abalada?

— A sua reputação morre. A menos que haja uma razão muito forte. Mas se se prova que o assassino não fez bem o seu trabalho, então vale mais que desapareça. Sobre tudo porque se arrisca a morrer se um outro «pago para matar» toma conta do contrato e o cumpre. Então tem-se medo que o primeiro bufe.

— Um assassino que se fez notar pela sua futura vítima ou que falhou no cumprimento do seu contrato representa portanto um perigo para quem o mandou matar?

— Se o atentado falha, os chuis interrogam o alvo falhado. «Quais é que são os seus inimigos?» Ele responde e diz quem é que pensa que o queira abater. O cagaço de morrer está à vista, ele vai cuspir tudo o que tem nos pulmões... E há um risco de acertar no tipo que encomendou o contrato. Mas, principalmente, o «alvo» torna-se intocável durante um ano ou mais. É

normal, o tipo toma as suas precauções!

— Pode acontecer que o assassino faça chantagem com o autor da «encomenda»?

— Isso só acontece nos filmes. Os tipos são finos. Se têm dinheiro para contratar um assassino, têm-no para contratar dez para se desembaraçar do primeiro.

— Por outro lado, o assassino que cumpriu integralmente o contrato não se arrisca a ser executado por sua vez, enquanto testemunha perigosa?

— Em geral o tipo que propõe o contrato não suja as mãos. Quer dizer que ele não tem nenhum contacto com o tipo a liquidar nem com aquele que executa o contrato. E esse, até ao último momento, não sabe quem é que lhe pedem para matar. Portanto, logo que o contrato tem êxito e o tipo morre, já não há mais ninguém para falar seja do que for. O intermediário é o telefone nas cabinas públicas. É quanto basta para as instruções.

— Insisto. Um tipo que realizou um contrato verdadeiramente importante pelas suas repercussões não arrisca muito, apesar de tudo?

— Às vezes, em caso de golpes muito grandes, aquele que encomenda exige que depois do contrato ele deixe o país ou o ofício! Às vezes, passados cinco ou dez anos, aparece-lhe uma outra superencomenda!

— Acontece que o assassino vá falar com o tipo que deve abater para negociar aquilo que sabe?

— Não, não os assassinos são doentes, são assassinos de gatilho. É o prazer da concorrência com os chuis. Sabes, às vezes os chuis vinham-me ver e diziam: «vamos de te apanhar». E era um jogo permanente. Um deles tornou-se meu amigo. Eu oferecia-lhe um copo e dizia-lhe: «Polícia de merda, ainda andas por aqui, armas-te em play-boy mas és um polícia de merda!» E ele respondia-me «hei-de-te apanhar não te incomodes, adoro-te mas hei-de-te apanhar».

— Que tipo de satisfação é que dá um contrato?

— Antes de mais, o prazer e o dinheiro. Esse é o primeiro dos motivos.

— Quais são os preços pedidos para liquidar alguém?

— Por um contrato, isso varia entre 2000 e 10 000 dólares, depende.

— Não é caro 2000 dólares!

— Eu digo 2000 dólares por uma merda.

— Os preços variam portanto conforme as dificuldades?

— Claro, conforme a categoria do tipo que se vai abater... Se se quer abater um engraxador de sapatos, isso custa zero francos. Se se quer abater um tipo que está à frente de um supermercado, isso custa cinco mil dólares... Se se quer abater um director de uma companhia petrolífera, ou um político, isso custa

muito mais. E se se dispara sobre o presidente dos Estados Unidos, por exemplo, como fizeram com Kennedy, isso é um contrato que, pelo que sei, custou 50 000 dólares.

— Não é caro para um presidente?

— Não é caro. Para um assassino é muito dinheiro.

— Os melhores contratos andam à volta de quanto?

— No máximo dos máximos, entre 50 e 100 000 dólares.

— Os «grandes assassinos» podem conseguir quantos contratos durante a sua carreira?

— Isso depende. Podes encontrar tipos que fizeram vinte ou trinta contratos em toda a vida.

— Quais são os meios utilizados para realizar um contrato? Porque é que me disseste que a espingarda de mira telescópica era no cinema?

— Um contrato destes faz-se na rua. O tipo passeia-se ou desce do carro para ir ao banco. Pára um outro carro e ele apanha com uma bala na cabeça. Se se quer disparar, é assim que se faz. Depois pega-se no carro e toca a andar. O carro é roubado, tudo é roubado. Pára-se o carro um pouco mais longe, e segue-se a pé. Mais adiante, há outro carro que nos espera e pronto. Isto são os contratos que se fazem hoje em dia. Os atiradores de elite, com mira telescópica, isso já quase não existe porque não têm tempo de se pirar. Normalmente o tipo está no alto de um prédio, não tem tempo de fugir e cai na ratoeira.

— Foi portanto a rapidez de intervenção da Polícia que passou para segundo lugar o atirador com mira telescópica?

— Com certeza. A rádio sobretudo. Os emissores de rádio da Polícia. Agora, pelo contrário, é preciso estar muito próximo do tipo, ou então numa estrada desimpedida por onde ele passa. Ou num avião, e



“Agora é a minha vez”

de Claudia Weill



Claudia Weill: ao segundo filme, já a standardização

Claudia Weill vem das margens da indústria, do chamado cinema «independente» americano: **Girlfriends**, seu filme de estreia, tinha algo que provinha dessa área, uma certa desenvoltura, irreverência, teimosia.

Claudia Weill rodou, depois, **Agora é a Minha Vez**, desta feita dentro dos cânones industriais, de que a face mais visível é o nome das vedetas encimando o cartaz: Michael Douglas e Jill Clayburgh.

A indústria, por si, não é nenhum Belial cinematográfico: homens de indústria são (e de que maneira!) Coppola, Scorsese, Lucas, Schrader, homens de indústrias eram Hawks, Ford, Wilder, Lubitsch, Walsh, nem por isso deixaram de assinar filmes excelentes. O que é trágico, na indústria, é a tendência para a standardização, para a eterna repetição do mesmo, tendência que é, sobretudo, visível na produção média. **Agora é a Minha Vez** é um desses casos.

Ao fim de quinze minutos, todo o argumento é previsível, tal a ausência de inovação, a ausência de surpresa. Para mais, Claudia Weill não consegue ultrapassar o polido registo de aparências, um certo charme.

Os seus personagens ficam-se pelas intenções: Jill Clayburgh é uma das últimas atrizes capazes de representar uma doutorada em Matemática, nada no seu estilo o torna verosímil; Michael Douglas está aquém do patético jogador de basebol, prematuramente lesionado, ficando-se pelo jovem bonito. Os conflitos são de cordel e sem espessura, o jogo de sentimentos é de uma superficialidade espantosa (de facto, o espectador nunca «acredita» que aqueles personagens estão numa decisiva encruzilhada).

O que resta? Pouco, muito pouco. Uma escuridão técnica, num estilo quase televisivo, mas nenhuma pulsação, nenhum nervo, quer diante da câmara, quer atrás, sequer na mesa de montagem. Feitas as contas, uma desilusão, que só

não é enorme porque **Girlfriends**, longe de ser a «revelação» para aí apregoada, era já um trabalho onde muitas limitações se espelhavam. Lamentavelmente, esta entrada de Claudia Weill na grande indústria fez-se em direcção ao território da mediania, o pântano onde se afundam, devagar, muitas esperanças.

Além disso, o amor e a mudança não têm nada a ver com o que se passa neste filme.

FICHA:

Título original: It's my turn.

Realização: Claudia Weill (USA-1980).

Argumento: Eleanor Bergstein.

Cenários: Jack De Govia (production designer), Linda DeScenna (set decorator).

Música: Patrick Williams.

Montagem: Byron «Buzz» Brandt e Marjorie Fowler.

Produção: Martin Elfand.

Interpretação: Jill Clayburgh (Kate Gunzinger), Michael Douglas (Ben Lewin), Charles Grodin (Homer), Beverly Garland (Emma), Steven Hill (Jacob), Joan Copeland (Rita), etc.

Distribuição em Portugal: Columbia/Warner.

Cinema: Quarteto-sala 3.

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

então a «coisa» faz-se na casa de banho. Não importa de que maneira, mas sempre de perto e na cabeça. Assim não há o risco de que o tipo se safie.

Mas hoje em dia estes métodos começam a ser abandonados. O tipo desaparece completamente. É raptado e não aparece mais. Mete-se-lhe um pedregulho à volta da barriga e manda-se ao mar. Rasga-se-lhe o ventre previamente e os tubarões tomam conta dele. Ou então agarra-se o tipo a abater. Guarda-se connosco durante uma semana, ou duas. Habitua-se à droga durante esse tempo, aplicam-se-lhe as suas doses e ele fica tranquilo em casa. Não se mexe. Passadas duas semanas, mata-se o tipo com uma «overdose».

Quando esse senhor é procurado, os chuis encontram droga em sua casa, no seu sangue, encontram sinais de injeções: não resta dúvida, o gajo morreu com a sua «overdose». Isso é o que agora se faz mais frequentemente nos Estados Unidos.

— Parece-me um método muito complicado!

— Pelo contrário. Estou ao corrente de um desses casos, posso-te falar dele. É história de um tipo que mandou «limpar» o amante da mulher. Ainda hoje a gente julga que foi natural. Dois tipos chegaram a sua casa e disseram-lhe: «Estamos aqui para te matar. Eis as razões».

O contrato exigia que se lhe dissesse a razão. «Mas eu não tenho vontade de te meter uma bala na cabeça. Prefiro que morras com uma «overdose». Vais deixar uma carta simpática à tua mãe, dizendo-lhe que estás farto de tudo isto, e que decidiste acabar com tudo! E vamos te fazer viver o tempo necessário. Ficamos contigo, divertimo-nos contigo, «snifamos» contigo. E começaram a dar-lhe as suas doses.

E o que é que aconteceu depois?

— Ficámos três dias com ele em casa. Finalmente, continuando a drogar-se, o tipo raciocinava de outra maneira. E a droga continuou até que ele escreveu a carta à sua mãe. Como se injectava, as suas impressões digitais estavam na seringa, estavam por todo o lado. O gajo acabou por morrer. O ar condicionado continuou a funcionar para que não cheirasse mal. Ao fim de duas ou três semanas alguém começou a sentir o cheiro e descobriu-se o corpo do morto... normal!

— Mas não é incómodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Isso não é um problema. De qualquer modo, quando tens um contrato a executar, tu não vês interesse nenhum no tipo a abater, tu vês, é o teu trabalho. Desde que eu o veja a ele como um ganha-pão, estou-me nas tintas para a sua vida. Não ganho nada com ele vivo. Se ele morrer, já ganho. Portanto, estou-me lixando! Nesta profissão tem que se ir até ao fim. Se não se chega a lado nenhum.

Mas a futura vítima pode tentar oferecer-te, para viver, mais que a soma que recebeste para a matar!

— Podem-nos propor 100 000 para continuar vivos, isso não serve de nada. Quando se é profissional, uma pessoa não se pode deixar virar. A não ser que nos ofereçam uma soma inacreditável, que dê para nunca mais ter problemas, para mudar de cara e tudo. Mas não esqueças que não se trata de pessoas normais, são gajos lixados, que têm isso na cabeça, que trabalham para isso. Se não o fizerem é porque falharam. E então não jogam mais. Nesse caso, ficam como se também fossem mortos.

— Mas tu não podes sequestrar um homem importante oito dias!

— Não, nos meios políticos, ou com os grandes homens de negócios, ou as vedetas de televisão, ou outras, continua-se a usar o revólver, a granada, a bomba, tudo o que for preciso. O envenenamento também, mas é difícil. É preciso entrar. Quer dizer que é preciso alguém ligado à casa, um médico, por exemplo. Ou então num restaurante, o empregado de mesa. Mas, actualmente, o mais frequente é utilizar os drogados para matar.

— Como é que é?

— Podes contar com eles para que a missão seja levada a cabo em todos os detalhes. Não importam os perigos! Um drogado, mata mesmo, nem que haja cem mil xuis! Fornecem-se-lhes boas doses e, quando se quer fazer a coisa, diz-se-lhe: «Bom, há isto a fazer e terás tanta droga quanta quiseres quando a coisa estiver feita.» Depois liquida-se o tipo, porque um drogado é alguém que bufa! Quando lhe falta a droga torna-se louco. Faz o que lhe vem à cabeça!

É mesmo capaz de ir à polícia: «Sei coisas, dêem-me droga.» Os xuis dizem-lhe que sim durante um, dois, três meses, até ao dia em que se fartam e deixam de lhe dar. Nessa altura, o drogado começa a falar e conta tudo o que sabe. Portanto, quando se utilizou um drogado, é preciso desembaraçar-se dele, matá-lo!

— E como é que isso se faz? Contrata-se um segundo drogado?

— Não, mata-se. Overdose. Matamo-lo dando-lhe prazer. Frequentemente, para lá da superdose, junta-se veneno de ratos para ser mais seguro!

— Há contratos que têm mulheres ou crianças como alvo?

— Claro. Para um profissional é a mesma coisa. Ele limita-se a matar os olhos. Não vê mais nada. Atira entre os dois

olhos. Está-se nas tintas que seja uma mulher, uma criança, uma mãe...

— Está-se nas tintas para o motivo?

— O motivo não lhe interessa, trabalha pelo dinheiro e mais nada. O seu ofício é só disparar.

— É uma batalha contra a sociedade em geral? Sentir-se mais forte que ela?

— Não sei, nós não falamos dessas coisas... Só conta o dinheiro!

— São jogadores?

— Não, eu não digo jogadores, digo tipos que têm o hábito de comprar três ou quatro gramas de coca por dia. O hábito de sair com muitas mulheres, de guiar Mercedes, uma quantidade de coisas que custam caro. A vida é isso, os prazeres da vida. Se morrem, estão-se nas tintas, viveram como quiseram!

— Quer dizer que não atribuem mais importância à vida deles que à dos outros?

— Exactamente. Eles dão importância a «desbundar», a passar «soirées» fabulosas, a divertir-se. Ter mulheres que vão para a cama quando eles querem. Ter um superapartamento... queimar dinheiro! e serem tratados por «Senhor»! Talvez seja um complexo de ser tratado por «Senhor».

— Conhecem-se atiradores que se retiraram ricos?

— Não, eles gastam demasiado, nunca fazem fortuna. Mas não sei, não conheço nenhum caso.

— Eles sabem que tudo pode parar bruscamente?

— Sim, mas nós não pensamos na choldra. Toda essa gente, os assassinos profissionais os criminosos, se se dão ao trabalho de reflectir dez minutos por dia, chegam à seguinte conclusão: «Se me ponho a trabalhar ganho uma ninharia por mês, se continuo a trabalhar como actualmente, posso con-

seguir muito mais dinheiro.»

— Esses assassinos profissionais têm outra actividade, digamos, mais anónima no quotidiano?

— São tipos que vivem à sua maneira, dedicam-se a um tráfico qualquer, mas não trabalham!

Quando se chega a esta loucura de matar, evitam-se as pessoas! Não se têm contactos com as pessoas!

— Podes dizer-me alguma coisa sobre a personalidade, a mentalidade de um assassino profissional?

— Em geral são tipos com grandes tomates.

— Mas são tipos completamente irreflectidos, ou, ao contrário, são «viciosos»?

— São pessoas fabulosas. São gajos para quem a vida não conta, são pessoas que em geral adoram os animais. Se possível são afectuosos, muito ternos, muito doces. É uma falta de luxo que tiveram. De repente, encontram-se a dois com uns milhares no bolso, e é uma loucura!

— Ah! não são uns brutos mentalmente diminuídos?

— Não, pelo menos aqueles que eu conheci. São pessoas magníficas para a amizade. A amizade pode ir até ao ponto que eles cortem a cabeça por ti!

— E se por exemplo lhes oferecerem muito dinheiro para matar um amigo?

— Eles não aceitam. Se é um amigo, eles nunca o trairão. É por isso que já houve afrontamentos entre bandos!

— Esses assassinos profissionais são solitários ou têm uma vida privada, uma família, uma mulher?

— Sim, isso não tem importância... A mulher sabe! os amigos visitam-no. Bebeste um copo a mais, discutes. Se a mulher é inteligente, ela percebe o que é que se passa. Ela vê os revólveres saírem de casa, voltar, e tudo o mais...

— Por vezes não se sentem cansados com essa vida?

— As vezes está-se de tal maneira lixado, vêm-se xuis por todo o lado que uma pessoa farta-se!

— Ah! porque se vêm xuis por todo o lado?

Claro estamos metidos nisso até à cabeça! Estamos sempre metidos com xuis ou com gangsters, com gajos duvidosos, perigosos. Já não sabes de que maneira dormir, se armado, com quantos cães em casa para te acordar... As vezes tens medo de sair sozinho, de andar sozinho no teu automóvel, podes ser abatido de um momento para o outro!

— Finalmente, a polícia que liquidou os teus amigos e te obrigou a fugir para a Europa, prestou-te um grande serviço?

— Claro! Eu estou satisfeito por isso ter acontecido. Safei-me assim, apanhei uma bala numa perna, é tudo.

— Tens uma ideia de quanto é que ganhaste na Flórida nestes últimos dois ou três anos?

— Não sei... milhões de francos. Sim, arranji três ou quatro milhões!

— O escritor Albert Camus escreveu: «O desejo de matar pode corresponder a um desejo de suicídio. O criminoso mata para morrer.» O que é que achas disso?

— Esse tipo é louco! A vida é tão fantástica que devemos agarrar-nos a ela sob qualquer preço! Além disso, é preciso estar completamente apanhado para descarregar um revólver na cabeça!

— Então tens um pouco de consciência do que é que os assassinos profissionais infligem às suas vítimas?

— Naturalmente que sim. Mas esta simples questão do dinheiro torna-se um vício! Trata-se da vida de um outro. Tu estás-te nas tintas para isso! ■



Nos anos 60 tem intensa actividade teatral e em séries televisivas. Entra no cinema, em papéis secundários no final dessa década mas o seu nome só se iria impor após o seu trabalho em **American Graffiti**, já em 1973.

PRINCIPAIS FILMES: **A Primeira Noite** de Mike Nichols (1967, não creditado no genérico); **The Young Runaways** de Arthur Dreifuss (1968); **Hello Down There** de Jack Arnold (1969); **American Graffiti** de George Lucas (1973); **Indelével** de John Miljus (1973); **Encontro com a**

Sorte de Ted Kotcheff (1974); **The Second Coming of Suzanne** de Michael Barry (1974); **Tubarão** de Steven Spielberg (1975); **Inserts** de John Byrum (1976); **Vitoria em Entebbe** de Marvin Chomsky (1976); **Não há Dois sem Três** de Herbert Ross (1977), com que ganha o **ósar** para o «melhor actor do ano»; **Encontros Imediatos do 3.º Grau** de Steven Spielberg (1977); **The Big Fix** de Jeremy Paul Kagan (1978), em que Dreifuss se inicia como produtor; **Um Amor em Competição** de Joel Olsansky (1980).

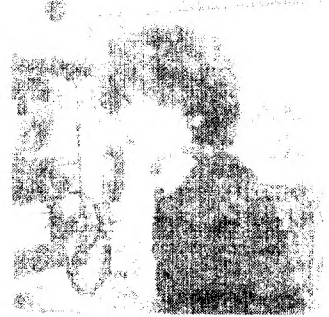


Foto de fundo: em **Encontros Imediatos do 3.º grau**; outra foto: Dreifuss e Amy Irving em **Um amor em competição**.

Filme: **A Primeira Noite** de Mike Nichols (1967, não creditado no genérico); **The Young Runaways** de Arthur Dreifuss (1968); **Hello Down There** de Jack Arnold (1969); **American Graffiti** de George Lucas (1973); **Indelével** de John Miljus (1973); **Encontro com a**

“Agora é a minha vez”

de Claudia Weill



Claudia Weill é uma das mais importantes actrizes da indústria do cinema americano. Conhecida por papéis de estranha, rebelde, ou de mulher de sucesso, a sua carreira de actriz tem sido muito bem sucedida.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

A sua carreira começou em 1967, com o filme **Encontros Imediatos do 3.º Grau** de Steven Spielberg. Este filme, que trata de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem, foi um grande sucesso. Desde então, Claudia Weill tem sido uma das mais importantes actrizes da indústria do cinema americano.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Claudia Weill, ao segundo filme, **Agora é a Minha Vez**, de John Schlesinger, ganhou o **ósar** de melhor actriz.

O filme **Agora é a Minha Vez**, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem. Este filme, que ganhou o **ósar** de melhor actriz para Claudia Weill, foi um grande sucesso. Desde então, Claudia Weill tem sido uma das mais importantes actrizes da indústria do cinema americano.

O filme **Agora é a Minha Vez**, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem. Este filme, que ganhou o **ósar** de melhor actriz para Claudia Weill, foi um grande sucesso. Desde então, Claudia Weill tem sido uma das mais importantes actrizes da indústria do cinema americano.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Em 1977, com o filme **Agora é a Minha Vez**, ela ganhou o **ósar** de melhor actriz. Este filme, de John Schlesinger, trata-se de uma história de amor e de uma mulher que se encontra a lutar contra a sua própria imagem.

Um que é que aconteceu despois?

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas não é incomodo estabelecer um diálogo com a vítima?

— Parece-me um método muito complicado!

— Mas tu não podes sequer um homem importante oito dias?

— Parece-me um método muito complicado!

TEATRO Sete Ponto Sete

Kantor, Kantor...

TERMEI a primeira parte desta crónica sobre Tadeusz Kantor (TK) com uma referência à sua última proposta a que ele próprio chamou «Teatro da Morte». O primeiro dos espectáculos desse ciclo, «A Aula Morta», foi criado em Cracóvia pelo Cricot 2 em 1975. Em

espectáculo é constituído por um conjunto de manequins de crianças que fazem parte da «aula» como se fossem o desdobramento infantil dos actores, ou os actores fossem desdobramento na velhice dos manequins. O que havia de mais inquietante no espectáculo era o facto de o horror que dele se desprendia ser ao mesmo tempo



1977, o espectáculo foi ao Festival de Nancy, como referiu Hélder Costa em artigo enviado daquela cidade para o «Diário Popular» (7-5-77), considerando o espectáculo «absolutamente excepcional a marcar com certeza uma data na história do Teatro». Este mesmo espectáculo voltou a França tendo sido apresentado, no âmbito do Festival de Outubro, no Teatro Chaillot. Aí o pude ver e confirmar as palavras de Hélder Costa, como dei conta neste jornal (11-11-77).

Sobre «aula morta»

Terei agora que me repetir porque o entendimento do segundo espectáculo do «Teatro da Morte» («Wielopole» — «Wielopole») passa pelo conhecimento dessa primeira experiência. Dois elementos chamaram desde logo a atenção desta obra kantorian: em primeiro lugar, a presença constante do encenador que parecia dirigi-la, como se dirigisse uma orquestra, ao mesmo tempo que ironicamente dele se distanciava, e com ele o próprio espectral. Defini então essa presença como «o professor daquela aula macabra, o encenador daquele teatro da morte, o maestro daquela cerimónia negra». O próprio TK descreve a sua presença em cena como uma solução de banda desenhada em que a personagem fala com o desenhador. Desse modo, acrescentou, quebre a ilusão do actor, e além disso assumo a minha responsabilidade, juntamente com os actores, como criador do espectáculo.

O outro elemento insólito do

transmitido pelos actores vivos e pelos manequins mortos, como se o espectador a certa altura não fosse capaz de distinguir onde acabava a vida e começava a morte. Essa ambiguidade do espectáculo é a sua circularidade ao mesmo tempo limitativa, fechada e genial.

Pelo espectáculo perpassavam elementos cuja aparente heterogeneidade participava de um todo complexo e coeso, explodindo em formas de um imaginário em que o espectador se reconhecia e ao mesmo tempo recusava. Recordemos alguns desses elementos: uma personagem, um «travesti», junto de uma janela (um vidro em forma de vidraça que ele próprio segurava); um soldado da guerra de 14-18, com a sua espingarda de baioneta em riste e uma bandeira negra; um oficial representado ora por um manequim ora por um actor; livros e jornais velhos espalhados pela cena; um velho a empurrar uma bicicleta de formas bizarras onde estava sentado uma criança, em manequim; o contraste entre os fatos negros e os vestidos brancos; a repetição das cerimónias: o casamento, o funeral, o nascimento, a guerra. Estes e outros elementos eram outros tantos sinais de que TK se servia para construir o mundo absurdo, o sonho negro, o cinema de desespero que era o seu espectáculo.

Kantor explica Kantor

Antes de comentar os segundos dos espectáculos de TK, «Wielopole» — «Wielopole» (W-W), terá interesse reprodu-

zir algumas declarações feitas pelo artista polaco num colóquio integrado no Festival de Outono de 1980 e realizado na sala grande do Centro Pompidou. Essas declarações concorrem com o que aqui escrevi sobre a personalidade e a obra de TK (DL) — 28-3-1981) não deixam no entanto de pôr novos problemas que importa ter em conta.

TK referiu a importância que a cenografia adquiriu ao longo da história do teatro contemporâneo, considerando o construtivismo como o último movimento desenvolvimentista do teatro, o movimento mais importante do teatro do século XX (lembro que um dos principais criadores desse movimento foi Meyerhold). TK pôs em confronto os criadores construtivistas com o trabalho de um dos maiores cenógrafos do nosso tempo, o checo Svoboda, que, na sua opinião, faz belos cenários mas não contribuiu para a evolução do teatro.

TK faz anos nos seus espectáculos desde a cenografia à encenação e agora mesmo os textos, podendo-se considerar um autor completo.

Afirma que os artistas polacos estavam fartos de realismo socialista, do estalinismo, mas que a partir de 1955/56 esse problema deixou de se pôr porque os polacos começaram a desfrutar de plena liberdade artística. Se durante a guerra, ele e o seu grupo criaram no vazio, criaram para eles próprios, a seguir TK passou a ser pago pelas instituições oficiais tendo sido contratado como cenógrafo. No entanto, ele considera, que nessa altura os seus projectos

eram prematuros pois a vanguarda estava destruída. Só uma década mais tarde foram criadas condições para que o seu trabalho se desenvolvesse através de uma articulação muito forte entre as artes plásticas e o teatro.

Ao referir-se à direcção de actores, TK afirmou que os transformou, num dos seus espectáculos («O Pequeno Palácio»), numa massa informe de maneira a perderem o seu individualismo. Não podemos considerar que se tratou de uma atitude autocrática de carácter estalinista?

Tendo começado a criar «happenings» antes dos americanos, tendo procurado descobrir um espaço de criação de vanguarda permanente, agora TK (com que sinceridade?) manifesta-se violentamente contra todas as vanguardas, contra aquilo a que chama a riqueza da vanguarda, rebela-se contra o conceptualismo, considera que a arte não deve ser um divertimento, em suma, recusa a vanguarda mesmo com o risco, diz, de ser chamado reaccionário.

Eis então o que lhe interessa: «Comecei a procurar o que existe sob a vida: estados patológicos, depressão, vegetalismo, embora permaneça construtivista». Manifestando-se contra o lugar teatral, diz ser capaz de criar em qualquer lugar (mesmo em teatros), e que há uma barreira entre o espectáculo e o público. Interessa-lhe sobretudo destruir o «pathos» artístico.

O «Teatro da Morte» — explica «sendo o resultado das experiências precedentes, representa a recusa do «happening»,

da participação, da obra aberta, do consumismo da arte». A um espectador que lhe perguntou o significado dos manequins, responde que os manequins são actores mortos, e são, eles mesmos, semimortos. Para TK são os espectadores os mais vivos de todos os participantes num espectáculo teatral.

Sobre «Wielopole» — «Wielopole»

TK foi convidado para ir a Florença com o seu grupo criar um novo espectáculo produzido pelo Município de Florença e pelo Teatro Regional da Toscana.

«W-W» não é talvez um espectáculo tão impressionante como o anterior, o que pode, aliás, decorrer do facto de já não surpreender como em o espectáculo, «Aula Morta», que era uma novidade absoluta. Espectáculo mais depurado talvez menos rico nas implicações e nos desvios que propõe, embora seja maior o leque de temas que aborda, não deixa de ser uma obra de génio, de que só um artista extraordinariamente dotado como TK seria capaz.

«W-W» é o nome da pequena cidade onde TK nasceu e a repetição do nome não é casual. É que o autor considera este espectáculo como uma forma de Repetição (a maiúscula é dele). Vejamos, pelas suas próprias palavras o significado disto: «A verdade tornara-se numa moda insuportavelmente fastidiosa. Era preciso encontrar uma nova profundidade. Numa determi-

nada época, embora sem acreditar excessivamente na ortodoxia, afirmei que a realidade não pode existir por ela mesma, precisa sempre de qualquer coisa que a ponha em perigo: a «ilusão». Agora descobri outra coisa que vai ainda mais longe: a «ilusão», para além da significação comum da palavra, possui um «aspecto metafísico». A função que lhe havia sido durante muito tempo atribuída, por servilismo para com a natureza e a realidade da vida, não é de maneira nenhuma a sua «essência». Este aspecto «metafísico» da «ilusão», que «ainda não tínhamos mencionado», é a «Repetição». Quase um «ritual». O «gesto» ancestral do homem que no limiar da história, queria afirmar-se. Fazer qualquer coisa uma segunda vez, de uma maneira artificial, «por sua própria conta» — a sua conta humana — repetir qualquer coisa que tinha sido feita antes pelos Deuses...» (sublinhados de TK) «W-W» mantém os dois elementos, a que chamei insólitos, do espectáculo anterior: a presença em cena do encenador e a participação dos manequins. Mas aqui TK surge muito mais profundamente enquistado no espectáculo como se de facto ele fosse, mais do que qualquer outro elemento, o espaço nuclear onde os acontecimentos, onde a memória dos acontecimentos (portanto, a sua repetição) se desencadeia. E ao mesmo tempo TK surge-nos como que cobrindo o espectáculo com uma sombra melancólica, como se ao recordar, a sua memória fosse esse espaço de sagrado que ele reivindica em que os mortos adquirem vida mas continuam irremediavelmente mortos. E, além disso, o encenador surge como um espectador, como se quisesse manter-se fora daquele fluir repetitivo de imagens de um passado morto, reinventado, outra vez coberto pelo tempo sem memória.

As várias faces da morte

Três instituições balisam este concerto sobre a morte: a família, a igreja, o exército. Vejamos a primeira cena do espectáculo com texto de TK:

«Eu Estou sentado no meio da cena. Eis

o texto do meu papel (que não representarei nunca). Esta é a minha avó Katarzyn a mãe da minha mãe, aquele é o seu irmão padre a quem chamávamos tio. Morrerá daqui a instantes além está sentado meu pai o primeiro à esquerda. Nas costas desta foto eis a sua saudade.

Uma data: 12 de Setembro de 1914.

Dentro em pouco chegará minha mãe, Helka, os outros são os tios e as tias. Todos, algures no mundo acabarão por se unir na morte. Jazem agora aqui nesta peça, como que impressos na memória:

Tio Karol... Tio Olek... Tia Manka... Tia Jozka...

Neste momento os «seus destinos» vão sofrer alterações decisivas, quantas vezes pouco gloriosas e se fossem ainda vivos perfeitamente intoleráveis.»

Enquanto esta descrição é feita os actores e os manequins que representam as personagens estão no palco em grupo como que para posar para uma fotografia.

Carlos Porto

E quando o protagonista da fita resolve assaltar um banco?

SIM, e quando o principal actor do filme sobre jovens ditos «marginais» é preso por assalto a um banco? Na passada quarta-feira 11, o primeiro actor de «Depressa, depressa», último filme de Carlos Saura, foi preso em Madrid depois de, com um amigo, assaltar o Banco de Viscaya na Rua Rios Rosas, nesta cidade.

«Depressa, depressa», ganhou no fim de Fevereiro o primeiro prémio do Festival de Berlim, onde fora estreado, e começou no passado dia 30 a sua carreira comercial em Madrid, de onde será levado a outras cidades.

O filme trata de questões relativas à delinquência juvenil em meios suburbanos, e, para o realizar, Carlos Saura contratou alguns jovens sem qualquer experiência de cinema, cujos papéis se baseiam na sua vida real. Foi exactamente o caso de José António Valdelomar Gonzalez, de 24 anos, protagonista da fita e agora preso por assalto à mão armada.

Ele e Manuel Solla Tellez, de 23 anos, entraram no banco cerca das 11 horas da manhã, um pouco à maneira de Hollywood, empunhando uma pistola Vesta de calibre 7,65 e uma Star de 9 milímetros.



É assim que José António Valdelomar aparece no cartaz de lançamento de «Depressa, depressa», ao lado de Berta Socuéllamos. Eles são o primeiro actor e a primeira actriz do filme de Carlos Saura

Ambos traziam os rostos cobertos por meias de «nylon». Um deles mandou os empregados e os clientes aterrorizados deitarem-se no chão e ficou a vigiá-los, enquanto o outro ultrapassava o balcão e se apoderava de 167 mil pesetas.

Logo a seguir fugiram a pé e pouco adiante apoderaram-se

de um táxi, obrigando o motorista a abandonar o carro sob ameaça de armas. Dado o tráfico, subiram para o passeio, mas, na esquina seguinte, foram de encontro a um Renault-6 ocupado por um par de noivos.

Agentes da Polícia que os perseguiram numa viatura «ci-

vil» da Brigada Central de Informação acabaram então por lhes dar voz de prisão. Valdelomar tinha no bolso o contrato, assinado por si, para o filme que o transformara em estrela de cinema.

O produtor do filme de Saura, Elias Querejeta, assediado pela Imprensa, mostrou-se profundamente surpreendido pelo comportamento de Valdelomar, que entretanto já tinha cadastro, bem como o seu associado no assalto.

«José António é uma pessoa encantadora, muito afável, muito sensível à amizade e cheio de sentido de responsabilidade no trabalho» — declarou. «O seu comportamento foi irrepreensível quer durante a rodagem, quer depois no Festival, quer durante a conferência de Imprensa de lançamento da fita. E esta minha opinião é, estou certo, a de todos quantos com ele se relacionam numa dessas situações».

Por seu turno, Carlos Saura recusou-se a fazer comentários sobre o sucedido: «É um acontecimento demasiado grave para ser tratado com ligeireza», disse.

Depois de ver o seu filme galardoado com o Urso de Ouro de Berlim, Saura explicou, a propósito de «Depressa, de-

pressa», que a sua obra não tinha pretendido ser um documento sociológico sobre a marginalidade, a delinquência juvenil ou os hábitos sociais da juventude dos bairros suburbanos. Saura pretendeu, sim, fazer um filme de ficção com base numa história de amor entre jovens que vivem apressadamente a vida numa cintura industrial de uma grande cidade, Madrid. Para preparar as filmagens, o realizador «mergulhou» durante dois meses no ambiente social dos seus personagens, filmando com um aparelho de vídeo um grupo de jovens no seu dia-a-dia. Assim encontrou os «actores» que viria a escolher para o seu filme. Tentou evitar quaisquer conclusões morais ou moralizantes, limitando-se a mostrar um quotidiano determinado.

Em Berlim, a crítica viria a destacar a «naturalidade» e a «verdade» das imagens através das quais seguimos a vida de quatro jovens, no Verão de 1980, em algumas zonas periféricas da cidade. A fita custou 36 milhões de pesetas, foi rodada em 9 semanas e, na altura, os seus intérpretes ocasionais disseram que nunca tinham pensado fazer cinema e que tinham acabado por rodar o filme exactamente como se estivessem a viver a sua vida normal.

Rápido



Oh, não! Mãe e filha lisboetas tal como as imagina o grupo actualmente no Poder: pouco sensíveis à questão política, relativamente pouco esclarecidas sobre a questão social, necessidades reduzidas além das alimentares, capazes apenas de revoltas no zoo. No Ministério dos Assuntos Sociais diz-se: «têm um lado humano».



Tocante! A Polícia, braço da lei, tal como a imagina o Ministério da Administração Interna: sempre disposta a ajudar as velhinhas a atravessar a rua e a evitar que as crianças sejam atropeladas ao saírem, correndo, das escolas. E quando tem de agir contra o crime, fá-lo como se vê. Está só? Angustiado? Telefone à Polícia

Superman regressa pela mão de Lester

ACABA de estrear o campeão das trucagens e dos efeitos especiais deste ano: o «Superman-2», passado das mãos de Richard Donner para as de Richard Lester, mas mantendo os actores básicos, nomeadamente Christopher Reeve, o protagonista, e Margot Kidder, a jornalista do «Daily Planet» dividida entre uma simpatia fraternal por Clark Kent, o tímido camarada do jornal, e uma paixão adolescente e fascinada pelo «Homem de Aço», aquela espécie de Robin dos Bosques voador vindo de outro planeta.

Richard Lester é o realizador de «A Hard Day's Night» e de «Help», com os «Beatles», e de «Petulia», «Os três mosqueteiros» e «A Funny Thing Happened On The Way To The Forum», entre outros. Aparecido no tempo em que se esfumava o breve fulgor dos «Angry Young Men» ingleses, quem diria que ele acabaria por vir a dirigir uma superprodução com as características desta?

«Interessou-me muito aprofundar alguns conhecimentos técnicos, sobretudo em matéria de trucagens e de efeitos especiais, coisas que eu desconhecia por completo», diz Lester sobre a saga de «Superman».

Lester tornou-se conhecido nas rodagens como um grande improvisador, o tipo de director que concede aos actores uma grande margem de liberdade. Ao mesmo tempo, porém, todos quantos trabalharam com ele são unânimes em dizer que ele não vem para o estúdio sem ter



feito o seu «trabalho de casa». Desta vez, inevitavelmente, dada a complicação e as sofisticadas técnicas do projecto, o «trabalho de casa» começou cedo para o realizador, e mesmo os literatos terão interesse em saber como ele se preparou: foi sobretudo em torno de dois gigantes blocos de notas.

«Um deles — é Lester quem fala — tornou-se num glossário contendo uma descrição sumária de todos os personagens e nomes que atravessam a longa aventura de «Superman». Krypton... que quer isso dizer? Supercão... Quando apareceu ele pela primeira vez? Como sai uma pessoa à rua para o passear? E assim sucessivamente. Acabamos prisioneiros de toda aquela imaginação delirante.

«O outro — continua o realizador — é um sumário de todas as histórias de banda desenhada sobre o «Superman», ao longo de 35 anos! Ambos os «livros»

foram instrumentos de trabalho preciosos para os argumentistas e para mim próprio, ajudando-nos a produzir novas áreas de acção sem fugirmos um milímetro que fosse à retórica de base do velho argumento».

A história que serviu de fundo para este «Superman-2» é de Mario Ruza, que trabalhou no texto a meias com David Newman e com Leslie Newman. Todos tinham o grande Tom Mankiewicz como consultor criativo. Eis a situação de base a partir da qual o filme é construído:

O «Homem de Aço», que vive o seu dia-a-dia disfarçado de um tímido repórter do «Daily Planet», de Metropolis, encontra-se ameaçado por um trio de «Supermaus» fugidos da prisão planetária onde o primeiro filme os tinha deixado. Eles têm poderes tão sobrenaturais como os dele, e, ao ameaçá-lo, ameaçam toda a Terra. Trata-se do megalómano general Zod, de belíssima e terrível Ursa e do gigantesco e brutal Non. O seu aparecimento na Terra dá a Lex Luthor, o maior génio do crime em solo americano, uma nova razão para viver. Tudo acabará por se resolver numa titânica batalha nas ruas de Metropolis... e nos seus céus.

O filme foi sobretudo rodado nos Pinewood Studios, em Londres, mas inclui sequências em Nova Iorque, Paris, nas cataratas do Niagara, no Canadá, numa remota zona a Norte da Noruega e em vários lugares em Inglaterra. A colecção de efeitos especiais inclui uma cena de destruição parcial da Torre Eiffel, a destruição total de uma

pequena cidade de província, um furacão nas ruas de Nova Iorque... Mas o público nova-iorquino ficou sobretudo espantado com o cenário familiar da tremenda batalha em Metropolis: é que ele é uma réplica exacta de determinado quarteirão no East Side de Manhattan... Só esse quarteirão custou a construir, nos estúdios Pinewood, para cima de dois milhões de dólares. Não mede mais de 250 metros de comprimento, mas, devido à técnica fotográfica especial utilizada, parece estender-se do East River ao Hudson...



Nua e crua! As desempregadas tal como as vê o Ministério do Trabalho: umas desavergonhadas que têm o que merecem, que estavam a mais na produção e que fariam melhor em procurar contratos a prazo no show-business. Ou não houve sempre trabalho no Parque Mayer?



ULTIMA PÁGINA Sete Ponto Sete

A Moda em Lisboa

NÃO é a que pode ser apresentada por Maria Leonor, no Ritz, a moda a que me refiro. Refiro-me àquela

moda que não é registada nas revistas, não é comentada em desfiles e passagens, não é assinada por grandes nomes internacionais, mas é, no entanto, a que vai marcando gerações de jovens trabalhadores (e marginais...) desta cidade. Moda parana, moda malandra. Moda que está para a de Dior ou de Nino Cerrutti como o Fordeco pintado de riscas amarelas com uma boneca espanhola está para o Ferrari, ou a Lurdinhas da mercearia está para a Marisa Berenson.

Ocorreu-me, ao tentar explicar a um filho meu como andavam vestidas as pessoas antes de haver «jeans», «T-shirts» e pronto a vestir (hipótese inimaginável para ele; pré-história vestimentar), que não conheço registos adequados de como é que a malta se tem enfarpelado por aí, desde que me conheço, em Lisboa. Falei nisto a várias pessoas da minha idade, e verifiquei que não tinham pensado nisto, nunca. Roupas é roupa, moda é moda, adquiere-se, esquece-se, a novidade surpreende e irrita: o passado não!

Mas a curta história da moda malandra que podemos recordar por ter conhecido, é também um «património» a conservar — e se alguém não achar que é, atiro-lhe para cima com tanta erudição possível e existente, que se calará logo. Bastaria ter visto a magnífica exposição municipal sobre o «Trajo popular em Lisboa», em 1979, para ver que o séc. XX quase não está documentado, e o nosso tempo, não está de todo. O Museu do Traje não tem ainda tratado, ou pelo menos exposto, este segmento menor, mas significativo, da forma da malta se apresentar por aí.

Proponho-me fazer uma série de quatro artigos, apontando alguns aspectos, tiques, ridículos e pormenores, que avivaram as memórias dos mais velhos, e abrirão os olhos a alguns mais novos...

Aí pelo fim da guerra, no tempo do «swing», do Clipper, do Passatempo da APA no Eden, um gajo e uma miúda tinham esta silhueta:

Mas no horizonte desenha-se já a figura que vai dominar a época seguinte: a «flausina». Fica para a próxima.

A moda de Lisboa

A referência cine da «flausina» é a BB dos primeiros tempos.

O estilo era uma preciosidade: o cabelo formava um «melão» tanto mais apreciado quanto mais alto fosse (em França chamava-se «je sais tout» pela fabulosa capacidade craniana que inculcava...); as saias da «flausina» formavam um pão, suportado por saias de baixo engomadas — ao subir para o eléctrico ou nas escadas do metropolitano, a «flausina» mostrava, inevitavelmente, as calcinhas (foi uma grande época para os «voyeurs» senis!). Os sapatos das «flausinas» de bairro eram característicos — a indústria ainda só tinha inventado os tacões de agulha, forrados, e as calçadas de Lisboa encarregavam-se de esfolar o forro, dando-lhes um ar de flor de onde surgia uma ponta luzidia de aço! Era além de mais uma arma terrível: uma «flausina» enfurecida brandindo um sapato com a ominosa ponta em riste, fazia hesitar os mais valentes, mas isso não era conhecido na cidade chique... O sapato tinha uma biqueira afilada, mas, como ficava oca, tomava rapidamente um ar engegado muito característico.

E o matulão da «flausina»?

Esse usa um casaco indecentemente curto, com uma rachinha atrás muito pequena, que lhe dá um ar de rabo de insecto, e o cabelo curto, formando uma franja ou pastinha sobre a testa. O corte malandro dos casacos é característico: um jaquetão que aperta a barriga como uma cinta, formando o peito um papo atlético...

«Cha-cha-cha», baiões e mambo, dança a «flausina».

concurso de «swing» no lago da Feira Popular só os avós dos de agora, à Travolta.

Chega para situar o estilo.

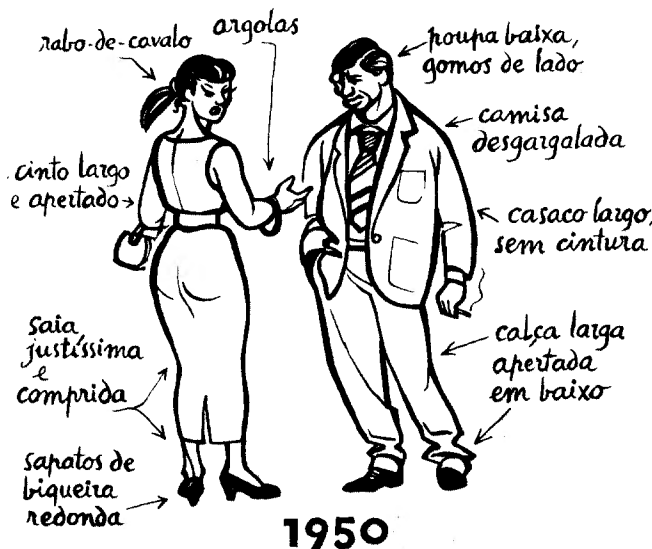
Na próxima, será Eddie Constantine a dominar o estilo dos mecos.

Acabados os «pipis» aí pelos primeiros anos da década de 50 (em Lisboa! no Porto parece que dura o estilo sempre um pouco mais, e é mais exagerado...) aparece outra silhueta — a «Eddie Constantine», com casaco muito largo, sem cintura, calças muito estreitas em baixo e largas em cima de modo a dar um efeito «de harmónio» junto ao pé, o nó da gravata enorme e nunca apertado (para distinguir do «pipi», que o usava minúsculo e apertadíssimo!) e o colarinho

entreaberto. O estilo procurado era entre aborrecido e ameaçador: andar arrastado, ar de estar sempre pronto a esmurrar um hipotético «gangster» marselhês, beber uma inexistente garrafa de «whisky» à moda do Lemmy Caution, e abraçar uma «boneca» («une pepée bien roulée»).

E «pepées bien roulées» havia!

À dúzia! Sempre torneadas numa saia incrivelmente apertada, com um cinto largo absurdamente apertado, as Dominique Wilms dos bairros estavam prontas a ser as «mômes» dos gangsters dos seus sonhos (coitados, aprendizes ou terceiros oficiais, ou ajudantes da farmácia...)

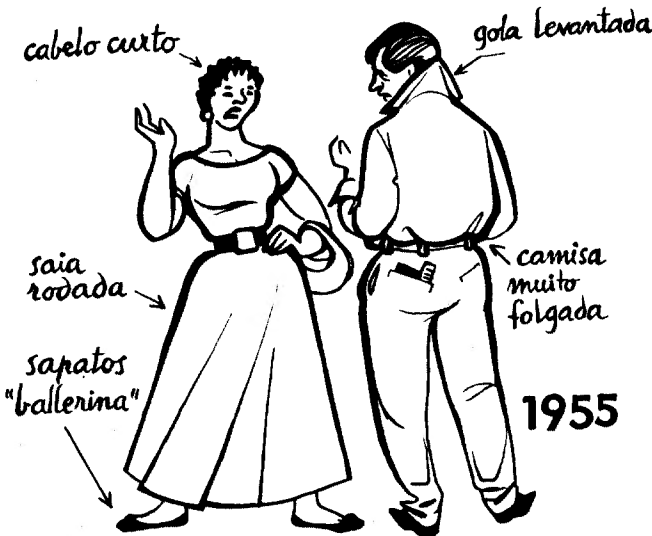


1950

Depois, Audrey Hepburn fez as «Férias em Roma» — e por todo o Mundo proliferaram as cabeças de cabelos curtos, saias de imensa roda e sapatas «balerinas». As Audrey Hepburns de Campolide, da Graça e do Alto do Pina, gorduchas, de grande pata esborrachando as «balerinas», faziam charme aos príncipes romanos cá do sítio. Dado Ruspoli podia dominar

Capri pela elegância; mas tinha as suas réplicas nas férias da Trafaria ou em Algés: camisa aberta até ao umbigo, cordão com medalhinha, gola da camisa levantada em bico, atrás.

Este é um estilo e uma época dominada pela Itália: a referência cine é Lollobrigida, trauteia-se o baião da «Ana» e «Three Coins in the Fountain».



1955



1960

A mini-saia atingiu os bairros sem chegar aos extremos a que chegou a cidade chique, curiosamente. A sua variante mais erótica, o fugaz «hot-pant», quase não se viu nos bairros, a não ser usado por tipas realmente chingas — mas os cabelos em abóbora, esses sim, floresceram.

Eles, os matulões, em compensação, levaram as bandas do casaco, as calças em boca de sino, de que se acompanhavam e em bico, até aos mais belos e ridículos extremos. (A voz de Paulo de Carvalho chegava a todo o lado, mas a sua imagem na Televisão também, e de que maneira!)

Mas seria sempre um estilo incompatível com a mini-saia, que começava a despontar em Carnaby Street. A entrada do estilo da mini-saia, nos bairros, não é já feita pelo efeito-demonstração do cinema e dos figurinos: estes são os anos da implantação do pronto-a-vestir nas lojeças locais. Ver-se-á, na próxima tirada desta saga da farpela, a mini-saia.

Os «hippies» e o «flower power» não chegaram cá significativamente: os movimentos

anti-Vietname e «ban-the-bomb» não tiveram forma vestimentar aqui. A guerra colonial, de que se acompanhou, na forma de vestir? Porquê? Que pensa, leitor?

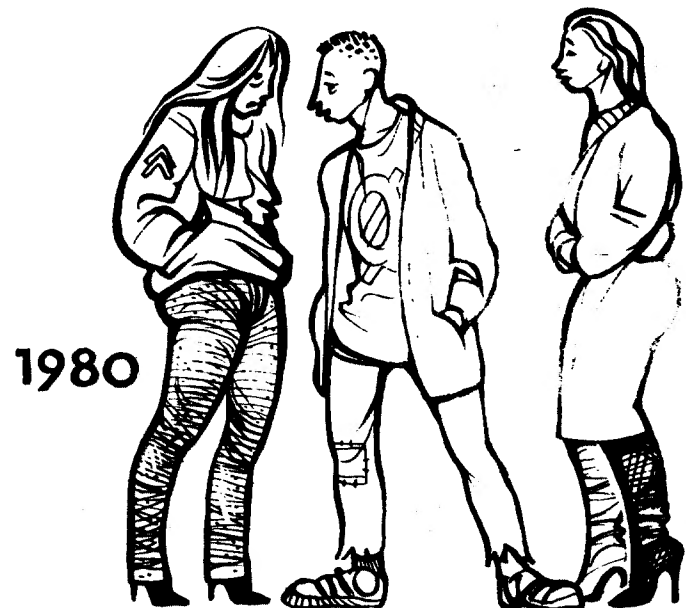
Não foi só para que lembre a forma de vestir da malta do seu tempo, leitor ou leitora de 50, 40 ou 30 anos (e metendo a mãozinha na consciência, seja tolerante para com as figuras que fazem os seus filhos, que escrevi estas notas sumárias e caricaturais...



1970

Por estes anos dos fins da década de 50 e primeira parte da de 60, aparece o que julgo ser a única moda feminina verdadeiramente nascida em Portugal, desde o biódo na corte do séc. XVIII: o uso da «samarra» ribatejana, cinzenta, com gola de

raposa, e um lenço posto à moda saloia (não de outra) sobre a cabeça. Desde a duquesa até à caixeira, todas as jovens usavam este traje de Inverno. Chegava a parecer um uniforme. E, no seu género modesto e igualitário, era, sem dúvida, bonito...



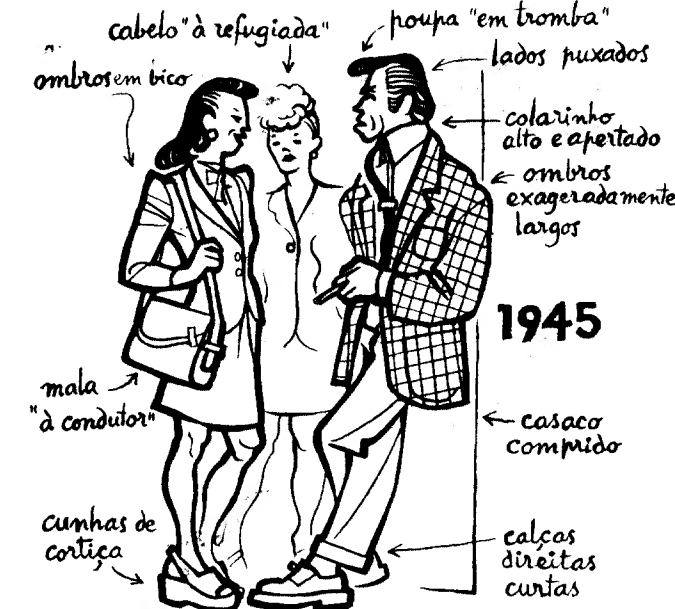
1980

O traje citadino malandro, réplica atrasada e exagerada da moda cosmopolita, é um bom termómetro ou indicador dos conflitos declarados numa sociedade urbana desenraizada, tanto como o traje popular, folclórico, etnográfico, representava a cristalização de conflitos latentes numa sociedade fechada e estratificada. Explodido este estado latente, e relegado o traje tradicional para os museus ou para a falácia dos ranchos

folclóricos, é importante saber interpretar o significado das flutuações do modo de vestir do citadino (e do rural sob influência citadina), tanto como saber interpretar o seu discurrir expresso.

Isso não se pode fazer em curtos apontamentos de jornal, mas algumas pistas ficaram lançadas, ainda que escondidas. Boa caçada!

J.P. Martins Barata



1945

Ele era um «pipi» (ó pipi, toma lá grão!). Por esta altura começa a dizer-se de uma coisa boa ou grande que é «bestial», nasce e exagera-se o tique «pá»; o locutor Artur Agostinho adquire o

hábito de chamar «simpáticos» aos espectadores (constituindo assim a única relíquia viva deste «estilo»...). A referência cine é Betty Grable. A música é Glenn Miller e Carmen Miranda. Os